



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSÂNGELA CRISTINA GONÇALVES

**NOSSAS NARRATIVAS NEGRAS:
Memórias - Identidades e Educação**

CAMPINAS

2023

ROSÂNGELA CRISTINA GONÇALVES

NOSSAS NARRATIVAS NEGRAS:

Memórias - Identidades e Educação

*Tese apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade
Estadual de Campinas como
parte dos requisitos exigidos
para a obtenção do título de
Doutora em Educação, na Área
de Educação*

Orientadora: Nima Imaculada Spigolon

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELA ALUNA ROSÂNGELA CRISTINA
GONÇALVES E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. NIMA IMACULADA SPIGOLON

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

G586n Gonçalves, Rosângela Cristina, 1967-
Nossas narrativas negras : memórias, identidades e educação / Rosângela
Cristina Gonçalves. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Nima Imaculada Spigolon.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Racismo na educação. 2. Memória. 3. Identidade. I. Spigolon, Nima
Imaculada. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Our black narratives : memories, identities and education

Palavras-chave em inglês:

Racism in education

Memory

Identity

Área de concentração: Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Nima Imaculada Spigolon [Orientador]

Elisabete Figueroa dos Santos

Waleska Miguel Batista

Marleide Rodrigues da Silva Perrude

Rita de Cássia Fraga Machado

Data de defesa: 19-12-2023

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-2681-2811>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7080740535068841>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**NOSSAS NARRATIVAS NEGRAS:
Memórias - Identidades e Educação**

ROSÂNGELA CRISTINA GONÇALVES

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Nima Imaculada Spigolon

Profa. Dra. Elisabete Figueroa dos Santos

Profa. Dra. Waleska Miguel Batista

Profa. Dra. Marleide Rodrigues da Silva Perrude

Profa. Rita de Cassia Fraga Machado

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente as minhas ancestrais, aquelas que me antecederam e abriram caminhos para que pudesse realizar este trabalho.

Dedico a Deus e aos Orixás que me guiaram na escrita;

Dedico aos meus pais Levindo Honório Gonçalves (*In Memoriam*) e Terezinha Pereira Gonçalves (*In Memoriam*);

A Professora Doutora, minha orientadora Nima I. Spigolon, que generosamente me acolheu num momento de fragilidade e sempre esteve ao meu lado incentivando e segurando minhas mãos nos momentos de incerteza;

Aos meus irmãos e minhas irmãs, sobrinhas e sobrinhos;

Aos meus queridos e queridas alunos/as, que aceitaram compartilhar comigo suas histórias e memórias;

A todos os outros alunos e alunas que durante minha trajetória profissional estiveram presentes nas minhas aulas e me fizeram ser esta profissional comprometida com uma educação;

Às minhas amigas, professoras que me incentivaram a escrever e compartilhar minha história de vida no processo educativo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos (a)s envolvido(a)s neste processo:

A Deus e aos meus antepassados pela presença nesta jornada,

Aos meus pais (*In memoriam*), que me concederam a vida e propiciaram chegar até aqui.

Às minhas irmãs e aos meus irmãos, que sempre estiveram presentes e me incentivaram a nunca desistir.

À minha eterna orientadora que me acolheu e me incentivou a acreditar na minha história.

Aos meus queridos alunos e alunas que se voluntariaram a colaborar para que esta pesquisa fosse concluída.

As Professoras Marleide, Aparecida de Jesus, Elisabete, Waleska e Rita Machado por aceitarem fazer parte desta história.

Às minhas amigas de caminhada, em especial a Luciana Maria Ricci do Valle Mesquita, que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis desta jornada.

Aos colegas de grupo de pesquisa – GEPEJA, Luci Chrispim Pinho Micaela e César Ferreira que muito colaboraram nesta etapa.

Agradecimento especial à Giovana Umbuzeiro Valent que desde o início teve uma grande participação nesta tese, primeiramente transcrevendo as entrevistas e, posteriormente, fazendo o trabalho de revisão final.

Enfim, a todos que, de maneira direta ou indireta, me propiciaram chegar até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as trajetórias e memórias de estudantes negros e negras egressos da escola pública estadual – Colégio Culto à Ciência, localizado na cidade de Campinas, estado de São Paulo e indagar: como as experiências dos estudantes no interior do Colégio marcaram o pertencimento e identidade racial; como a falta de representatividade negra no ambiente escolar afeta o emocional dos estudantes; como suas experiências escolares marcaram suas memórias e trajetórias, trazendo uma conscientização sobre ser negro. O colégio é uma escola centenária e referência na cidade, por onde passaram nomes ilustres no cenário campineiro e nacional, tanto em seu quadro docente como discente, sendo objeto de desejo de milhares de estudantes e familiares, tanto no período de sua constituição até os dias atuais. O pressuposto assumido na tese foi como as práticas escolas desenvolvidas no interior da escola invisibilizaram a presença de estudantes negros, apagando o seu processo de representatividade e identidade e deixando marcas profundas na memória e nos seus processos de aprendizagem. Quanto a metodologia de pesquisa e escrita, a investigação consistiu em analisar qualitativamente as narrativas dos estudantes entremeadas pela autobiografia, as memórias e trajetórias dos estudantes, utilizando-se de narrativa autobiografia e dos dados coletados através de entrevistas a partir de um referencial teórico sobre a temática e da análise dos documentos presentes nos arquivos escolares que pertencem ao Memorial da escola, que teve em seus quadros de aluno e docente o Professor Antônio Ferreira Cesarino Junior, aluno negro no início do século passado. A sua trajetória foi marcada pelo racismo, assim como a dos estudantes entrevistados que ao rememorarem episódios vivenciados no interior do colégio, trouxeram dor e algum (re)sentimento não no sentido de vingança, mais de entenderem a necessidade de maior representatividade negra no espaço escolar e como isso passa a ser importante no processo de construção da identidade dos alunos. Por fim, os resultados da pesquisa demonstraram como esses alunos e alunas foram invisibilizados em sala de aula, levando-os a baixa autoestima, a um processo de apagamento e invisibilização dos egressos e a ausência de políticas de inclusão dessa população no interior da escola. Mas também pode-se verificar um amadurecimento, conscientização e maior identificação com as temáticas étnico raciais, muitos anos após suas passagens pela instituição, os estudantes egressos ressaltaram a importância de uma mudança nas práticas pedagógicas exercidas pelos profissionais do Colégio e uma maior inclusão dos alunos negros nos projetos elaborados pela instituição.

Palavras-chave: educação antirracista; memória; identidade.

ABSTRACT

The objective of this research was to examine the experiences of Black students who graduated from Colégio Culto à Ciência, a state public school in Campinas, São Paulo. The study aimed to investigate how these students' encounters within the school shaped their racial identity, focusing on the impact of the lack of black representation on their emotions. Additionally, the research delved into how their school experiences influenced their memories and trajectories, fostering awareness about their Black identity. Colégio Culto à Ciência, a century-old institution and a prominent fixture in Campinas, has seen the passage of Notable individuals in both the teaching staff and student body have passed by Colégio Culto à Ciência, a century-old and prominent institution in Campinas. It has been a sought-after educational institution for thousands of students and families from its establishment to the present day. The thesis operated under the assumption that school practices within the institution contributed to rendering the presence of Black students invisible, thereby erasing their representation and identity, and leaving lasting imprints on their memory and learning processes. The research methodology involved a qualitative analysis of students' narratives intertwined with autobiography, exploring their memories and trajectories. Employing narrative autobiography and data collected through interviews, grounded in a theoretical framework, the study also scrutinized documents from the school archives housed in the school's Memorial. These documents pertained to Professor Antônio Ferreira Cesarino Junior, a Black student at the beginning of the last century who later became part of the teaching staff. His career, like those of the interviewed students, was marked by experiences of racism. Recalling episodes with their peer, the students expressed pain and a (re)evaluation, not driven by revenge but by an understanding of the necessity for increased black representation in the school environment and its significance in shaping students' identities. Ultimately, the research revealed how these students were rendered invisible in the classroom, resulting in low self-esteem, an erasure and invisibilization of the graduates, and lack of inclusion policies for this population within the school. However, over time, the graduates demonstrated maturity, heightened awareness, and a stronger identification with ethnic-racial issues. Many years after their experience at the institution, they emphasized the importance of changes in the pedagogical practices exercised by the school's professionals and advocated for greater inclusion of Black students in the institution's projects.

Keywords: anti-racist education; memory; identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM

Imagem 1 -	Pesquisando os documentos no Memorial do Colégio Culto à Ciência	24
Imagem 2 -	Entrada da Escola Estadual Bento de Abreu Sampaio Vidal	27
Imagem 3 -	Fachada do Grupo Escolar Tomás Antônio Gonzaga	28
Imagem 4 -	Professores do Grupo Escolar Tomás Antônio Gonzaga nos anos 80	28
Imagem 5 -	Finalização do Ginásio no Grupo Escolar Tomás Antônio Gonzaga em 1982	29
Imagem 6 -	Colocação de Grau do curso de Licenciatura em Ciências Sociais	34
Imagem 7 -	Reportagem sobre trabalho realizado com alunas da EE Dr. Thomaz Alves	38
Imagem 8 -	Participação no evento do INEP	38
Imagem 9 -	Retrato de Antônio Ferreira Cesarino Junior	52
Imagem 10 -	Retratos de bisavós paternos de Antônio Ferreira Cesarino Junior	53
Imagem 11 -	Documento em que o pai de Antônio Cesarino Junior solicita isenção da taxa de matrícula	55
Imagem 12 -	Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 3º ano; entre eles, o nº 13, Antônio Ferreira Cesarino Junior	57
Imagem 13 -	Livro-Ponto de Lentes e Catedráticos com assinatura de Antônio Cesarino Junior	60
Imagem 14 -	Quadro dos Lentes e Catedráticos homenageados no Memorial	66
Imagem 15 -	Quadro dos Lentes e Catedráticos homenageados no Memorial (continuação)	66
Imagem 16 -	Professor Catedrático Antônio Ferreira Cesarino Junior na USP	67
Imagem 17 -	Sala Prof. Dr. Cesarino Junior na Universidade de São Paulo	68
Imagem 18 -	A autora com Isabela Ferreira de Oliveira	121
Imagem 19 -	Ana Paula Félix	121
Imagem 20 -	Mayara Christine Salgado Silva	121
Imagem 21 -	Pedro Luiz Barborana	121
Imagem 22 -	Gabriela Luciana Joaquim	121
Imagem 23 -	Gabriela de Araújo Rodrigues	121
Imagem 24 -	Bárbara Santana Rodrigues	122
Imagem 25 -	Letícia de P. Carvalho	122
Imagem 26 -	Nayara Giovana Silva	122
Imagem 27 -	Júlia Lavagnini Maia	122
Imagem 28 -	Jordan Pacheco Coutinho	122
Imagem 29 -	Thiago Matheus M. S. Z. Silva	122

Imagem 30 -	Géssica Teutônio da Silva	122
Imagem 31 -	Moláyò Òkòtó (Andreza Amorim)	122
Imagem 32 -	Luana Modesto de Souza	123
Imagem 33 -	Luana Modesto de Souza, a autora e Gabriela Luciana Joaquim	123
Imagem 34 -	Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 4º ano (entre eles, Antônio Ferreira Cesarino Junior)	135
Imagem 35 -	Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 5º ano (entre eles, Antônio Ferreira Cesarino Junior)	136
Imagem 36 -	Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 6º ano (entre eles, Antônio Ferreira Cesarino Junior)	137
Imagem 37 -	Livro Publicado pelo Prof. Antônio Ferreira Cesarino Junior	138
Imagem 38 -	Na Faculdade de Direito- USP, fotografando a sala em homenagem ao Prof. Antônio Ferreira Cesarino Junior	139
Imagem 39 -	Placa em homenagem ao Prof. Antônio Ferreira Cesarino Junior na Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo)	140
Imagem 40 -	Artigo 138 da Constituição Federal de 16 de julho de 1934	141
FIGURA		
Figura 1 -	Quadro parcial das relações de parentesco Antônio Ferreira Cesarino Junior	53

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Metodologia.....	19
1.2 Interpretando documentos	21
2. A MULHER NEGRA E A TRAJETÓRIA DE LUTA CONTRA O RACISMO ESCOLAR.....	25
2.1 Formação e atuação profissional: histórias de resistência.....	33
2.2 Vitória sobre a invisibilização	36
3. OS SUJEITOS HISTÓRICOS DA PESQUISA	39
3. 1 Representatividade e construção da identidade	41
3.2 Cesarino, o anticonformista: racismo produzido no interior da escola.....	52
3.3 Resistindo ao preconceito.....	58
4. A EDUCAÇÃO E A ESCOLA PÚBLICA: COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA	62
5. AS NOSSAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DOS ESTUDANTES NO INTERIOR DA ESCOLA PÚBLICA: INSERÇÃO E PERCEPÇÃO COMO NEGRAS E NEGROS	74
5.1 Memória, racismo e ressentimento	75
5.2 Memórias de alunas e alunos do Culto à Ciência	80
6. CONCLUSÃO.....	123
BIBLIOGRAFIA	128
ANEXOS	135

APRESENTAÇÃO

Ainda assim eu me levanto¹

*Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar*

*Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas*

*Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.*

*Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh 'alma enfraquecida pela solidão?*

*Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim*

*Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar*

*Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Porque eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?*

*Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré
Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto*

¹ Angelou (2020, p. 175-176).

A escolha do tema de investigação² está relacionada com fatos ocorridos durante minha trajetória escolar, que descreverei mais adiante e por que não dizer da minha trajetória de vida familiar também. O fato de ser a única aluna negra nas salas de aula onde estudei de certa forma me deixava invisível aos olhos dos professores, mas não de colegas de sala, que me nomeavam dos mais variados apelidos. Nunca entendi o porquê de não haver outras crianças negras nas salas de aula. Também não entendia por que não via professores negros, mas via muitos funcionários negros nas escolas como: merendeiras, profissionais de serviços gerais e poucas inspetoras de alunos.

Foi então a partir de minha vivência sobre ser invisível no contexto escolar que resolvi tê-la como objeto para elaborar meu projeto de doutorado e concorrer à seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação em 2017. A questão levantada era se após a implementação da Lei 10.639 de março de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação³ que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, a questão da invisibilidade e representatividade dos alunos negros em sala de aula ainda permaneciam através de práticas docentes.

Outro questionamento se relaciona com a minha experiência docente na Escola Estadual “Culto à Ciência”⁴, que teve em seu quadro discente e docente o aluno negro Antônio Ferreira Cesarino Junior, que teve sua história invisibilizada.

A pesquisa foi demarcada em três momentos distintos: um primeiro trago minha autobiografia, o segundo foi o levantamento da documentação da trajetória de Antônio Ferreira Cesarino Junior no período em que este foi aluno e professor da Escola Estadual “Culto à Ciência” e posteriormente na Universidade de São Paulo, e finalmente, o terceiro momento foi marcado pelas entrevistas com um grupo de alunos egressos do Colégio analisando suas trajetórias escolares no período em que frequentaram o Colégio. O objetivo foi comparar as trajetórias escolares dos alunos com a de Antônio Cesarino Junior, verificando as mudanças, permanências e suas percepções sobre a questão étnico-racial, como essa questão interfere na autoestima do aluno, no seu desempenho escolar e nas opções de continuidade após a conclusão do Ensino Médio.

² O estudo teve o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE 45327520.6.0000.8142.

³ Essa lei nº 9394 de 1996 aprovada pelo Ministério da Educação substituiu a Lei 5692/1971.

⁴ Antigo Gymnasio de Campinas, fundado em 1869.

Neste ano em que a lei 10.639/03⁵ celebra seus vinte anos de implementação, trago as narrativas dos alunos egressos da escola pública, no sentido de compreender que mesmo após este período ainda temos um longo caminho a percorrer. No sentido de contar a história do Brasil e falar de África, contar como os negros contribuíram para a formação histórica do Brasil, que vai além da dimensão cultural, para além da economia, da construção do conhecimento em suas singularidades e particularidades.

A presente pesquisa dialoga com as minhas memórias e as experiências narradas pelos estudantes durante o período em que frequentaram a instituição, passando pela história do Professor Antônio Ferreira Cesarino, que teve sua identidade marcada e atravessada pelo preconceito racial. Este trabalho aponta para a importância da representatividade negra, observa que a cor ganha um contorno e uma marca maior no que tange a representatividade e ao multiculturalismo presente na sala de aula, pois se há somente uma pessoa de cor na sala de aula, ela é racializada pelos outros ou simplesmente invisibilizada pelos professores, como demonstra hooks (2017, p. 63):

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. (...) Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.

hooks explica por meio do reconhecimento do multiculturalismo, como o educador pode adotar práticas pedagógicas de visibilização do educando, elevando assim a sua autoestima e motivando seu desempenho e interesse em seu processo de aprendizagem.

Baseado nas pesquisas realizadas e nas minhas experiências enquanto docente, esta tese dispõe-se indagar sobre as seguintes questões:

- a) Como as experiências dos estudantes no interior do Colégio marcaram o pertencimento e identidade racial deles/as?**
- b) Como a falta de representatividade negra no ambiente escolar afeta o emocional dos estudantes?**
- c) Como suas experiências escolares marcaram suas memórias e trajetórias, trazendo uma conscientização sobre ser negro?**

Para delinear melhor meus argumentos, estruturei a tese da seguinte forma:

⁵ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Começo com a **Introdução** trazendo as abordagens metodológicas que foram utilizadas na pesquisa, esclarecendo o porquê da escolha, haja vista que perpasso pela metodologia da análise qualitativa através da apreciação das narrativas dos estudantes entremeadas pela autobiografia, além do estudo e análise dos documentos, através da cultura material escolar dos arquivos do memorial do colégio. Relato minha trajetória de aluna e profissional negra trazendo uma abordagem etnográfica educacional em que analiso e observo como esses sujeitos se reconheciam e se inseriram no espaço escolar enquanto corpos negros.

No **Capítulo 2**, discorro minha autobiografia enquanto mulher negra e meu processo de constituição e fortalecimento na militância educacional por meio das minhas experiências como aluna negra e posteriormente como profissional na educação, inclusive, no Colégio Culto à Ciência. Enquanto aluna e professora de história, trago memórias de como estas diferentes etapas trouxeram uma conscientização sobre a questão de ser negro e como o estudante precisa reafirmar sua identidade para conseguir ascensão no interior da escola.

No **Capítulo 3**, intitulado de “Os sujeitos históricos da pesquisa”, apresento os sujeitos desta pesquisa, onde me coloco como tal, juntamente com os/as educandas que contribuíram para a sustentação da tese. São alunos e alunas negros que iniciaram suas trajetórias de estudantes do ensino médio no Colégio Culto à Ciência, trazendo também a trajetória do aluno Antônio Ferreira Cesarino Junior, um dos primeiros alunos e posteriormente professor negro do Colégio.

No **Capítulo 4**, analiso a fundação do Colégio Culto à Ciência e o período histórico que a cidade de Campinas estava atravessando. Discorre sobre como a educação foi tratada pelas autoridades competentes e sua importância no cenário estadual e nacional que estava se desenhando, de modo que as famílias aspiravam ter seus filhos formados por esta instituição. Faço também uma análise da trajetória de vida escolar de Antônio Ferreira Cesarino Junior e, depois, de sua atuação como professor do Colégio dialogando com os alunos e trazendo minha experiência enquanto professora naquele espaço que invisibilizava os corpos negros ali existentes.

No **Capítulo 5**, inauguro com a análise das trajetórias dos alunos egressos do Colégio Culto à Ciência à luz dos conceitos de identidade e representatividade, dialogando com os estudos da educação antirracista, letramento racial e as legislações vigentes. Apresento uma análise das narrativas dos entrevistados entrecruzando com a trajetória de Antônio Ferreira Cesarino Junior e com a minha trajetória, trazendo nitidez para suas semelhanças no tocante às questões de invisibilização no contexto escolar. Num segundo momento, faço uma discussão sobre as memórias trazidas pelos estudantes e como essas lembranças impactaram cada um e

cada uma. A partir de uma perspectiva sociológica, analiso como memória e (res)sentimento atuaram neste processo de constituição das identidades.

Na **Conclusão**, trouxe uma análise do que foi este processo de escuta, em que nossas narrativas sobre a passagem pelo Colégio trazem a percepção de que a questão racial foi atravessada por todos os personagens trazidos aqui. O fio condutor deste processo foi marcado por momentos de dor e algum ressentimento das situações vivenciadas, no entanto, assim como Cesarino, eu e os estudantes conseguimos sobreviver às opressões do sistema educativo.

1. INTRODUÇÃO

*Se quer saber o final, preste atenção no começo.
Provérbio Africano⁶*

A questão racial tem chamado minha atenção há muito tempo, principalmente nos últimos vinte anos, com a legislação que introduziu e regulamentou a história e cultura da África nos currículos escolares, sendo que em minhas aulas já trazia este contexto contrapondo com a versão eurocentrada presente nos materiais didáticos, principalmente da Área de Ciências Humanas e Sociais. Com o processo de democratização e obrigatoriedade da matrícula, aquela parcela da população que antes havia sido alijada do processo educacional, especialmente a negra passou a ter acesso ao ensino, propiciando uma heterogeneidade neste espaço, marcado pela homogeneidade dos corpos. No entanto, não se viam representados nos livros didáticos com sua história e toda contribuição que o povo africano para formação da nossa identidade.

Nas escolas públicas temos essa diversidade, os alunos e alunas negros e negras ganham assento aos bancos, o que não se traduz em visibilidade em sala de aula. O que temos é um apagamento de suas identidades, muitos acabam não aprendendo, tendo seu processo de aprendizagem negligenciado levando ao abandono da escola.

A escola pública nem sempre foi palco de um discurso inclusivo e democrático. Na implantação da educação pública, muitas classes sociais estiveram fora deste processo. Muitas escolas eram elitistas e, mesmo sendo públicas, estes espaços não foram pensados e planejados para as classes menos abastadas, mas sim para uma determinada elite, ou seja, aqueles que de acordo com os grupos idealizadores deveriam conduzir os rumos da sociedade, os quadros de dirigentes da cidade, da província e até mesmo na nação.

Na cidade de Campinas, a escrita se fez presente na construção de processo educacional, onde duas escolas foram idealizadas com base neste princípio. Uma dessas instituições foi o Colégio Culto, que neste ano completou 150 anos de fundação. Foi tida como uma escola de educação popular, mas na verdade construída para atender a uma elite cafeeira. No decorrer do processo se torna uma escola referência na cidade, sendo objetivo de várias famílias terem seus filhos formados por esta instituição.

Esse Colégio, tido como referência, teve em seu espaço muitas autoridades e personalidades que marcaram seus nomes no cenário da cidade, levando as famílias a aspirarem que seus filhos e filhas frequentassem esse espaço. A fama e a credibilidade do ensino

⁶ Pensador (2023).

atravessaram décadas, ganhando notoriedade e referência em ensino na cidade e região. Com o processo de democratização nos anos 70/80 do século passado, muitos filhos de trabalhadores passaram a ocupar este espaço e, já no início do século, essa ocupação também atingiu alunos negros e negras oriundos da periferia da cidade e das redondezas.

Este estudo tem como objetivo compreender as diferentes narrativas e posicionamentos de alunos e alunas negros, egressos do Colégio Estadual Culto à Ciência na primeira década do século XXI, e como estes se perceberam neste espaço frente às questões das relações raciais. Não tenho o propósito de discutir o conceito de raça, mas sim demonstrar como o racismo, principalmente o institucional, impossibilita a convivência dos alunos negros e negras no interior da instituição escolar e atravessa suas identidades.

O trabalho foi desenvolvido a partir do depoimento oral de quinze estudantes negros e negras (três alunos e doze alunas), tendo como pressuposto a importância de seus percursos no período em que frequentaram a escola. Além de fazer uma análise da história de Antônio Ferreira Cesarino Junior, negro, aluno do Colégio que, no início do século passado, teve sua história marcada pela passagem neste espaço de educação pública.

Por meio das narrativas, memórias e experiências vividas pelos sujeitos no contexto da unidade escolar, a proposta é compreender e analisar as discriminações sofridas, e mostrar como representatividade e diversidade estão intimamente ligadas ao modo como as relações raciais se desenvolvem no interior das escolas, no processo educativo. Cada aluno ou aluna teve reações diferentes, em momentos diversos, em relação aos processos discriminatórios sofridos na instituição: indiferença ao preconceito, conformação, revolta e silenciamento a não-percepção de casos de racismo, como esse se manifesta na trajetória escolar de cada um. Esse caminho será marcado por dúvidas, silêncios, constrangimentos e pelo amadurecimento que veio com a saída do colégio.

A importância das experiências vividas pelos alunos em seus processos de crescimento no combate ao racismo e na percepção enquanto sujeitos negros traz uma reflexão de como a escola e, por conseguinte, a relação professor-aluno expressará as diferentes posturas diante da questão racial. Esta tese visa analisar a construção da identidade dos alunos negros no contexto da sala de aula e como ganham “visibilidade” enquanto sujeitos partícipes do processo de ensino-aprendizagem, do ponto de vista de seus professores. Como aluna negra na escola pública, fui apelidada por meus professores de “loirinha” e “miss Alemanha”. Aos olhos deles, fui “embranquecida” para ser incluída entre meus colegas brancos, já que era a única negra da sala. Essa é uma lembrança que, por mais que tente, não consigo apagá-la de minha memória.

As experiências narradas aqui são individuais e ao mesmo tempo, sociais. As memórias trazidas pelos educandos e educandas demonstram uma subjetividade do tempo vivido, já que cada um tem o seu próprio tempo, influenciado pela fantasia, pela memória, pela imaginação e pelos contatos sociais. O tempo escolar é uma construção histórica, social e cultural marcada por compassos e regularidades, pelo tempo de longa duração (a obrigatoriedade escolar) e pelo tempo de curta duração (o ano letivo, a jornada, os horários de aula).

Contudo acredito que a experiência contemporânea pode ser considerada como um parâmetro para futuras interpretações. A memória na atualidade pode ser ressignificada. O tecer narrativo da experiência na memória vislumbra possibilidades na educação, no cotidiano da sala de aula. O processo de construção da identidade do aluno negro passa pelas suas lembranças no interior de uma sala de aula. Lá as primeiras noções de ser negro numa realidade de exclusão e invisibilidade ganham sentido na sua trajetória futura. Hoje reconheço que o fato de ter sido invisível e ter minha identidade negada pelos meus professores influenciou muito na construção de minha identidade.

O ser negro se torna um desafio à luz dos discursos e situações vivenciadas, percebe-se que as escolas ainda não estão totalmente preparadas para uma convivência com os estudantes negros. Isso é demonstrado na minha história, na do professor Antônio Ferreira Cesarino Junior e, principalmente, nas narrativas dos estudantes mesmo numa cronologia mais próxima dos tempos atuais. Essas três gerações vivenciaram situações análogas no que se refere a sua identidade e representatividade.

1.1 Metodologia

A pesquisa foi realizada na cidade de Campinas, com alunos e alunas negros e negras, egressos do Colégio Estadual Culto à Ciência, tradicional na cidade, construído no final do século XIX por fazendeiros e comerciantes muitos ligados à Maçonaria, que se utilizavam de um discurso baseado nos modelos de ensino norte-americano (Carmargo, 2021). A escola estudada apresenta características bem distintas em relação a outras instituições estaduais de ensino da cidade de Campinas, pois está localizada na região central e tem atualmente uma população escolar oriunda de vários bairros da cidade e da Região Metropolitana de Campinas, que veem na escola um espaço de ensino privilegiado para continuidade e acesso ao ensino superior.

A narrativa é a linha que perpassa toda a pesquisa, pois traz as histórias das alunas e alunos egressos da escola pública com o objetivo de discutir como suas identidades negras e de

classe foram construídas dentro do espaço escolar e de que maneira essas identificações se configuraram como entraves ao acesso e as desigualdades para sua permanência neste espaço. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e método utilizado é a análise de narrativas, aplicada aos estudos relacionados com as percepções e interpretações que os alunos e alunas fazem a respeito do modo de viver e pensar a questão étnico racial no contexto educacional, possibilitando a construção de novas abordagens e criação de novos conceitos a partir da investigação.

As narrativas como procedimento metodológico, a partir das entrevistas, permitiu o resgate das memórias – individuais e coletivas, possibilitando entender o que cada um vivenciou na sua trajetória, enquanto alunos e alunas da instituição. Foi possível perceber como o discurso pautado no racismo estrutural influenciou a percepção das identidades e subjetividades e como as instituições educacionais são atravessadas por ele.

A escolha por esta metodologia valoriza a narrativa dos entrevistados como construção do seu processo de amadurecimento, considerando não somente os fatos em si, mas praticando uma escuta para além da simples análise do que foi falado por eles/elas. Cada aluno ou aluna foi entrevistado individualmente, através de perguntas que fizessem lembrar os momentos vividos no interior do colégio, despertando memórias desse período. Após esse processo de escuta individual, iniciei um diálogo e cruzamentos desses momentos com as bibliografias, fazendo um encadeamento e/ou encaixe dessas narrativas identitárias na construção e reconstrução dessas memórias.

As histórias são narradas em primeira pessoa, e o tempo de narração oscila entre a simultaneidade e a posteridade dos eventos narrados, pois os entrevistados e entrevistadas revisitam suas memórias ao se referirem o tempo vivido no espaço escolar, fazendo referências ao momento que se encontram e como a maturidade trouxe clareza em relação as questões de representatividade e identidade presentes naquele período. Contudo, mais do que descrever o tipo de narrador e narradora, importa verificar como eles e elas foram construídos e construídas. Durante a interpretação e análise das narrativas à luz de uma discussão sobre o racismo, representatividade e identidade no contexto escolar procurei demonstrar como esses espaços ainda necessitam ser reconsiderados como excludentes e carecem de uma maior política de ações afirmativas.

Para Queiroz (1988, p. 24), “a técnica do trabalho com história oral, relatos de vida traz o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e agora”. Foram as educandas e os educandos que determinaram o que era relevante narrar a partir de suas memórias, tecendo assim o fio condutor

de sua história, incluindo sua trajetória desde a infância, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciaram, vivenciaram ou se inteiraram naquele espaço escolar.

Ainda, segundo Queiroz (1988), ao se utilizar o relato, o pesquisador o fará de acordo com suas preocupações e não com as intenções do narrador, isto é, as intenções do narrador são forçosamente sacrificadas. No caso dos entrevistados, suas histórias estão entremeadas por minha história de vida enquanto também aluna negra, e eu trago essa experiência para a pesquisa. Nossas narrativas históricas estão atravessadas pelo colonialismo, que nos negou nossa presença no processo histórico durante muitos anos.

Outro recurso metodológico utilizado na pesquisa é a autobiografia: trago minha história como aluna negra e, posteriormente, minha experiência como professora negra, inclusive no mesmo colégio. Segundo Larossa (2002) a experiência é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova, ela contém a dimensão das palavras, travessia e perigo. Trazer minha experiência para a tese significa trazer a minha travessia de vida enquanto aluna e profissional negra, marcada por dores e muitas vezes pelo perigo de não se dobrar diante das dificuldades. É trazer para a escrita histórias, momentos que me atravessaram durante o processo de constituição de aluna/profissional negra. Momentos de dor e sofrimento, mas também de firmeza, autodeterminação, responsáveis pela minha formação e transformação na pessoa que sou hoje. Larossa (2002, p. 7-8) reforça que

somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. Saber da experiência, o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.

Esse “saber” é particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. Essa experiência do que nos acontece constitui um elemento da história de cada personagem. O acontecimento é comum, mas a experiência é singular e de alguma maneira impossível de ser repetida, não podendo ser separada do indivíduo concreto.

1.2 Interpretando documentos

Foi no ano de 2015, ao retornar como professora do Colégio Culto à Ciência, que tive contato com o Memorial, em visitas monitoradas com os alunos ingressantes daquele ano. Este guarda-documentos que remetem à fundação do Colégio, como livros, livros-ata, livros-ponto, fotografias, mobiliários, instrumentos, livros ponto dos lentes e catedráticos, matrículas dos

alunos, documentos manuscritos que possibilitaram um estudo das condições de trabalho em sala de aula, dos estudantes matriculados, funcionários e professores, enfim, elementos que constituem uma cultura material⁷ que narra a história desta instituição.

Esses arquivos e toda a materialidade ali presente escondiam uma história até então invisibilizada de Antônio Ferreira Cesarino Junior. Analisando e dialogando com os arquivos encontrei vestígios e evidências da passagem deste personagem no Colégio. Segundo Farge (2017, p. 14):

O arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam unir em massa construir aquilo que mais tarde se chamará de história. O arquivo não escreve páginas de história.

Ao interrogá-los, pude levantar hipóteses sobre o perfil da comunidade escolar que frequentaram a escola em vários períodos históricos. Essas hipóteses foram analisadas, sendo comprovadas ou não, e suscitaram outras hipóteses, se revelando um trabalho de descobertas contínuas. Uma delas foi encontrar nos livros-ponto a personagem de José Bento de Assis⁸, negro, também professor do Colégio em 1911, mas que não teve sua passagem relatada e nem faz parte do quadro em homenagem os professores catedráticos.

O trabalho foi desenvolvido a partir do depoimento oral dos estudantes negros e negras tendo como pressuposto a importância dos percursos biográficos nos processos de construção da identidade dos alunos durante o período que frequentaram o Colégio, demonstrando os

⁷ “A cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura” (PESEZ *apud* LE GOFF, p. 180).

⁸ Nasceu no dia 21 de março de 1875, em São João Del'Rey (MG), Professor, grande latinista e Professor Universitário, foi filho de escravos. Às custas de seu próprio mérito, conseguiu de destacar nos meios culturais e educacionais do País. Fez seus estudos preparatórios no seminário de Mariana (MG) e prestou exames no Externato do Ginásio Mineiro, em Ouro Preto. Diplomou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, onde colou grau no dia 27 de novembro de 1901. Foi promotor de justiça e curador de órfãos da comarca de São Sebastião do Paraíso, onde, por quatro anos, exerceu a função de inspetor escolar municipal. Fundador, em 1907, do Ginásio Paraisense e da respectiva Escola Normal oficializada pelo governo de Minas Gerais, foi nomeado, em 1911, catedrático de Latim do Ginásio de Campinas (SP). Regeu interinamente, no Ginásio Oficial do Estado, as cadeiras de Literatura, Italiano, Francês, Português, Geografia, Cosmografia e História do Brasil. Foi nomeado pelo Departamento Nacional do Ensino como membro da primeira junta examinadora para proceder exames em Campinas. Foi também, de 1929 a 1930, inspetor federal de Ateneu Paulista. De 1925 até a extinção do cargo, foi inspetor regional de todos os estabelecimentos de ensino subvencionados neste Estado pelo Ministério da Agricultura. Em junho de 1933 foi removido para regência efetiva da cadeira de Latim no Ginásio da Capital, onde, em comissão, regeu até o respectivo provimento definitivo a cadeira de História do Brasil. Em junho de 1939, mediante parecer unânime do Conselho Universitário, foi transferido para o Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde permaneceu até 1942 como Professor de Latim. José Bento de Assis consagrou ao Magistério bem mais da metade de sua própria existência, visto que já aos 17 anos já era professor de Português. Faleceu em São Paulo em 3 de maio de 1948, com 73 anos de idade (Bento News, 2010).

contextos por eles vivenciados no modo como compreendiam e ressignificavam as discriminações sofridas, e como os diferentes posicionamentos de cada um estão ligados ao modo como cada um estabelecia relações naquele espaço. Pois cada um teve reações diferentes, em momentos diversos, definindo conformação ou negação do racismo sofrido.

A pesquisa foi desenvolvida num primeiro momento junto ao Memorial da Escola Estadual Culto à Ciência, da rede estadual de ensino, na modalidade da Educação Básica - Ensino Médio, com alunos egressos da Escola Estadual Culto à Ciência, localizada na cidade de Campinas, com alunos que se autodeclararam negros e pardos, que frequentaram a escola no período de 2013 a 2017, oriundos de famílias de classe média baixa.

Assim, as hipóteses serão implícitas e inevitáveis a qualquer modalidade de pesquisa, como alerta Certeau (2002, p. 34) não podemos nos esquecer “que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente”. Fazer essa leitura do passado, à luz dos questionamentos do presente em relação à temática étnico-racial, e o porquê de ela não ser discutida naquele momento, foi uma das razões da pesquisa na documentação.

O fato de o Colégio possuir um memorial-museu, onde estão guardados a memória e toda a sua história, constitui um importante espaço a ser explorado, possibilitando aos professores uma oportunidade para estudo e divulgação junto a toda comunidade que ali estuda conhecer o processo de constituição do lugar. Infelizmente, ao interrogar os alunos na pesquisa, muitos disseram que não o conheciam e pouco contato tiveram. A cultura escolar e a cultura da escola deveriam ser mais estudadas e investigadas, pois são elementos instigantes para reflexão sobre as relações que se desenvolvem no interior das escolas, possibilitando a desconstrução/reconstrução das histórias que perpassam essas instituições significativas no nível pessoal e social.

Dialogar com esses documentos foi além de uma simples análise, trouxe muitas indagações sobre o porquê do apagamento dos corpos negros nos espaços elitizados da branquitude, ilustrado principalmente pela ausência da imagem de Cesarino Ferreira Junior nos quadros em homenagem aos lentes e catedráticos que passaram pela escola.

Nos próximos capítulos poderemos perceber como as metodologias foram aplicadas, contribuindo para uma compreensão dos objetivos propostos, pois como o trabalho teve diferentes abordagens, fez-se necessário trazer metodologias diversificadas para constatar as hipóteses da pesquisa.

Imagem 1 - Pesquisando os documentos no Memorial do Colégio Culto à Ciência



Fonte: Arquivo pessoal (2018)



Aya, planta que possui o caráter de crescer em lugares difíceis

Adinkra símbolo de independência, resistência, perseverança e desenvoltura, superação de dificuldades⁹

Ungubani¹⁰

2. A MULHER NEGRA E A TRAJETÓRIA DE LUTA CONTRA O RACISMO ESCOLAR

Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas da caça.

Provérbio Africano¹¹

Neste capítulo trago minhas vivências e experiências na constituição de mulher negra, primeiramente como aluna e depois como professora que, ao longo de mais de duas décadas atuando na Educação Básica em escolas públicas, convivi e ainda convivo com o racismo e a invisibilização no interior delas. Mesmo depois de um processo de democratização e inclusão das ditas “minorias”, as escolas sofrem com a falta de uma discussão e revisão do conceito de raça, trazendo outros olhares sobre ele.

É nos bancos escolares que alunos e alunas se deparam com a racialização de seu corpo. Ao chegarem na instituição escolar, desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental I e II, e depois ao Ensino Médio, se deparam com um sistema de invisibilização ou racialização de seus corpos negros.

Como a 6ª filha de um casal de trabalhadores operários, eu sabia que para não ter a mesma vida dos meus pais, deveria estudar, estudar e muito. Para tanto, meus pais não mediam esforços. Como ressalta bell hooks (2017, p. 10), “aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”. Desde pequena acompanhava minha mãe

⁹ Symbolikon (2023).

¹⁰ *Ungubani* significa “Quem é você?” em Xhosa e Zulu (1A, 2023).

¹¹ Pensador (2023).

no trabalho de “catação de café”, onde a partir de uma esteira as mulheres separavam os grãos bons dos ruins. Sentada ali ao seu lado, via as horas passarem e já sonhava em ter um futuro diferente daquele que convivi.

Nasci na cidade de Marília¹², interior do estado de São Paulo, fundada em 04 de abril de 1929, cuja economia principal e inicial foi o café.

Consta na história do desenvolvimento do interior do Estado de São Paulo que os nomes das cidades que recebiam a estrada de ferro seguiam a ordem alfabética. Bento de Abreu Sampaio Vidal teria sugerido o nome da cidade, nome esse retirado do famoso poema de Thomaz Antônio de Gonzaga “Marília de Dirceu”. Esses dois personagens da história da cidade entraram na minha história através da educação.

Iniciei minha trajetória escolar aos 7 anos de idade – não frequentei a pré-escola, pois em Marília não existiam muitas naquela época. Estudei com alunas filhas de pais da classe média (advogados, farmacêuticos, comerciantes etc.) em uma escola que levava o nome do patrono da cidade: **Grupo Escolar Bento de Abreu Sampaio Vidal** (Imagem 2). Fui uma aluna discreta e sabia que para me destacar teria que obter boas notas.

Uma passagem que marcou esse período foram as festas juninas, pois nunca tinha um parceiro para dançar comigo, mas não entendia por que, assim como nunca fui escolhida para declamar nas festas oficiais da escola. Via que muitas das minhas colegas eram escolhidas, menos eu. Foi assim que iniciei minha trajetória escolar nessa instituição onde fiz as antigas primeira e segunda séries primárias.

¹² A história da fundação de Marília acompanha a marcha do desenvolvimento da economia cafeeira. Nascida do interesse econômico de seus primeiros habitantes, essa cidade experimenta seu florescimento impulsionada pela economia cafeeira em expansão no interior do Estado de São Paulo. Localizada na região centro oeste do Estado, Marília se vê, em poucos anos, transformada na principal cidade que compõe os municípios da “Alta Paulista”. Bento de Abreu Sampaio Vidal foi deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista (PRP) cargo que acumulou com o de vereador pela cidade de Araraquara. Os políticos filiados ao PRP políticos do interior do estado estavam fortemente engajados no projeto de expansão do ensino oficial pelo município de Marília podemos destacar além de Bento de Abreu o Senador Rodolfo Miranda e o Deputado Muniz Miranda (Prefeitura de Marília, 2023; Wikipedia, M. 2023).

Imagem 2 - Entrada da Escola Estadual Bento de Abreu Sampaio Vidal



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Aos 9 anos, fui transferida para outra escola, que levava o nome de um dos maiores poetas de nossa história, **Grupo Escolar Tomas Antônio Gonzaga** (Imagem 3), famoso **TAG**, formado por majoritariamente por professores brancos e professoras brancas (Imagem 4). Lembro que a única negra da escola era a D. Edna, inspetora da escola, vítima de xingamentos de muitos alunos, pois tinha uma deficiência na perna. Ali estudei até a 8ª série do antigo ginásio ou atualmente 9º ano do Ensino Fundamental II. Foi nessa escola que me deparei com a questão racial disfarçada. Eu era a única aluna negra nas salas que frequentei, e foi na 6ª série que tive um professor de Língua Portuguesa que, “carinhosamente” me chamava de “Loirinha”. Na sala de aula a grande maioria das meninas alunas eram loiras de olhos azuis ou verdes, e eu, diante de tal gesto, não sabia como reagir a esta forma de “carinho”.

Imagem 3 - Fachada do Grupo Escolar Tomás Antônio Gonzaga



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Imagem 4 - Professores do Grupo Escolar Tomás Antônio Gonzaga nos anos 80



Fonte: Jornal Correio de Marília, s.d.

Imagem 5 - Finalização do Ginásio no Grupo Escolar Tomás Antônio Gonzaga em 1982



Fonte: Arquivo pessoal (1982)

Me lembro que nenhum aluno se atrevia a me chamar pelo tal apelido, mas não se intimidavam ao me chamar de outros como: “negrinha do saravá”, “cabelo de Bombril” e “contrabando de jabuticaba”. As múltiplas aparências do racismo são os apelidos que trago na memória. Segundo Nogueira (2021, p. 103),

para entendermos a posição do negro no que diz respeito às representações associadas ao corpo, tal como percebemos hoje, é necessário levarmos em conta a herança do sistema socioeconômico escravagista, que não só atribui ao negro o lugar de mão de obra escrava, com todas as implicações sociais de condições de vida miseráveis, mas que também construiu teorias que, em última instância, tinham como objetivo tomar o efeito de causa, ou seja, atribuir condições de vida que os negros efetivamente experimentavam a limites e tendências “naturais”.

Trata-se de uma ‘inumanização¹³’ de nossos corpos, a animalização de nossa humanidade. Nunca contei em casa dos xingamentos, e o que queria era também ser uma menina branca com olhos azuis, pois via que elas eram as mais assediadas pelos garotos, as que eram escolhidas nas festividades, enfim ganhavam espaço na escola. Nessa escola terminei o ginásio como uma das melhores alunas da sala e com um sabor amargo de nunca ter sido escolhida para nenhuma apresentação, embora fizesse parte do coral da escola.

Esse processo é fruto de um sistema escolar marcado por um discurso biológico, dominador e estereotipado na construção da identidade negra, que sofreu um “apagão” no seu

¹³ Termo usado pela autora para discutir a objetificação dos corpos negros (Nogueira, 2021, p. 103).

processo histórico, marcado por um discurso colonialista branco europeu. A instituição escolar é um dos espaços da sociedade em que as representações negativas dos negros são difundidas (GOMES, 2003), contribuindo para o processo de reprodução e existência do racismo nesta e no universo social, ao contrário da promoção do acesso aos espaços de reconhecimento social e de inclusão.

A Escola Tomás Antônio Gonzaga era um prédio com uma arquitetura marcante que fica registrada na memória e, no meu caso, no meu corpo também. A escola está localizada numa das avenidas mais importantes da cidade (Av. Pedro de Toledo). Foi o Primeiro Grupo Escolar de Marília da cidade, fundado em 1937, em pleno período do Estado Novo, após a constituição de 1934¹⁴ conhecida por seu caráter eugênico e de branqueamento da raça. A grande maioria dos alunos que frequentavam a escola nesse período eram os filhos dos fazendeiros de café, por isso tal imponência do prédio. No final dos anos 90, no século passado, a escola encerrou suas atividades e passou a abrigar o prédio da Diretoria de Ensino da Região de Marília. No entanto, os momentos ficaram marcados na memória por todos que ali estudaram, assim como nas minhas memórias.

Apesar de ter vivido momentos de vergonha e decepção, lembro de me esforçar ao máximo nas atividades e nas provas. Nunca tirei uma nova vermelha, sempre me esforçava para me destacar, pois via que era a única forma de ser “vista” e respeitada pelos professores e colegas de sala. Com isso atraía também os olhares dos colegas de sala, que se tornavam “amigos” para obter benefícios nas notas quando eram solicitados trabalhos em grupos.

Concluí minha trajetória escolar na Escola Estadual Amilcare de Mattei, uma escola de classe média que ficava numa avenida com nome de militar: Brigadeiro Eduardo Gomes. Era vizinha de um dos clubes mais caros da cidade, o Yara Clube, que quase todas minhas colegas de escola frequentavam.

Nesta escola me deparei novamente com a falta de visibilidade, representatividade e identidade racial, pois a exemplo das outras duas, nunca tive um professor ou professora negro/a, apenas os encontrando em posições subalternizadas, como nos serviços de limpeza ou na merenda. Ficava demonstrado que, nestes espaços, estudantes e profissionais negro/as eram raros.

¹⁴ A Constituição que estabeleceu a garantia de ensino primário e sua gratuidade em todo o estado nacional brasileiro também defendia, através do Art. 138, o estímulo à educação eugênica como necessária ao país, defendida pelo discurso inflamado de parlamentares, médicos e políticos eugenistas que consideravam que ações de ordem social, filantrópica ou educativas seriam apenas paliativas e não resolveriam o problema da raça (Rocha, 2018, p. 62).

Por um professor de Língua Portuguesa ganhei meu segundo apelido: “Miss Alemanha” que, segundo ele, era por causa de minha beleza. De acordo com bell hooks (2017, p. 10), “os educadores estão mal preparados quando confrontam concretamente a diversidade”, pois como não existiam muitos estudantes negros neste espaço a diversidade não se fazia presente. Acredito que o professor Lupércio realmente não queria me discriminar, no entanto, ao tentar me incluir e enxergar teve que me embranquecer, praticando um tipo de violência simbólica e física ao mesmo tempo.

Segundo Foucault (1987), o racismo como expressão da violência simbólica e física, ou como violência incorporada, atua como fator de destituição desses seres humanos dos espaços de sucesso e de reconhecimento no mundo do social. Os corpos negros sofrem uma violência por se “atreverem” a ocupar um espaço que não poderia ser dele. Quando torna invisível e naturaliza certas violências a escola contribui para a manutenção das relações de dominação, onde é legítimo a exploração abusiva dos ditos mais “fortes” sobre os mais “fracos”.

Por muito tempo, estes episódios estiveram apenas nas minhas lembranças, pois trazê-los para um contexto acadêmico epistemológico não fazia parte de um discurso dominado pela ciência hegemônica branca e seus conhecimentos. Segundo Ferreira & Queiroz (2018, p. 205), “esta tendência de integração/assimilação foi sendo aos poucos minada pelo surgimento e pela visibilização de teóricos críticos sobre a questão racial, principalmente negros e negras, que despontaram, dentro e fora da academia”.

Para Carneiro (2023, p. 31),

a operacionalidade dessa construção depende da possibilidade de engendrar o seu contraponto, o negativo, o que é recusado “para poder instaurar, positivamente, o desejável”. É esse processo que “inscreve os negros num paradigma de inferioridade em relação aos brancos”.

O racismo, como um discurso hegemônico da raça branca, é uma prática histórica e um dos principais fatores que contribuem com os altos índices de evasão escolar e de repetência entre a população negra (Bento, 2002). O acesso, a inclusão e a democratização da população na Educação Básica ocorreu há menos de cinquenta anos. E ela ainda não assegurou a permanência e a qualidade do ensino equitativamente.

Não existia ainda, na educação, uma discussão pautada nas questões étnico-raciais, pois os alunos negros eram minoria nas salas de aula, principalmente em escolas centrais como esta, de acordo com D’Avila (2006). Tomemos como exemplo a própria concepção das escolas na cidade de Campinas, que teve as primeiras escolas e colégios construídos para uma elite que necessitava de um espaço para “ensinar” como os filhos desta elite deveriam se comportar.

Segundo Barbosa (1983) o aumento dos estudantes negros em escolas superiores é recente, pois os pais dessas crianças querem dar aos seus filhos uma educação e oportunidades que não tiveram. No entanto, a autora ressalta que nem sempre esse objetivo é conseguido, pois as dificuldades econômicas muitas vezes não permitem que todos os filhos tenham as mesmas oportunidades de estudo. Minhas irmãs mais velhas concluíram apenas o ginásial, não chegando a completar o secundário (hoje correspondente ao ensino médio), pois tiveram que trabalhar, ajudando no sustento da família. Já meus dois irmãos mais velhos cursaram o técnico e científico, sendo que um deles chegou à graduação.

Foi a partir de minha vivência sobre ser invisível no contexto escolar, como aluna e professora, que iniciei as reflexões a respeito de como os alunos negros são vistos e incluídos no ambiente escolar. Após a implementação da Lei 10.639 de março de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, a questão da invisibilidade e representatividade dos alunos negros em sala de aula ainda permaneciam através de práticas docentes.

Essa realidade foi por mim constatada durante os vários anos atuando na educação básica, ensino fundamental II e ensino médio. Presenciei vários momentos em reuniões pedagógicas onde professores se referiam aos alunos negros como: “*aquele moreninho, da sala tal... não consegue aprender, é muito bagunceiro, não tem pré-requisito*”; entre outras falas mais pejorativas. hooks (2019, p. 40) coloca que:

Essa reação é um testemunho poderoso, que revela as formas de representação (*do negro*) na sociedade supremacista branca que ensinam as pessoas negras a internalizarem o racismo tão profundamente em nossa consciência coletiva que podemos sentir prazer com imagens de nossa morte e destruição.

Com certeza uma criança invisibilizada, que não encontra representatividade entre os seus, acaba tendo uma baixa autoestima, se desmotivando ou buscando a atenção dos professores de alguma forma, usando até a indisciplina para tanto. Algumas acabam sendo “punidas” pelos gestores como varrer o pátio, limpar as carteiras, carregar livros e outros materiais, com a justificativa de “castigo educativos” por algo que nem sabem o porquê.

Os alunos chegam às escolas sem um referencial de representatividade e com sua identidade enquanto sujeito negro abalada. Eu mesma, quando cheguei à escola não encontrei professores negros, sendo uma das poucas alunas negras em sala de aula. Essa falta de representatividade abalou minha autoconfiança e acabei tendo que me esforçar ao máximo para ser vista pelos meus professores e colegas de sala de aula.

Minha história, guardadas as devidas proporções, não é diferente da vivida por Lélia Gonzalez, que fez escola primária e passou pelo processo de lavagem cerebral utilizado pelo discurso pedagógico brasileiro, fazendo com que os estudantes rejeitassem a sua condição de negro (Gonzalez *et al*, 2010). Este processo ficou conhecido como “mito da democracia racial”, onde o discurso veiculado pelo sistema educacional pregava a igualdade entre todos, criando escolas para alfabetizar negros, incluindo-os nas políticas públicas.

2.1 Formação e atuação profissional: histórias de resistência

No ano de 1985 iniciei a graduação, licenciatura em Ciências Sociais, na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Marília. Oriunda da educação pública, sem uma política de cotas raciais na educação superior. A opção pelo curso se deu pelo fato de ser a única universidade gratuita que tinha na cidade, não pela afinidade ou interesse propriamente. Vendo que não conseguiria cursar Jornalismo, que era o curso de minha preferência, mas que por questões financeiras não teria como cursar, concluí Ciências Sociais no ano de 1991.

Foi essa passagem pela Universidade pública, acompanhando os vários movimentos estudantis emergentes nesse contexto, estudando Antropologia, Sociologia, Política Econômica entre outras disciplinas, que me deparei com minha condição de mulher negra, com as questões da militância de esquerda e a luta das “minorias” por inclusão e direitos. Foi nesse ambiente acadêmico que, mais uma vez, me deparei com o racismo institucionalizado na academia. Um professor da disciplina de Política, numa apresentação de seminário, decretou que eu nunca seria professora, pois não sabia me expressar como tal, aconselhando-me a fazer um curso de expressão verbal. A pouca maturidade e o medo me paralisaram diante de uma atitude mais incisiva em relação à postura do professor, mantendo-me distante e optando pelo trancamento da disciplina.

Imagem 6 - Colocação de Grau do curso de Licenciatura em Ciências Sociais



Fonte: Arquivo pessoal (1991)

Esses episódios vivenciados durante meu processo de formação possibilitaram um reconhecimento enquanto pessoa negra. Tive certeza de que, enquanto profissional, enquanto professora, não poderia ter nenhuma dessas posturas com os meus alunos. Quando da aprovação da Lei 10.639 de março de 2003, eu já estava no Magistério há 10 anos. Essa lei se tornou um ganho para todos nós porque conquistamos a força e a legitimação desta força para o trabalhar a questão étnico-racial dentro da sala de aula. Foi uma vitória muito importante do Movimento Negro, pois ela veio trazer o que precisávamos para respaldar a História e Cultura da África em sala de aula, propiciar a discussão e uma metodologia de trabalho que os meus professores no passado não tiveram.

bell hooks (2019) nos adverte:

Peço que consideremos a perspectiva a partir da qual olhamos, questionando de modo vigilante com quem nos identificamos, quais imagens amamos. Se nós, pessoas negras, aprendermos a apreciar imagens odiosas de nós mesmas, então que processo de olhar nos permitirá reagir à sedução das imagens que ameaçam desumanizar e colonizar? É evidente que esse é o jeito de ver que possibilita uma integridade existencial que consegue subverter o poder da imagem colonizadora. Apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo buscamos criar um mundo

onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos (p. 39).

Segundo a autora, as pessoas negras têm que ser amadas por elas mesmas. Entendi que me amar seria a resposta que daria contra a opressão e invisibilização que a sociedade havia me submetido. E a Lei traz justamente uma nova contribuição, um novo olhar. Trabalhar a temática étnico-racial na escola tem que ser uma constante e não um projeto. Ela tem que ser uma política dentro da escola, e essa política pautada com ação de todos os professores é um compromisso com a garantia do direito a educação, repensando e recontando a história do povo negro no Brasil numa perspectiva não hegemônica do aspecto antirracista, desvelando o processo colonial, apresentando a força, a riqueza e a existência de africanos, rompendo com a negatividade.

Nos mais de vinte anos de magistério, trabalhando na região metropolitana de Campinas nas redes públicas, municipal e estadual, presenciei muitas histórias de invisibilização de alunas negras, que contribuíram para o apagamento de suas vozes no interior da escola. Há algum tempo já estou militando sobre a causa negra dentro das escolas, e eu estou aqui para contar um pouco dessa experiência: o que é ser negra dentro de uma escola e como a mudança de postura e de atitude dos professores e professoras pode ajudar essas crianças negras a se aceitarem e reconhecerem na sua identidade.

Quando você implementa a discussão da temática étnico-racial respaldada pela legislação, envolvendo professores, equipe gestora e toda comunidade escolar, os profissionais, necessariamente passam a ter um olhar diferenciado. O negro incluído no esporte lá na Educação Física, o negro na Matemática, você traz questões negras na Matemática, você traz na História, você traz na Geografia, ou seja, a história e as culturas africanas e indígenas têm que estar inseridas no Currículo oficial da mesma forma que a história europeia. Então essas pautas étnico-raciais dentro da escola são importantes para contar a história da população negra, que vai além da dimensão cultural, para além da economia, valorizando suas singularidades e particularidades. Quando ela faz parte da rotina, as pessoas começam a normalizar e olhar o negro como mais um elemento que pertence a essa sociedade e que é normal. E não que ele precisa de um projeto para ser incluído.

bell hooks (2019) traz grandes contribuições para pensar a sala de aula:

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão, que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (p. 63).

O educador precisa se transformar e reconhecer a multiculturalidade que existe no mundo. Trazendo pautas e conteúdos nas quais os alunos vejam o negro não como um escravizado e inferiorizado, mas sim reconhecendo sua condição de sujeito histórico. Temos a necessidade de construir uma educação para uma consciência crítica, capacitando profissionais no sentido de educar para destruição dos privilégios e das estruturas de dominação.

2.2 Vitória sobre a invisibilização

Minha trajetória de criança negra no processo de escolarização se iniciou marcada pelo preconceito, dor e invisibilização, mas também de empoderamento e resistência. Hoje me vejo como uma vitoriosa. Meu processo de constituição enquanto mulher negra passou por minha formação pessoal e profissional, que começou como estudante de Ciências Sociais em uma Universidade pública, mas teve continuidade no curso de graduação em História e no curso de Direito que onde cursei até o 3º ano. Cursei três especializações nas duas grandes universidades públicas, segui minha trajetória concluindo o Mestrado em Educação e, no atual momento, estou finalizando o Doutorado em Educação pela UNICAMP.

Chegar até aqui, não foi tarefa fácil e nem fruto de nenhuma benevolência do sistema educacional, ao contrário, o sistema não nos quer em lugar nenhum a não ser na base, na subalternidade. Tornar uma profissional consciente de meu papel enquanto educadora, é demonstrar para a sociedade que o discurso da meritocracia está baseado numa falácia e que a conquista do espaço nosso espaço onde o preconceito impera e domina é baseado na luta. Sempre envolvida com a pesquisa e instigando meus alunos e alunas a buscarem o conhecimento. Em 2007, eu e um grupo de alunas fomos selecionadas pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP para participar de um Projeto sobre memória da escola (Imagem 7). No mesmo ano fui selecionada pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação vinculada ao Ministério da Educação, para participar da Missão em Timor Leste. Infelizmente, por questões particulares, não pude aceitar.

De 2010 a 2020, com acesso através de um processo seletivo, atuei como colaboradora do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Imagem 8), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, na área de Ciências Humanas. Participei da elaboração de Itens para o ENEM, ENCEJA e SAEB, demonstrando que essa trajetória é

possível mesmo diante de um racismo estrutural e, por conseguinte, institucional. Como sabemos, o racismo opera uma lógica perversa nas instituições sociais.

Imagem 7 - Reportagem sobre trabalho realizado com alunas da EE. Dr. Thomaz Alves



Fonte: Jornal Correio Popular (2007)

Imagem 8 - Participação no evento do INEP



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Durante a trajetória escolar de uma criança negra, se ela não encontra professores negros e negras, mas os veem em funções “ditas subalternas”, acabam introjetando que funções mais elevadas não podem ser ocupadas por negros/negras. Num processo de escolarização, iniciado com a Educação básica até chegar ao Ensino Superior, o estudante não se depara com corpos negros. Em seus livros didáticos, esse corpo é retratado apenas como escravizado. Nessas

condições, é difícil despertar o orgulho de pertencimento num espaço opressor, de apagamento de sua identidade. Contribuir para a desconstrução dessa estereotipação de nossos estudantes é muito importante no processo de constituição da identidade negra.

Os professores precisam entender, conhecer, e se familiarizar com a temática étnico-racial na escola. Então, precisa primeiro o professor desconstruir o seu olhar sobre a questão étnico-racial. Esse assunto, essa questão, ela começa com o professor e só assim consegue atingir o seu aluno. Você precisa desconstruir esse olhar sobre a questão étnico-racial para que ela seja pautada em sala de aula porque é de extrema importância. É essa a minha mensagem enquanto mulher negra, professora negra e militante negra que sofreu e foi invisibilizada pelos professores na sala de aula, mas que não se deixou sucumbir e superou as dificuldades e continua lutando por uma educação antirracista.

Neste capítulo procurei trazer uma autobiografia, narrando minha trajetória de estudante negra que saiu da condição de objeto de estudo e passou a ser a pesquisadora da própria história. Motivada em trazer outras narrativas de estudantes negros, buscando dar visibilidades a tantas outras histórias, como a de Antônio Ferreira Cesarino Junior, e dos estudantes que já tiveram em minha sala de aula como sujeitos silenciados e invisibilizados, início no próximo capítulo apresentando-os e dando voz às suas narrativas e memórias.

Segundo Freire (199, p. 78), “a mulher negra precisa aprender a escrever a sua vida, como autora e como testemunha de sua história”. Narrar minha história, trazendo as narrativas dos alunos e alunas, é uma forma de historicizar e existir, rompendo com a escrita de uma história contada pelo outros.



*aqueles que têm laços de sangue nunca se apartam*¹⁵

Nkonselkonson¹⁶

3. OS SUJEITOS HISTÓRICOS DA PESQUISA

*Quando as teias de aranha se juntam, elas podem
amarrar um leão.*

*Provérbio Africano*¹⁷

Este capítulo tem por objetivo apresentar os sujeitos históricos¹⁸ da pesquisa, em dois momentos distintos, e suas trajetórias enquanto estudantes do Colégio Estadual Culto à Ciência. No capítulo anterior iniciei me colocando como sujeito desta narrativa que agora trará outros personagens, o primeiro será o Professor Antônio Ferreira Cesarino Junior, aluno e posteriormente professor do colégio, negro que frequentou a instituição no início do século passado. O interesse pela história de Antônio Ferreira Cesarino Junior coincide com fatos ocorridos durante minha trajetória escolar, e com minha atuação como docente na referida Escola Estadual Culto à Ciência, situado na cidade de Campinas.

Apresento outros sujeitos não menos importantes e que gentilmente aceitaram fazer parte desta tese: Ana Paula Félix dos Santos, 21, estudou no período de 2014-2015; Andreza Ribeiro Amorim, 19 anos, 2015-2017; Bárbara Santana Rodrigues, 21 anos, 2014-2016; Gabriela Luciana Joaquim, 19 anos, 2015-2017; Gabriela de Araújo Rodrigues, 21 anos, 2013-2015; Géssica Teutônio da Silva, 20 anos, 2015-2017; Isabela Ferreira de Oliveira, 20 anos, 2014-2016; Jordan Pacheco Coutinho, 21 anos, 2013-2015; Júlia Lavagnini Maia, 20 anos, 2015-2017; Letícia de P. Carvalho, 21 anos, 2016; Luana Modesto de Souza, 19 anos, 2015-

¹⁵ Dicionário de símbolos (2023).

¹⁶ Symbolikon (2023).

¹⁷ Pensador (2023).

¹⁸ Os sujeitos históricos podem ser entendidos como sendo os agentes da ação social, que se tornam significativos para o estudo da História, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais, que atuam em grupo ou isoladamente e produzem para si ou para uma coletividade (SILVA, L. 2010, p. 9).

2017; Mayara Christine Salgado Silva, 18 anos, 2016-2018; Nayara Giovana Silva, 21 anos, 2014-2016; Pedro Luiz Barborana, 20 anos, 2014-2016 e Thiago Matheus Monteiro de Souza Zeferino da Silva, 22 anos, 2013-2015.

A escolha dos alunos e das alunas se deu pela afinidade que desenvolvi com eles durante o período que ministrei aulas na escola, de 2015 a 2016. Foram 15 alunos entrevistados, sendo 12 meninas e 3 meninos. Apesar do curto período como professora da Instituição, por ser uma escola de Período Integral, o contato com os alunos era muito próximo, pois convivíamos uma média de 8 horas diárias. Eu lecionava as seguintes disciplinas: História, Sociologia, Preparação Acadêmica e Orientação de Estudo. Alguns deles foram também meus tutorados. Antes de ser transformada em integral, a escola funcionava em 3 períodos distintos: manhã, tarde e noite. Tinha uma média de 1.500 alunos, e era interessante perceber que a grande concentração de alunos negros acontecia nos períodos vespertino e noturno. Após essa mudança muitos foram obrigados a deixar a escola em virtude da necessidade de trabalhar. Alguns, também, cursavam escola técnica no período inverso. Dos que continuaram, uma parcela significativa de alunos que se autodeclarava preta ou parda.

Quando professora do Colégio Culto à Ciência em 2007 e, posteriormente, em 2015 e 2016, tive em minhas salas de aula pequena mas expressiva quantidade de alunos e alunas negros e negras. Para muitos destes, que já estavam na fase de conclusão da Educação Básica, fui a primeira professora negra que de suas trajetórias escolares. São estudantes com os quais estabeleci um vínculo afetivo e, por que não dizer, um pacto de sobrevivência naquele espaço dominado pela branquitude. Neste período o Colégio tinha uma parcela significativa de negros e negras, oriundos de vários bairros da cidade e até mesmo de cidades vizinhas, como Sumaré e Hortolândia, atraídos fama de sua boa qualidade de ensino.

No período de 1918-1932, o aluno e professor Antônio Ferreira Cesarino Junior viveu o embate de ser um dos poucos alunos negros frente às questões das relações raciais e a sua afirmação para permanecer naquele espaço que desde sua concepção não foi construído para abrigar pessoas como ele¹⁹. O trabalho foi desenvolvido a partir do depoimento oral desses quinze alunos negros (três alunos e doze alunas)²⁰, tendo como pressuposto a importância de seus percursos no período em que frequentaram a escola. A proposta envolve a problematização

¹⁹ Segundo CARMARGO (2021, p. 25), o Colégio Culto à Ciência, assim como o Colégio Internacional, teve em sua base constitucional membros da elite campineira, que tinha como objetivo realizar a construção de ambas as instituições pensadas e planejadas para a elite e carregavam a ambição de demonstrar sua capacidade de educar os próprios filhos.

²⁰ As entrevistas foram concedidas entre agosto e setembro de 2021, via Google Meet, pois já estávamos em isolamento social em virtude da pandemia da Covid-19 que assolou o mundo.

e o questionamento do discurso oficial apresentado pelas autoridades em contraste com os relatos dos alunos.

Mostro aqui, por meio de suas memórias, experiências no contexto da unidade escolar, a iniciativa de compreender e significar as discriminações sofridas, e como representatividade e diversidade estão intimamente ligadas ao modo como as relações raciais se desenvolvem no interior das escolas, no processo educativo.

Analiso como cada aluno teve reações diferentes, em momentos diversos, em relação aos processos discriminatórios sofridos na instituição: a indiferença ao preconceito, conformação, a revolta e o silenciamento a não-percepção de casos de racismo, como esse se manifestou na trajetória escolar de cada um. Esse caminho foi marcado por dúvidas, silêncios, constrangimentos e amadurecimento que veio com a saída do colégio.

As experiências vividas pelos alunos e a forma como elas tiveram impactaram seu processo de crescimento no combate ao racismo e na percepção enquanto sujeitos negros traz uma reflexão de como a escola e, por conseguinte, a relação professor-aluno, expressará as diferentes posturas diante da questão racial, dentro das escolas. Segundo Munanga (2023)²¹,

A educação é um dos caminhos mais clássicos para lutar contra todos os tipos de preconceitos, porque é através dela se formam indivíduos preconceituosos, racistas, sexistas, machistas, homofóbicos e misóginos. Só a educação pode desconstruir e reconstruir os monstros criados através dela (grifo meu).

Para Ferreira (2017), a escola é responsável pelo processo de socialização, desde a educação infantil passando pelos anos fundamental I e II, finalizando com o ensino médio, onde se estabelecem as relações com crianças de diferentes núcleos familiares. Este contato diversificado poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivências das tensões raciais, marcando as tensões existentes entre crianças negras e brancas de modo tenso, forçando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo grupo social (p. 48).

Muitas vezes o discurso do opressor é incorporado por algumas crianças de uma forma intensa, fazendo com que esta inicie um processo de desvalorização de seus atributos que vai interferir na construção de sua identidade, posteriormente.

3. 1 Representatividade e construção da identidade

²¹ Conferência realizada no encerramento do curso Trilhas Antirracistas no dia 16 de setembro na cidade de Campinas, Teatro Bento Quirino, Diretoria de Ensino Campinas Oeste.

Ao falar de sujeitos da história, não podemos descartar a importância que esses podem ter na construção de nossa identidade. A representação de pessoas negras é importante para construção de referências positivas dentro do espaço escolar. Pensar a importância que Antônio Ferreira Cesarino teria na construção de uma identidade e representatividade negra para os estudantes do Colégio foi um exercício praticado durante o processo de entrevistas, pois nenhum dos estudantes sabia de sua existência.

Esse questionamento surgiu após minha experiência docente na Escola Estadual “Culto à Ciência”, que teve em seu quadro discente e docente o aluno negro, Antônio Ferreira Cesarino Junior, e teve sua história invisibilizada, assim como do professor José Bento de Assis. Dois alunos e, posteriormente, professores negros passaram pela escola e até hoje não existe nenhuma menção a respeito deles. Quando perguntei aos alunos entrevistados se conheciam esses dois professores²², mais precisamente o Antônio Ferreira Cesarino Junior, a resposta foi unânime:

Ana Paula: Ah, eu não tinha conhecimento sobre isso (Santos, A. 2020).

Andreza: Não, não. Nem mesmo quando falavam da história da escola, falavam de professores e de pessoas que já estudaram lá que são conhecidas hoje em dia nunca foi citado o nome dele (Amorim, 2020).

Bárbara: Nunca. Não sabia disso (Rodrigues, B. 2020).

Gabriela Araújo: Já ouvi falar, mas não cheguei a ler (Rodrigues, G. 2020).

Gabriela Luciana: Não! (Joaquim e Souza, 2020).

Géssica: Não, eu não sabia desse Cesarino, não! (Silva, G. 2020).

Luana Modesto: Não! Não sabia (Joaquim e Souza, 2020).

Isabela: Não. Nunca havia conhecido a história dele (Oliveira, 2020).

Jordan: Eu acho que não conheço! (Coutinho, 2020).

Júlia: Nunca, nunca ouvi falar dessa história. Para falar a verdade, eu nunca tive história de pessoas negras que eu ouvi dizer. Nunca mesmo, na minha experiência como aluna, nunca ouvi...nunca tive (Maia, 2020).

Leticia: Não! (Carvalho, 2020).

Mayara: Não! (Silva, M. 2020).

Nayara: Não, esse não conheço (Silva, N. 2020).

Pedro: Não (Barborana, 2020).

Thiago: Não conheço (Silva, T. 2020).

²² Apresentei a foto dos personagens aos estudantes.

A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres²³. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos, homens, mulheres, brancos e negros. E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos. Isso tudo não seria problema se a diferença não fosse tida e vivida como inferioridade na cultura ocidental, o que implica em dizer que a identidade é também algo que se constrói em oposição a alguma coisa, pressupondo, portanto, o outro (Carneiro, 1993, p. 9).

O processo de construção da identidade nasce a partir de uma tomada de consciência das diferenças existentes entre “nós” e os “outros”. Apresentar o professor Cesarino para a comunidade de alunos e alunas negros e negras afirma a intenção subjetiva de garantir que aquele espaço escolar não tem objetivo de despertar nos estudantes o pertencimento e nem valorizar a identidade negra. O silenciamento é determinado por quem deve ser visto e quem deve ser esquecido e invisibilizado, garantindo o ‘pacto da branquitude’ onde “as instituições constroem narrativas sobre si sem considerar a pluralidade da população com a qual se relacionam, que utiliza seus serviços e que consome seus produtos” (Bento, 2022, p. 17).

Após o questionamento sobre se os entrevistados conheciam ou já tinham ouvido falar do Professor Antônio Ferreira Cesarino Junior, outra pergunta foi: “E qual a importância de conhecer, de ter o Cesarino numa parede dessa para um aluno negro?” “E por que sua história nunca foi contada aos alunos?”. Ponderando a importância de sua representatividade, temos as seguintes respostas:

Ana Paula: É tudo, né. É a representatividade que a gente normalmente não tem e continua não tendo. Mesmo tendo essas pessoas parece que as pessoas que têm poder fazem questão de deixar invisível para que as outras pessoas negras também não tenham, achem, pensem que não têm oportunidade, que aquele lugar não é pra ela. E isso tudo só reforça esse pensamento, de que ali não é lugar pra você, mesmo tendo pessoas como essas. Eu nunca... se você não me contasse, não tivesse essa ocasião,

²³ **Identidade de gênero** ou **gênero** é a experiência subjetiva de uma pessoa a respeito de si mesma e das relações dessa pessoa com os outros gêneros de seu espaço social. É como alguém sente sua própria essência do "ser". É um modo como alguém se apresenta no meio social. É o resumo das vivências e entendimentos de uma pessoa. Não depende dos genitais e da aparência física, também não se limita simplesmente a mulher e homem, pois há inúmeros [gêneros não-binários](#) e também não é uma obrigatoriedade: pessoas podem não ter gênero. Cada pessoa sente seu gênero de sua própria maneira. Ninguém escolhe o seu gênero; as pessoas simplesmente nascem daquele gênero. Os nomes dos gêneros são artificiais: os termos "mulher" e "homem" são nomes inventados para esses dois gêneros, mas isso não significa que os gêneros por si próprios são artificiais. Gênero é um espectro de gradiente de gêneros, assim como o espectro da luz visível que contém todas as infinitas tonalidades de cores. A cultura ocidental divide e padroniza esse espectro de gêneros em somente dois gêneros legitimados (feminino e masculino), enquanto que há outras culturas que o dividem em três gêneros ou mais. O espectro dos gêneros inclui espectros mais específicos como: [espectro agênero](#), [espectro multigênero](#), [espectro neutro](#). Os gêneros não-binários que não têm qualquer relação com feminino e nem com masculino são os [outrogêneros](#) (Wiki Diversidades, 2023).

eu nunca ia saber, a não ser que eu fizesse uma pesquisa, que esse Antônio Cesarino foi professor e a história dele de superação e tudo mais (Santos, A. 2020).

Andreza: *Eu acho que a história dele nunca foi contada porque é uma escola tradicional de Campinas, né. Ela foi formada por pessoas brancas, com alunos brancos... ainda começou sendo masculina, depois que virou uma escola comum, para meninas também. E acho que pra eles não é interessante mostrar, ainda mais naquela época, naquele período, que uma pessoa negra teve tanto destaque, que voltou e ainda se tornou professor e é um homem renomado assim, na educação. Pra manter as tradições mesmo, manter o preconceito que é enraizado (Amorim, 2020).*

E continua falando sobre a apresentação de sua trajetória aos alunos:

Andreza: *Sim, seria muito interessante, até mesmo pra quebrar esses padrões que a gente tem, de que o professor, ele é branco, como a maioria lá no Culto à Ciência foi e é até hoje. E pra ser uma fonte de inspiração também pros alunos negros, os poucos que frequentam a escola. Porque eu, como negra, é triste entrar numa sala de aula onde a maioria dos seus colegas, assim como os professores, são pessoas brancas, onde você não se vê. Você nunca vai pensar que você vai estar naquela posição, que você pode estar numa universidade ministrando aula. E ele pode ser uma fonte de inspiração mesmo, é um exemplo, claro, que a gente tem de que a gente consegue (Amorim, 2020).*

Bárbara: *Eu acho que tentaram ocultar isso, e como a maioria, como quadro de funcionários do Culto à Ciências é formado por pessoas brancas, não tinha quem perpetuar essa história, assim, quem contasse também. Para ele falar "pô, eu quero ser igual!". Agora você estar num espaço que é tradição, mas, que você não tem ninguém que te... você só vê o negro varrendo o chão, servindo a merenda. Então, as pessoas desmerecendo: é bagunceiro! E então, quer dizer você não se sente pertencendo àquele lugar e aí o que vai acontecer com você: você não vai valorizar esse lugar, você não vai... não é? Então, isso é muito doloroso, isso é muito doloroso (Rodrigues, B. 2020).*

A aluna ainda fala sobre não ter tido professores negros até o momento, sendo eu a primeira professora negra que ela teve, já no final de sua trajetória escolar, fazendo uma reflexão sobre este processo de representatividade.

Bárbara: *É triste porque aí fica a cara do Culto à Ciência. Parece ser branca né? Porque é o que é publicado, né? É muito triste isso. Muito triste. Lembra até escolas particulares. Eu não sei, se essa é a maneira de eles buscarem destaque, assim uma certa... é se mostrar qualidade no ensino e relevância pra escola tá associado a mostrar também, divulgar alunos brancos porque nas escolas particulares eu vejo isso, me parece que é isso que tem acontecido. Eu acho que não tinha tanto conhecimento assim. Talvez eu não tivesse... Hoje eu consigo. Na verdade, foi com você que eu comecei a ter uma certa noção sobre racismo né... Foi com você. Eu lembro até hoje sua primeira aula na escola. Foi muito importante não só pra mim como pra todos. Foi algo marcante. Porque foi justamente num período que também estava acontecendo as reformas no Culto à Ciência.*

E você, acho que nossa primeira professora negra ali também do quadro de funcionários. Então, não tinha essa conversa, a gente não tinha essa conversa sobre racismo até que você chegou. Eu acho que na sua primeira semana de aula, nos primeiros dias de aula você falou sobre isso. Contou sua trajetória como mulher negra e aí coincidiu que tava tendo reformas ali no Culto. O Culto à Ciência estava passando por manutenções ali. (...)

E aí, você fez a gente ter essa reflexão. Você falou: "Olha ali na janela. Olha quem são quem tá trabalhando ali. Vê se tem algum homem branco ali trabalhando". E realmente não tinha. Era homens pardos, pretos. E aí você começou a [nos fazer] pensar: "Agora olha para dentro da escola. Quantos professores negros você tem?"

Vocês têm? Ou vocês tiveram?" E a gente não tinha tido acho que nenhum professor negro, você era a primeira.

Aí, você começou: "E olha os lugares destaque. Quantas vezes vocês foram atendidos por médicos negros?" Nenhuma vez. Eu não me recordo, mas nenhuma vez, nenhuma vez e olha que eu moro em periferia. Por que não, né? Não sei, nenhuma vez. Então, eu acho que foi a partir daí que o comecei a ter o primeiro contato [em] reflexão com relação ao racismo.

Então, eu não sei, eu acho que talvez... É, essa é a primeira vez que eu estou tentando fazer essa reflexão da minha trajetória no Culto à Ciência, porque eu acho que eu vivi lá de uma maneira... com os olhos fechados para isso. Eu acho que algumas coisas que acontecem a gente não olha "Aqui, é pode ser assim racismo né?" E a gente acha que é normal, que é comum, e muitas das vezes não é. Acho que tá sendo a primeira, o primeiro momento mesmo que eu estou tendo esta reflexão. Eu nunca tinha feito esta reflexão eu nunca, nunca, nunca, nunca (Rodrigues, B. 2020).

Bárbara faz uma reflexão e demonstra um amadurecimento em relação à representatividade numa escola centenária marcada por professores brancos onde não existe o interesse em apresentar e discutir a temática. Esse silenciamento demonstra a falta de uma pluralidade de currículo. Seguindo com as respostas dos alunos, trago mais uma reflexão sobre a importância de Cesarino no contexto da representatividade.

As estudantes **Gabriela Luciana** e **Luana** foram entrevistadas juntas, são amigas que se apoiavam em situações vivenciadas no Colégio. Elas falam sobre a representatividade:

Gabriela Luciana: *Porque o racismo dentro da escola já vem desde antigamente, né? E as pessoas... No caso, ele foi uma pessoa importantíssima, mas que a história quis apagar, como acontece até no nosso dia a dia, na história do nosso Brasil. E é curioso porque no Culto tem as eletivas, e alguns professores incentivam tanto a arte, falam também sobre a escravidão e tamparam a história dele, que seria um exemplo pra alunos que hoje em dia precisam de uma motivação. Como eu precisei em 2016. E não tem.*

Luana: *Eu acho que, com toda a história dos negros, deveria existir um quadro só dele, pra mostrar, tipo, ele é um exemplo, cara. Ele é um exemplo. Acho que como experiência própria da escola a gente pode falar que eles tornam a gente totalmente invisíveis mesmo. Por mais que... eles disfarçam muito, eles tentam parecer que não, mas, cara, a gente que é, que tá ali, a gente sente, a gente sabe (Joaquim e Souza, 2020).*

Para Carneiro (2023, p. 31), “o dispositivo da racialidade, ao demarcar a humanidade como sinônimo de brancura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizar-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão”. Assim o Colégio padronizou quem deveria representá-lo para a comunidade externa, de forma que Cesarino não faria parte por sua condição de homem negro e pobre.

Géssica: *Representatividade, né? Por exemplo, de toda a minha trajetória de escola eu só tive dois professores negros e eu lembro que o primeiro professor negro que eu tive foi na escola que eu estudei aqui no bairro e ninguém respeitava ele, porque ele usava o cabelo black... ainda não era muito... é que hoje em dia já é mais comum as pessoas verem os homens com cabelo black, mas ele usava cabelo black e as meninas tinham medo dele. Até mesmo os professores, e ele era coincidentemente professor de História também. E eu reencontrei há uns 2 anos atrás, hoje ele participa de uma rede de cursinho popular e eu lembro muito como que era a vivência dentro da sala*

de aula. Porque as pessoas gostavam... as pessoas falavam até que ele era macumbeiro, porque ele não aceitava alguns tipos de doutrina que a escola tinha. E eu via nele alguém que me representasse, porque era uma pessoa negra que entendia a trajetória falando pelo lado negro, do olhar negro. Não era só onde o branco era o salvador da pátria.

E a segunda experiência que eu tive com você, no Culto à Ciência. E aí sim, a importância ainda foi maior, porque ela é uma mulher negra dando aula e mostrando a capacidade que tinha e eu... Eu lembro até hoje das discussões que a minha sala tinha com você, os meninos, principalmente, não respeitavam na sua sala, não respeitavam o que era ensinado. Então a importância do Cesarino... o quadro do Cesarino seria totalmente diferente... a minha visão da escola mudaria acho que 50% do que eu tenho hoje da relação ao Culto à Ciência. Porque eu lembro de, quando a gente foi no memorial, lá em cima com os professores brancos contando a história de pessoas brancas que tiveram o mérito de estudar lá. Porque eu sei da história de onde eram só meninos que podiam estudar lá, então a gente entende, se é só meninos, lógico que não vai ter um preto lá, né? E quando a gente descobre que já teve um negro estudando lá e ele não teve o seu reconhecimento a gente percebe o quanto que nossa história ainda é apagada também pelos próprios professores que conhecem a história, então... A importância para mim... seria totalmente diferente a visão que eu teria do Culto à Ciência hoje. Se eu soubesse disso, seria diferente (Silva, G. 2020).

Géssica ainda trouxe uma fala potente sobre o não pertencimento, o fato de ser uma menina negra pobre e gorda, e lembrou o caso de uma colega de sala que saiu da escola por sofrer racismo por conta de seu cabelo.

***Géssica:** A revanche, ela se dá com o tempo e eu estou vendo o quanto eu amadureci para estar tendo essa conversa, hoje, com você. Eu não teria há três anos atrás. Eu não teria essa maturidade, para reconhecer o que eu passei e entender o que eu passei é errado. Mas quando eu olho pra trás e vejo: "Poxa, porque aquela pessoa teve um tratamento diferente do meu, sendo que a gente é da mesma sala e tinha o mesmo nível de entendimento, mesmo nível de aprendizado... é ali que dou conta do tanto que... do quanto que aquela escola, ela é opressora. Por exemplo, a Nayara, não sei se a senhora lembra da Nayara?*

Ela saiu da escola por conta... principalmente, por conta do desrespeito, né? No primeiro ano que ela começou a assumir os black dela e ninguém respeitava ela. Ninguém respeitava o que ela representava, os meninos faziam muita brincadeira em relação ao corpo dela. Eu lembro muito, muito, muito desses tipos... porque era... era sempre isso... infelizmente em relação a nós, meninas negras, "Boa de corpo, feia de rosto". [...]

Então a representatividade dela naquele espaço era a mesma que a minha, a ocupação dela era a mesma que a minha e a gente tinha o mesmo pensamento de "Não. A gente vai até o final. A gente merece respeito. A gente merece valor, então a gente está aqui e a gente vai fazer diferente". Então, o Culto à Ciência, ele me ensinou, mas ele não me ensinou de forma amigável. Não foi da mesma forma que um branco, não foi... (Silva, G. 2020).

Muito significativo o relato de **Géssica**, demonstrando o quanto a escola negligencia nossas histórias, impondo um padrão estético sem valorizar nossa identidade. Essa mentalidade patriarcal e machista se faz presente nos espaços escolares, onde mulheres e, infelizmente, mulheres negras, não atentam a esses padrões. Queremos nossos espaços e nossa identidade valorizada, sendo reconhecidas, respeitadas, contra essa sociedade estruturada no que é igual. Continuando com os relatos dos alunos, **Isabela** responde quando perguntada sobre o porquê da fotografia de Cesarino não estar entre os catedráticos, os notáveis da escola?

Isabela: *Acho que uma palavra resume: racismo. Né... é um racismo velado, assim como a nossa sociedade brasileira em que a gente, nossa, supernormal, por que não estar lá? Sendo que a gente não tem nem conhecimento dessa pessoa. Então, é uma questão muito naturalizada, de a gente não perceber que existe, existiam, existiu esse homem que teve uma voz muito importante. Ele teve reconhecimento, como a gente tem conversado aqui e tem reconhecimento em outros lugares, presidente, e por que lá não?... Ela tá aqui, ela tá falando pra gente, é uma representatividade. Então acho que ele ser exposto, falarem sobre a história dele, a trajetória, ter uma foto, seria uma representatividade pra todos os alunos de acreditarem que é possível você ser mais, é possível você sair da faculdade e logo entrar de cara na escola e entrar na faculdade [para dar aula]. Ou fazer o que você quiser, cada pessoa tem o seu tempo, mas nunca deixar de acreditar que é possível. Ainda mais numa sociedade que é racista, muito enraizada, e não tem essa visão de mundo. Representatividade: ele seria pra todos nós (Oliveira, 2020).*

A aluna **Gabriela de Araújo** entrou no Colégio no período anterior à escola se tornar integral e seu irmão já havia frequentado a escola. Ela também achou ser racismo o fato de Cesarino não aparecer entre os lentes e catedráticos.

Gabriela Araújo: *Bom, eu acho que, pelo momento que a gente vive, eu creio, pelo racismo, né? Porque antigamente, hoje em dia eu ainda acho que o branco, assim, tem que ser o padrão para a sociedade. Não necessariamente! Isso não é certo, porque o negro também é gente, entendeu? Só que, infelizmente o branco tem o padrão de ser o perfeito, de ser aquilo, tudo preconceito ele não está nem aí... Seria muito importante porque mostraria a igualdade. A igualdade entre as pessoas. Não mostraria que existe o preconceito da sociedade, que a gente sabe que existe. Ele por ser uma pessoa negra é uma pessoa que se destacou. Então, merece, também, estar onde os outros estão porque ele foi igual ao que todos foram: professor (Rodrigues, G. 2020).*

Júlia: *Pra mim, pessoalmente, uma representatividade por vários motivos e exatamente por ser dois homens negros onde em 1900 e... Na época que eles trabalharam, que eles estudaram, era uma coisa extremamente precária, um aluno negro ir pra escola e ainda assim mais além, um professor negro estudar numa escola para brancos... E, assim, eu sei um pouco da história do Culto à Ciência que ainda é, era uma escola muito elitista e só de brancos e homens entrava... só isso. Então, quando eles colocam o fator de "Ah, era um professor negro", muitas pessoas falam "Ah, era só um homem negro". Não, não era só um homem negro, era o primeiro professor negro que deu aula na escola. Isso tem uma importância enorme, muito grande, para a comunidade negra, acho que não só em Campinas, mas para a história também (Maia, 2020).*

Outra aluna, **Leticia**, ao ser perguntada sobre o fato de Antônio Ferreira Cesarino não aparecer no quadro em homenagem aos lentes e catedráticos, afirma:

Leticia: *Racismo, óbvio. Eles parece que não, não aceitam o negro no mesmo patamar que eles, ou até num nível mais alto, né? E infelizmente hoje é assim, não tão quanto antes, mas velado. E é muito triste isso. Primeiro aluno e professor negro e... nada dele aqui. Nem sabia da existência dele. É bem triste isso. Triste e vergonhoso. (...)*
Ah, você já disse tudo. Representatividade. Ter alguém ali que passa pela mesma realidade que você, ou passou. Alguém da mesma cor que você ali, que sofreu tudo, mas apesar de tudo que passou, ele continuou ali, se manteve firme e conseguiu alcançar patamares que outros conseguiram. Isso seria tudo pra mim. Eu estudei, tem pessoas aqui que foram meu professor, né, foi meu professor... e nenhum negro! Lamentável. É lamentável! É a questão de ser invisível... na hora de abrir a boca e

falar que "Eu não sou racista", o discurso é lindo, mas na prática a gente sabe que não é bem assim que funciona, né? (Carvalho, 2020).

A branquitude ocupa e detém os espaços de poder, sendo a escola um espaço onde as evidências deste privilégio estão bem demarcadas. São poucos negros ocupando posições e postos de gestão (direção), chegando até o limite de uma coordenação, como foi o meu caso em algumas instituições. Hoje estou ocupando a função de Coordenadora de Organização Escolar, antiga vice-direção e vejo a dificuldade que encontro nesta função. São alunos, professores e funcionários que têm dificuldade em me enxergar nesta posição. Essa autorrepresentação positiva e ocupação de espaços de poder no interior da escola ainda é privilégio dos brancos, causando desconforto quando pessoas brancas nos veem neles. Segundo Carine (2023, p. 47-48), afirma que esse fato

de se verem de modo massivo em todos os espaços de poder é um privilégio crucial na construção da autoestima da branquitude, pois mesmo as pessoas brancas que não acessaram o acúmulo material que seus ancestrais deixaram para as novas gerações tem a facilidade de se projetar nos espaços de poder por representatividade absoluta.

Mayara, aluna que frequentou a escola no período de 2016-18, também não conhecia a história do Professor Cesarino, e destaca quão importante seria sua representatividade para os alunos negros e negras.

***Mayara:** Com certeza. Uma referência. Porque quando no acolhimento, eles já chegam e apresentam para nós o museu. Esses quadros desses professores de destaque e diretores é a primeira coisa que a gente vê quando a gente sobe. Por que não teria ele lá? Um choque de realidade pra nós? Seria tipo: tá tudo bem. Teve alguém. Teve um pelo menos. E ali não. Você se depara com pessoas brancas. E qual referência a nós negros vamos ter? Nós, alunos? Qual o choque isso acaba causando em nós?... Seria muito importante para nós termos esta referência. Não só por ele ter sido negro, mas, professor. Ele foi professor também. Foi aluno e foi professor lá no Culto. Porque aí você fala assim, "Ah... quero ser professora" hoje em dia e aí você acaba dando referência "Vou ser professor no Culto". É impossível, nem tenta. Quão importante seria a imagem dele pra nós? (Silva, M. 2020).*

Durante a entrevista a aluna trouxe também a importância que foi ter uma professora negra, no caso eu, quando esta chegou na escola. Relata neste diálogo comigo:

***Mayara:** É. Posso falar de quando eu te conheci? Da referência que você foi pra mim? Quando eu cheguei, eu não gostava de você. Tudo ao contrário. Eu lembro que das minhas primeiras semanas no Culto você me chamou pra conversar, e aí você me falou uma frase. A gente conversou bastante, mas, você me falou uma frase que... Na verdade a gente ainda estava em estado de choque de estar estudando lá, período integral. Toda aquela pressão e você falou: "Você já parou pra perceber quantos professores negros você tem?" E aí, acabou a conversa. Eu fui embora. E eu fiquei martelando isso na minha mente, martelando isso na minha mente. Que não entrava. E aí "Perai", falei. "Só ela". E se tem mais negros no grupo são cargos inferiores e por quê? Então, foi um choque de realidade pra mim porque se desde o começo quando foi apresentada no acolhimento tivesse ele como referência, já seria menos impactante já daria pra... Mas, não eu caí neste choque de realidade semanas depois de tá lá dentro. Por quê? Me oprimiram. Fiquei quietinha na minha.*

Eu vi que era uma escola em que muitos alunos eram destaque, mas, de todos os meus laranjinhas²⁴ (risos), só tinha um negro que era o Caio. Não é mesmo?... Continua a mesma coisa. Nada mudou, gente. Nada. E aí, quando você falou assim dos professores negros e tudo mais (final do ano)... Até então eu consegui ficar menos em choque. Acho que consegui levar melhor essa informação. Digerir ela melhor. Só que aí, quando você falou no final do ano que você tava indo embora. Aí eu falei "Pronto. Acabou. Quero ir embora do Culto à Ciência. Quem vai lutar por mim?" E foi que aí minha ficha caiu. Quem vai lutar por mim? Porque quando tem alguém lutando por você... Porque quando tem alguém fazendo o papel que você deveria fazer fica tudo mais fácil. Já temos ela no grupo da elite. Pra quê? Ter mais coisa. Não precisamos. E você foi embora. Aí, eu falei assim agora a gente vai ter cai pra realidade, ter que correr atrás. Correr atrás do prejuízo. Correr atrás daquilo que você não pôde correr por nós. Porque você era a referência no grupo dos professores.

E no grupo dos alunos quem era a referência? Ninguém. Não tinha referência. E aí, tudo que eu podia ser eu fui nos três anos que eu fiquei lá. Eu fui líder de turma. Eu fui chefe das laranjinhas. Eu fui presidente de grêmio. Eu fui presidente de clube juvenil e de todo esse processo teve dois que me marcaram mais, que foi o laranjinha e o grêmio.

Os laranjinhas, porque quando eu entrei no meu segundo ano lá, foi mais tranquilo eu tinha um chefe dos laranjinhas que comandavam tudo.

Rosângela: Sim, eu lembro.

Mayara: Eu já me destacava porque sempre eu falei muito bem e esse era meu receio. Falar demais.

Rosângela: Mas era a sua 'arma'...

Mayara: Não tinha... era a única maneira de me impor

Rosângela: ... se mostrar.

Mayara: É... no meio de tantos alunos destaques, notas excelentes, pais com carreiras extraordinárias, né, e eu lá? Com a minha mãe sendo faxineira?

Rosângela: Você tinha que se destacar...você tinha que se destacar de alguma forma.

Mayara: Eu tinha que arrumar alguma maneira. Eu falei não, agora vai! Aí teve a Cristina que me deu essa oportunidade de ser chefe das laranjinhas. Como, por que eu não sei (Silva, M. 2020).

Outra aluna, **Nayara**, autodeclarada parda e neta de homem negro que foi jardineiro da escola, também traz sua contribuição:

Nayara: A questão da representatividade. Porque a gente sempre viu, pelo menos desde quando eu era pequenininha, eu sempre via professores brancos me dando aula. O tempo todo. Eu sempre me perguntava se em algum momento da minha vida eu teria um professor negro. Tanto é que a primeira vez que eu vi você na sala da aula, eu fiquei, assim, sabe, eu não acreditei. Eu falei "Meu Deus, é realmente uma mulher negra que tá me dando aula?" Porque eu tive um professor negro, de História, foi no 8o ano, em outra escola que eu estava ainda, mas, assim, é um homem. Era importante, claro, por ser negro, mas eu ficava "E quanto eu, como pessoa, eu, mulher, será que um dia a gente vai conseguir também, conseguir ocupar esse tipo de espaço?" Eu fiquei extremamente emocionada quanto eu te vi na sala de aula. [...] Eu falei que é extremamente importante esse tipo de representatividade pra que a gente se sinta incluído na sociedade (Silva, N. 2020).

Até o momento, trouxe para análise as respostas que as alunas deram sobre a importância da representatividade, e todas foram unânimes em afirmar que conhecer a história do Professor Cesarino seria uma grande referência para os alunos. Deixei propositalmente os

²⁴ Laranjinhas eram os alunos que na primeira semana de aula acolhiam os novos alunos da escola. A aluna Mayara foi uma das laranjinhas.

relatos dos alunos **Jordan**, **Pedro** e **Thiago** por último. O aluno **Jordan** participou do PIBIC²⁵, então, já conhecia o Memorial e um pouco da história da fundação do Colégio. Ele foi o único aluno negro selecionado no programa.

***Jordan:** Do primeiro ano pro segundo, no segundo eu comecei a ter contato com o PIBIC, comecei a ter um pouco mais de contato com a história da escola, a gente teve uma breve introdução com o professor C.²⁶. O C. introduzia essa história muito forte na gente, ele sempre falava que quando você é um aluno do Culto, você não se desvincula mais, nunca mais. Você sempre vai ser aluno do Culto, independentemente de onde você vá, é uma identidade sua. Professora, se eu soubesse disso antes, eu acho que eu não teria sofrido tanto até chegar aqui. Eu acho. Porque o que o Cesarino fez é o que eu quero fazer (Coutinho, 2020).*

Mesmo tendo participado de um projeto no memorial, o aluno não conhecia a história do Professor Cesarino e continua falando sobre sua importância e questionando o porquê de ele não fazer parte do quadro de lentes.

***Jordan:** Por que o Cesarino não...? Acho que para as pessoas o Cesarino não é importante. Pra algumas pessoas. Infelizmente! Pra muitos, às vezes... o nosso povo, ele faz parte da história, mas ele não aparece. Eu lembro que... meu pai comentou comigo ontem, a gente estava assistindo... o pessoal fez uma homenagem pra cidade de Campinas. Quantos anos a cidade de Campinas? Eu não vi foto do Campo Belo na cidade de Campinas. Eu não vi foto do Ouro Verde, eu não vi foto do Vida Nova. Essa é a galera que levanta às 5 horas da manhã, vai trabalhar pra sustentar a economia da cidade. Eu não vi foto da galera, eu vi foto do Centro. É um marco importante, é! Mas eu não vi. A gente não vai ver foto do pai do Cesarino que fez parte da história (Coutinho, 2020).*

***Pedro:** Ah, eu acredito que... que não era... que não acreditavam muito... que não era bom dar visibilidade, né? Tornar visível isso, sabe? Eu acredito que... porque, querendo ou não, é uma forma de destaque. E é um cargo de referência, um professor. E ter uma pessoa negra como pessoa de referência para as outras pessoas negras, num lugar de destaque, não era favorável pra sociedade naquele momento. E até hoje. [...] Talvez não seria importante para as pessoas que organizaram o projeto, né? Ou as pessoas que organizaram o projeto não queriam que um professor negro fosse um homem de destaque entre os notórios do Culto à Ciência. Com certeza, porque seria um referencial, porque no momento atual, os referenciais são muito importantes. Sempre foram importantes. E, principalmente na construção acadêmica e na construção do pensamento do ser humano. Claro. Eu acredito que seria essencial a fotografia dele, colocar ele como professor de referência, que foi um dos docentes do Culto à Ciência. Pra servir de inspiração pra nós. E, nós podemos, sim, alcançar lugares de destaque, temos capacidade para mudar realidades diferentes e que a nossa cor de pele não seja, não é um... como que eu posso dizer? Não é um limitador, não seja um limitador. Não é um limitador para a carreira acadêmica, num lugar de destaque ou... (Barborana, 2020).*

***Thiago:** Ah, seria. Não sei se vergonha também de falar desse passado hoje em dia. Não sei. Mas seria importante demais. Eu não sabia, não tinha noção nenhuma dele... (Silva, T. 2020).*

²⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio.

²⁶ Usaremos as iniciais para manter a identidade e a privacidade das pessoas citadas.

Dos três alunos negros, o **Jordan** foi o que tinha mais conhecimento da história, Pedro traz reflexões sobre a importância da representatividade e Thiago demonstra conhecer muito pouco desta história. Por meio dos depoimentos pode-se notar o quanto a representatividade é importante no processo de construção do sujeito. Todos concordaram que ter conhecido a história do Professor Cesarino e tê-lo como uma figura importante e reconhecida pelo Colégio faria toda a diferença. Pude constatar também que a minha presença, enquanto professora negra, mulher, foi significativa para estes alunos que viram em minha figura uma inspiração para continuarem acreditando que poderiam seguir em frente.

No entanto, ao contrário desses estudantes, em minha trajetória escolar não tive professores nos quais pudesse me inspirar, muito pelo contrário. Somente na graduação foi que me deparei com dois professores negros. Assim como o professor Cesarino, que também em sua trajetória no Colégio, de acordo com a pesquisa da Professora Irene Maria Ferreira Barbosa, teve apenas um professor negro, sendo este o Professor Bento de Assis aqui citado aqui e que também figura entre os lentes e catedráticos no quadro em homenagem.

3.2 Cesarino, o anticonformista: racismo produzido no interior da escola

Não é errado voltar atrás e lembrar aquilo que se esqueceu.

Provérbio Africano²⁷

Imagem 9 - Retrato de Antônio Ferreira Cesarino Junior



Fonte: Biblioteca da Faculdade de Direito da USP

A partir desse provérbio africano e do título do livro da Prof^a Dra. Marly A. Cardone²⁸ sobre o Antônio Cesarino Ferreira Junior “Professor Cesarino, O Anticonformista”, inicio questionando e analisando ambos. Por que “não é errado voltar atrás e lembrar aquilo que se esqueceu”? Por que o Prof. Cesarino foi chamado de anticonformista²⁹? Antônio Ferreira Cesarino Junior, no caso esse grande personagem nascido no seio de uma família negra e pobre, em Campinas, São Paulo, em 16 de março de 1906, filho de Antônio Ferreira Cesarino e Júlia Cesarino. Matriculou-se em 1918 no Ginásio do Estado “Culto à Ciência”, diplomando Bacharel em Ciências e Letras em 1923. Em 1929, após concurso de provas, conquistou a cadeira de História Universal do Ginásio, na qual sucedeu aos Professores Catedráticos César

²⁷ Pensador (2023).

²⁸ Professora aposentada da Universidade, Marly foi aluna de Cesarino Júnior e hoje é presidente do Instituto Brasileiro de Direito Social Cesarino Júnior (IBDSCJ). Professor Cesarino, o anticonformista fala sobre a vida, a obra e o legado do estudioso, que foi o primeiro a ocupar a cadeira de Legislação Social da FD (Jornal da Usp, 2017).

²⁹ adjetivo masculino e feminino; 1. relativo a anticonformismo; 2. Independente; 3. Original; substantivo masculino e feminino: pessoa que se opõe a uma ordem ou ideias preestabelecidas (Meu dicionário, 2021).

Bierrenbach e José Augusto César. Teria seu destino traçado e marcado pela desigualdade e invisibilidade.

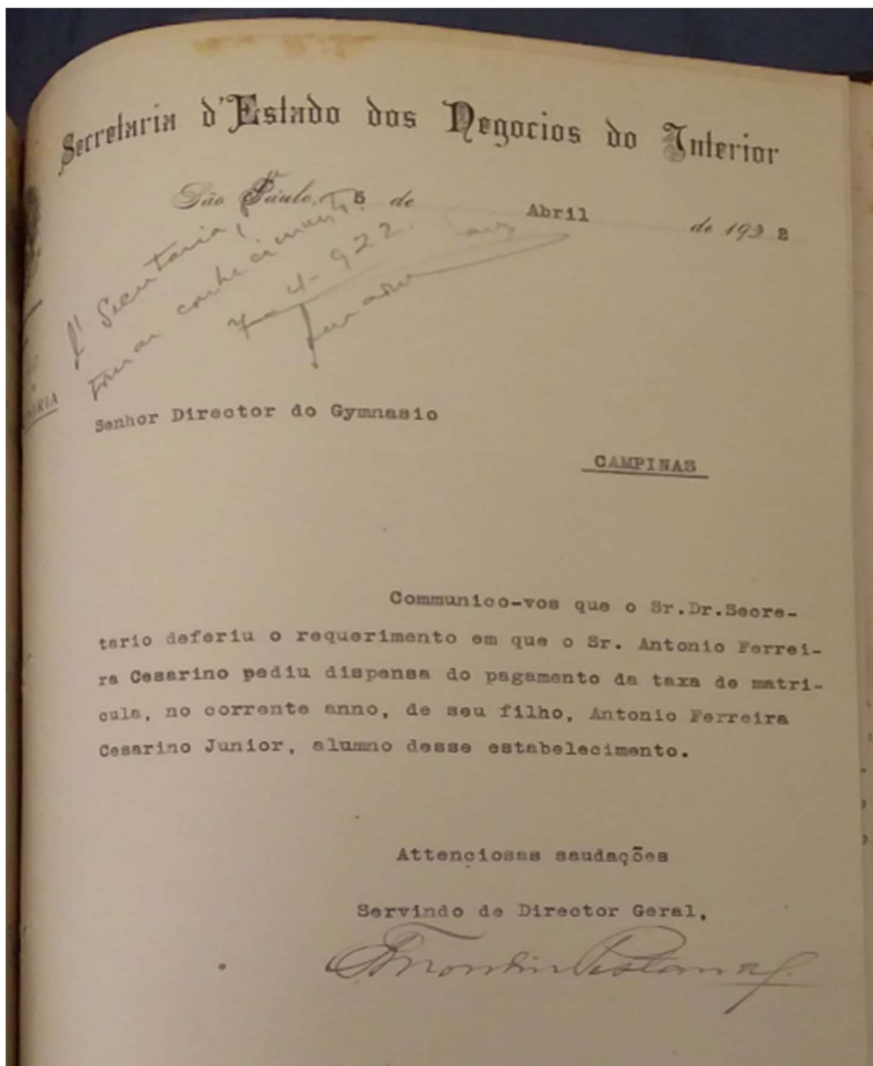
Imagem 10 - Retratos de bisavós paternos de Antônio Ferreira Cesarino Junior



Fonte: Kabengele (2012)

para a sua formação, no entanto, para mantê-lo neste importante centro de educação, que serviu e até hoje, ainda serve a uma classe média, pediu ao diretor a isenção da taxa, como podemos conferir no documento oficial do Colégio (Imagem 11).

Imagem 11 - Documento em que o pai de Antônio Cesarino Junior solicita isenção da taxa de matrícula



Fonte: Livro de registros mantido no Memorial da EE Culto à Ciência (1922)

Nesta escola estava sendo preparado o “homem brasileiro”. A elite campineira projetava imagens idealizadas da brancura e da *europiedade* da nação durante gerações (D’Ávila, 2006). Sendo assim, Cesarino, um menino preto e filho do bedel não se encaixava nesta imagem que o Colégio queria projetar. Porém o pai fazia questão que o filho frequentasse a escola por saber que ali teria uma educação de qualidade e teria condições de ascender. E assim foi.

Segundo Barbosa (1997),

a entrada no Ginásio representa para o menino o desencadeamento de uma luta que acontece no campo intelectual”, ou seja, onde ele travará uma luta para aquisição de um capital cultural, que a princípio é destinado a uma elite, mesmo não tendo origem burguesa, o menino herdou essa herança cultural de seu bisavô, contrariando tudo e a todos, e ainda terá que driblar todas as adversidades por ser um garoto negro, pobre e filho de um funcionário ocupando um lugar que não era para ele (p. 83).

Para nós, historiadores, voltar atrás é resgatar a memória, seja esta individual ou coletiva. Buscar o que os documentos de um dado período histórico nos revelam é nosso objeto de estudo. Segundo Le Goff (2003):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (p. 419).

A história não pode ter a pretensão de estabelecer os fatos como realmente ocorreram, e por isso coexistem, não obstante, várias leituras possíveis sobre a mesma história. Essa importância pode ser somada ao crescimento de pesquisas voltadas para preservação da memória por meio das narrativas dos sujeitos envolvidos nesse processo.

A memória na atualidade pode ser ressignificada. O tecer narrativo da experiência na memória vislumbra possibilidades na educação, no cotidiano da sala de aula. O processo de construção da identidade do aluno negro passa por suas lembranças no interior de uma sala de aula. Trazer as suas experiências do período escolar, assim como as minhas e as do Professor Cesarino, e buscar nos subterrâneos de nossas memórias aquilo que nos une enquanto sujeitos racializados é ressignificar a memória na atualidade. Segundo Bosi (1994, p. 51), “a lembrança vive me estado latente, antes de ser atualizada pela consciência, sendo este estado qualificado de inconsciente”. O que eu e os estudantes fizemos foi tirar essas memórias das sombras do inconsciente, onde “a própria ação da consciência supôs o ‘outro’”, ou seja, a existência de fenômenos e estados infraconscientes³² que estavam à sombra.

Para Halbwachs (1990), a questão central consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Várias ideias, reflexões, sentimentos e paixões que atribuímos a nós, são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição dele, acerca da memória individual, refere-se à existência de uma intuição sensível.

O Ginásio Culto à Ciência, na época de sua fundação e, posteriormente, como escola estadual, tinha o melhor corpo docente de professores, que eram intitulados lentes e

³² É como uma segunda natureza, parcialmente autônoma. Isto quer dizer que ele nos permite agir em um meio dado sem cálculo ou controle consciente (Dicionário Informal, 2023).

catedráticos, como é demonstrado por Paula (1946). Eram admitidos por concurso, durante o qual eram submetidos a uma banca. A grande maioria dos professores que ali lecionavam tinham livros publicados. Os alunos tinham aulas de Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Mecânica e Astronomia; Português, Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Grego e Latim; Cosmografia, História Universal (disciplina que mais tarde iria ser ministrada por Antônio Cesarino), História Natural, Botânica e Geologia; Psicologia e Lógica. Eram dezoito matérias, onde o aluno saía com diploma que dava direito ao ingresso imediato nas Faculdades de Medicina e Engenharia (Escola Politécnica) sem necessidade de vestibular (Barbosa, 1997).

Imagem 12 - Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 3º ano; entre eles, o nº 13, Antônio Ferreira Cesarino Junior.

GYMNASIO DE CAMPINAS										
3º ANNO										
Nome	Portuguez	Francez	Inglês	ITALIANO	Latim	Algebra	Geometria	GEOGRAPHIA	De senho	Observações
1 Alda de Sousa Pereira	6	8,03	8,33	9	5,5	5,72	7,58	6,19	8,33	
2 Blenda Linnéa Enge.	4,7	5,52	8,31	8,02	4,7	5	5,74	4,21	8,33	Eliminada
3 Herotides Lamaneres de Oliveira										Eliminada
4 Nathalia Spíhrim.										
5 Zuleika Oliveira	4,3	5,35	8,31	8,9	8,77	5,35	6	4,11	8,33	Eliminada
6 Maria de Barros Motta										
7 Josephina Rovere	5,7	5,83	9,02	8,33	4,7	5,6	5,08	4,87	8,33	Não pagou taxa
8 Maria da Conceição Barbosa dos Santos										
9 Alvaro Marcilio	5,2	3,79	7,39	4,12	2,01	4,33	5,62	4,91	8,33	
10 Decio de Aguiar Sousa	7,2	5,72	8,8	8,97	4,4	2,05	8,41	4,59	8,33	Eliminada
11 Arno Bolliger										
12 Clemente Vieira de Alvarenga	7,1	7,88	7,78	7,11	6,83	2,14	2,28	2,62	8,33	
13 Antonio Ferreira Cesarino Junior	8,2	8,64	7,62	8,28	7,1	2,03	2,18	8,11	8,33	
14 José Ferraz do Amaral	4,9	4,84	7,89	5,23	5,20	7,72	6,78	4,7	8,33	
15 Mario Ferraz Brochado	7,9	7,85	7,85	4,52	6,16	2,3	2,07	4,7	8,33	
16 Oswaldo Ribeiro Franco	7,1	7,42	7,11	5,64	4,71	8,78	2,28	7,11	8,33	
17 Odilon de Araujo Grellet	8,6	7,62	7,18	7,42	5,49	8,78	8,8	4,2	8,33	
18 Omar de Assis	7,8	7,79	7,79	7,12	8,2	6,9	8,38	5,55	8,33	
19 Paschoalino Nucci	8	3,78	4,74	6,1	3,63	4,57	5,28	4,11	8,33	
20 Pedro Antonio Pierro	6	4,23	7,19	5,1	4,83	6	5,91	5,8	8,33	
21 Sildo Pereira da Silva	4,8	4,45	8,05	4,46	8,87	5,1	6,42	5,7	8,33	

Matriculados 21

Reprovadas em 1 matéria 2
 Não pagaram a taxa 1
 Eliminadas 4
 Aproveitadas 14
 21

Fonte: Livro de registros mantido no Memorial da EE Culto à Ciência (1921)

Segundo Dávila (2006), o início do século XX foi marcado por um pensamento racial explícito e implícito na elaboração da educação pública, marcada por decisões tomadas por um número restrito de cientistas, intelectuais e médicos que pregavam uma educação eugênica, com práticas que refletiam e produziam as desigualdades vigentes na sociedade.

Para as famílias negras, a escola é o agente socializador mais importante, depois da família, no entanto, se torna palco das primeiras tensões inter-raciais sofridas pelas crianças negras. Cesarino Junior entra para a escola, prestando um exame de admissão³³, onde disputa uma vaga com outros alunos filhos de família abastadas da cidade, que viviam em condições favoráveis e nunca se preocuparam com questões de sobrevivência. Já o menino que não desfrutava de tal situação, entretanto, obteve a segunda melhor nota no exame: 8,33. Apenas vinte e cinco candidatos foram aprovados, de um total de mais de setenta inscritos para o exame. O anticonformismo de Cesarino já começa a aparecer, ou seja, mesmo diante das dificuldades, o menino tinha um aproveitamento acima da média, como podemos ver nas atas finais de rendimento das turmas.

3.3 Resistindo ao preconceito

O aluno Cesarino sabia, segundo depoimento a Barbosa (1997), que havia pessoas no Colégio que eram inconformadas com sua presença, mas se tornou um anticonformista e decidiu continuar sua trajetória. Quando o pai adoeceu de varíola, Cesarino chegou a cogitar abandonar a escola para trabalhar e ajudar nas despesas da casa, mas foi demovido da ideia a pedido de sua mãe. Decidiu então dar aulas particulares de alfabetização, iniciando assim sua carreira como docente. Sua obstinação pelo conhecimento era tanta que, no horário do recreio, ao contrário dos seus colegas, Cesarino ia para a biblioteca da escola, despertando assim sua paixão pela leitura.

O racismo estava presente neste espaço escolar, mesmo a escola não reconhecendo em seu interior a discriminação, ou práticas discriminatórias, raciais ou preconceituosas. Nessa instituição, o racismo se dá de maneira sutil e silenciosa, portanto, acaba sendo menos comum atribuir práticas racistas institucionais. Assim, nos deparamos com questões de preconceito, como Almeida (2018, p. 26) coloca, em ações individuais de discriminação direta ou indireta, nas quais o aluno muitas vezes denuncia, porém acaba ouvindo da equipe gestora que essa violência não passa de “coisas de sua cabeça”. Destaca ainda que “o racismo institucional é

³³ O Decreto n. 8.659, de 5 de abril de 1911, que aprova a lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República, estabelece que, para requerer matrícula no Colégio Pedro II, o candidato deve ter 12 anos de idade, no mínimo, e, para a secção do Internato, 14 anos, no máximo, para estar habilitado a empreender o estudo das matérias do curso fundamental. Esse curso se baseava no Exame de Madureza estabelecido no século XIX para ingresso no ensino superior. Os alunos que frequentavam o Colégio Culto à Ciência, ao concluírem a etapa de ensino, saíam com diploma de bacharéis, por isso tal exigência desse exame (Brasil, 1911).

menos evidente, muito mais sutil, menos identificável em termos dos indivíduos específicos que cometem os atos” (p. 31).

Para o jovem Cesarino, se afastar dos companheiros de classe talvez fosse um indício de que ele não queria confrontar essa situação de discriminação pelos colegas e até mesmo pelos professores, evitando assim um constrangimento ao qual seu pai era exposto. De certa forma, era uma atitude autoproteção.

As instituições operam dentro de um sistema legal e normativo, através de legislações, documentos oficiais, portanto sua ação acaba se tornando ilegal e condenável institucionalmente, tornando a prática racista legitimada indiretamente por quem a concebeu. Quando esta invisibiliza o aluno, tratando-o como bagunceiro, problemático, colocando-o para se sentar no fundo, se trata de práticas coletivas de um racismo institucional e, por que não dizer, estrutural operado pelas escolas, privilegiando um grupo social em detrimento de outro. No caso de Cesarino, ser um menino sério, visto como intelectual pelos colegas e sempre tirando boas notas foi uma estratégia desenvolvida para se manter longe dessa prática racista.

O racismo opera uma lógica perversa nas instituições escolares, constituindo um complexo imaginário social nas estruturas da sociedade. Se, durante a trajetória escolar do estudante negro, ele não se depara com professores e ou diretores negros, mas apenas os encontra em postos “ditos subalternos”, como era o pai de Cesarino, um contínuo, acabam introjetando que os postos mais elevados não podem ser ocupados por negros.

Num processo escolar, da educação básica, que se inicia muitas vezes na creche, passando pelo ensino fundamental I, ensino fundamental II e concluindo com o ensino médio, totalizando um período de mais de uma década, no qual o educando se depara com esses exemplos, no seu imaginário, esses postos não são destinados aos negros. Sem falar na forma como os negros são apresentados nos livros didáticos, de sua contribuição nas artes, história, literatura, ciência entre outros.

Como despertar o orgulho, o pertencimento do aluno, num espaço opressor e invisível à sua presença, de apagamento dessa sua representatividade? Qual a contribuição esse espaço educacional tem na desconstrução do conceito de raça e do racismo na formação de um aluno? O que é apresentado, experienciado pelo estudante no interior da escola, não é a realidade vivenciada por ele, mas uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras. Portanto, fazer a desconstrução desse imaginário é muito importante no processo de construção da identidade dos nossos alunos.

Antônio Ferreira Cesarino Junior rompe essas barreiras ao se tornar professor do Colégio Culto à Ciência em uma época que eram poucos os professores negros nessas escolas

elitizadas. Antes disso, tem uma passagem como professor no Colégio São Benedito³⁴, onde se tornou respeitado e conhecido por sua competência.

Imagem 13 - Livro-Ponto de Lentes e Catedráticos com assinatura de Antônio Cesarino Junior

ANOS	MATERIAS LECCIONADAS	Assignatura dos Lentes e Observador
1º ano		
2º ano		
3º ano		
4º ano		Não funcionou
5º ano		Não funcionou
6º ano		Não funcionou
7º ano		
8º ano		
9º ano		
10º ano		Não funcionou
11º ano		
12º ano	Educação do Brasil	Não funcionou
13º ano	História Universal	Não funcionou
14º ano	Geografia	Não funcionou

Fonte: Livro de registros mantido no Memorial da EE Culto à Ciência (1924)

Em seu primeiro concurso para concorrer à cadeira de Educação Moral e Cívica no Colégio Culto à Ciência, Cesarino sentiu uma certa insegurança, porém foi incentivado por um professor aposentado do colégio, João Keating. Surge mais um desafio, pois o então secretário do Ginásio Benedito de Oliveira o desaconselha, alegando como motivo “a questão da cor”. No entanto, quando abre outro concurso, agora para a cátedra de História Universal, o mesmo secretário encoraja Cesarino a prestar, mesmo sabendo da existência de concorrentes de renome. Já para outras pessoas, o jovem era um louco, “onde já se viu o filho do contínuo querer tal cargo, isso era para gente graúda” (Barbosa, 1997, p. 105).

Cesarino passa por mais dois concursos, até finalmente conseguir a vaga para professor Lente Catedrático da 6ª cadeira de História Universal no Colégio, assumindo também a de Geografia, mas antes sofre um racismo institucional e simbólico por membros da banca que

³⁴ O colégio foi fundado objetivando educar crianças negras e cumpriu também seu atendimento a crianças brancas pobres (Sgarbosa, 2018).

não o queriam como professor na instituição. Encontrou durante sua passagem pelo colégio muita oposição, olhares atravessados e professores que nunca o aceitaram naquele espaço da branquitude.

Depois do colégio, Cesarino vai para a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde faz uma carreira brilhante, defende seu doutorado e assume a cadeira de Legislação Social. Enfrentando, mais uma vez, o desafio de se encontrar num espaço dominado pela branquitude, se depara com uma resistência em relação à posição ocupada. Durante toda a sua passagem pela Faculdade de Direito, ele constrói uma carreira coroada de sucesso, admiração e prêmios.

Para Cesarino, a passagem pelo Colégio Culto à Ciência representou tudo em sua carreira, pois foi naquele espaço escolar que iniciou uma trajetória de sucesso. Lá as primeiras noções de ser negro numa realidade de exclusão e invisibilidade ganham sentido na sua trajetória futura. No entanto, o colégio não o reconheceu enquanto tal, pois quando inaugurou a galeria de lentes e catedráticos que frequentaram a escola no mesmo período que ele, ele não figurou entre eles, sua passagem foi invisibilizada naquele espaço enquanto aluno e, posteriormente, como professor. É importante os alunos do Colégio conhecerem e saberem que professores negros também passaram por aquele importante espaço, despertando neles o processo de reconhecimento e valorização da própria identidade.

Finalizando este capítulo e, ao cruzarmos as minhas narrativas com as de Antônio Ferreira Cesarino e com as dos estudantes entrevistados, temos mais semelhanças do que diferenças. Todos convivemos com a falta de representatividade na instituição escolar que nos abrigou, onde professores negros foram raros ou ausentes, vivenciando momentos de violência simbólica e institucional. Assim como Cesarino, eu também venci o preconceito, apesar de todas as adversidades impostas pela instituição, que tem como preceito a acolhida. A escola tem um discurso de tratar todos igualmente. Entretanto, ao tratar as diferenças, este discurso não se sustenta, pois a criança negra, quando chega nesta instituição, já chega em desvantagem, seja econômica ou cultural, como foi minha situação, a de Cesarino e a dos estudantes entrevistados.



Aprender com o passado³⁵

Sankofa³⁶

4. A EDUCAÇÃO E A ESCOLA PÚBLICA: COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA

O conhecimento é como um jardim: se não for cultivado, não pode ser colhido.

Provérbio Africano³⁷

Na década de 1840 Campinas se eleva à cidade, o café passa a ser o primeiro produto do Império substituindo o açúcar em exportação. Campinas está inserida nessa produção exportadora, passando a ser vista como metrópole agrícola. De acordo com o Plano Diretor de 2006, no início da década de 1870 sua população era estimada em 33 mil habitantes, mais do que a capital da província – São Paulo, com 26 mil (Prefeitura da Cidade de Campinas, 2006).

Com o fim da escravidão, o ideário de branqueamento da nação ganha força entre as autoridades políticas e cientistas. Uma solução adotada anteriormente a este fato foi a vinda de imigrantes europeus que, por meio da mestiçagem, iniciaria o processo de embranquecimento da nação. Neste contexto, os centros de ensino brasileiros são influenciados pelos ideais positivistas, evolucionistas e deterministas.

A cidade de Campinas e o Colégio Culto à Ciência têm suas histórias entrelaçadas. Campinas foi uma das últimas cidades brasileiras a abolir a escravidão do Brasil e, quando o colégio foi fundado no ano de 1869, Campinas ainda era uma cidade escravocrata constituída por muitos coronéis, ou seja, muitos senhores donos de fazendas, como os “Barões”. Entre eles estão Barão Geraldo de Resende, Barão de Itapura e Barão de Ataliba Nogueira. A escola foi criada no intuito e com objetivo de atender aos filhos desse baronato que comandava a cidade. Estes barões gostariam e exigiam que os seus filhos tivessem uma educação de nível elevado e o colégio Culto à Ciência foi criado de modo a atender essas famílias.

³⁵ Dicionário de símbolos (2023).

³⁶ Dicionário de símbolos (2023).

³⁷ Pensador (2023).

Muitos dos fazendeiros eram, a princípio, ligados a maçonaria, à Loja Maçônica de Campinas. Os garotos chegavam ao colégio e tinham uma rígida disciplina sendo que, muitos dos professores, os lentes e catedráticos que trabalhavam nesse colégio, vinham de fora, de outros países como a Suécia e a Espanha. A princípio os professores eram mantidos pelo município e depois o governo estadual passa a aplicar verbas para o ginásio, que foi instalado oficialmente. O colégio até os dias atuais conta com uma estrutura muito bem-feita. Acontecem mudanças, o prédio do antigo Ginásio Culto à Ciência é aproveitado e eles continuam ali nessa com essa grande estrutura para funcionar.

Os alunos matriculados neste colégio frequentavam um sistema de semi-internato, em que permaneciam na escola a semana inteira e somente aos finais de semana retornavam para as fazendas dos seus pais. Não havendo mais como manter essa escola sob a direção da maçonaria, ela passa para a administração pública. Todo esse processo culminou em 1896, mais precisamente em 4 de dezembro, e a escola ainda mantém um elevado nível de ensino dentro da cidade de Campinas. Constitui um estabelecimento que gera orgulho nos habitantes da cidade; primeiramente era nomeado Colégio Culto à Ciência e, com as mudanças, passa a ser Ginásio Colégio Estadual Culto à Ciência.

O ensino continuava sendo de alto nível com uma quantidade muito pequena de alunos, continuava sendo um alunado restrito ali. O interessante foi constatar na monografia escrita por Carlos Francisco de Paula em homenagem ao Cinquentenário do Gymnasio Culto à Ciência a referência ao Professor Cesarino é bem diferente daquela que faz aos outros lentes e catedráticos. O autor tece vários elogios e traz as origens familiares de todos os professores, com exceção de Antonio Cesarino. Somente nas últimas páginas faz uma pequena referência a história do professor (Paula, 1946).

A escrita da monografia ocorre numa época em que a educação era marcada pela visão de raça higiênica, sociológica e psicológica, embasada nas visões de mundo e do racionalismo científico para o ensino público dirigido de cima para baixo segundo os preceitos modernos. Existia uma discussão sobre ideologia racial e identidade nacional na qual, obviamente, o Professor Cesarino não se encaixava. Havia um senso europeu e norte-americano de tecnicismo, somando-se à conjuntura do sistema escolar, facilitando as práticas modernas de um discurso original sobre raça e identidade aplicado à política educacional e às práticas escolares (Dávila, 2006).

A cidade passa a ser palco de transformações e conflitos que alterarão o cotidiano da sociedade, como podemos conferir no trecho do anuário³⁸ (Prefeitura da Cidade de Campinas, 2006, p. 26 e 27):

A cidade segue mostrando um aparato urbano até então inédito. Abriram-se restaurantes com nomes franceses e italianos. Um historiador local verá a “elegância requintada da cidade”: as “louças chinesas, os móveis egípcios, tudo Campinas possuía”. A cidade se embeleza, se ajardina. A Fundação Lidgerwood vai fazer um coreto para o Jardim Público. Também virão os chafarizes. Virão casas de banho. Hotéis se instalarão. A cidade sediava quatro representações consulares de países estrangeiros.

Segundo Paula (1946), a cidade que crescia e prosperava na segunda metade do século XIX carecia de um colégio onde os jovens pudessem realizar seus estudos sem precisarem se deslocar para outros municípios da região. Sendo assim, em fevereiro de 1869, um grupo de senhores notáveis assinou um manifesto que viria a dar início à construção do então colégio. A Sociedade Culto à Ciência, na figura de seus membros, não mediu esforços para realização e concretização da instalação do Colégio, que se realizou em 12 de janeiro de 1874, cujo Estatuto estabeleceu um ensino primário e secundário sem lucro pecuniário algum aos associados, onde os bens sociais e os rendimentos seriam em prol da instituição; alunos pobres seriam admitidos gratuitamente e, caso a Sociedade viesse a se dissolver, o patrimônio ficaria com o município de Campinas, sendo este obrigado a aplicar seus vencimentos em proveito da instituição.

Um dos marcos do ideário republicano em Campinas é o Colégio Culto à Ciência, idealizado para ser um espaço do ensino laico, aberto a várias correntes educacionais. Na origem estão fazendeiros do café que participariam do movimento republicano e pertencentes à Loja Maçônica.

Em seu discurso de inauguração, o então Secretário Campos Salles, alguns trechos marcam a importância que esses homens tiveram na construção dessa instituição: “O cidadão já não se limita a esperar do Estado aquilo que pode fazer por si e que constitui uma indeclinável necessidade sua. Os meios não faltam” (Paula, 1946, parte 1). Esse trecho demonstra a iniciativa pioneira desses senhores em não depender do Estado e, sim, destinar recursos próprios para construção da instituição, pois a cidade merecia algo à altura de seu desenvolvimento e projeção nacional. Era importante que seus filhos tivessem um espaço para se desenvolverem cultural e intelectualmente, já que o Estado não se “preocupava” em garantir uma formação integral para os filhos da “sociedade”.

Em um outro trecho, segue o discurso:

³⁸ Este anuário que está no capítulo Formação histórica de Campinas: Breve Panorama do Plano Diretor de 2006.

Extirpar a ignorância era, pois, combater de um golpe a absurda desigualdade posta pelos preconceitos no seio da sociedade, que assim se achava dividida em duas classes: uma feita para governar e outra para ser governada (Paula, 1946, p. 35).

Apesar do discurso pregar o fim da desigualdade e do preconceito, há de se contextualizar o momento histórico em que ele foi proferido. Esclarecer a qual desigualdade o ilustre secretário estava se referindo, pois, apesar do movimento abolicionista ganhar força dentro da sociedade campineira, muitos fazendeiros que empreenderam a construção da escola mantinham, em suas fazendas, escravos.

De acordo com a Paula (1946) era notório o sucesso dos alunos egressos da Instituição Culto à Ciência, e a cada ano aumentava a quantidade deles aprovada nos cursos na Capital. Cobrava-se uma pensão semestral dos alunos: Cr\$ 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros) para alunos internos, Cr\$180,00 (cento e oitenta cruzeiros) para os semi-pensionistas e Cr\$ 90,00 (noventa cruzeiros) para os externos. Mesmo não apresentando uma situação folgada, a instituição continuava recebendo alunos pobres que não contribuía com taxa de matrícula.

Dessa maneira fica nítido que, nessa história de 50 anos, vários professores passaram pelo ginásio Culto à Ciência, porém, o professor Antônio Cesarino, também presente nesse processo, primeiramente como aluno e depois como professor, é mencionado apenas no final da monografia de Paula (1946). A trajetória do professor Antônio Cesarino na escola Culto à Ciência teve uma curta duração, mas é intrigante notar – e este é um dos principais pontos desta minha pesquisa – porque os professores que o sucederam e muitos que o antecederam, mesmo que também com uma curta passagem pela escola, são elogiados com os adjetivos de notável professor, brilhante professor.

São vários os adjetivos atribuídos aos pares, aos colegas do professor Antônio Cesarino e até mesmo os funcionários que trabalhavam na função de contínuo e inspetores. Percebo que na narrativa de Francisco de Paula também há adjetivos, por exemplo, para o cidadão Euzébio Pinto da Costa quando é apresentada sua mudança de função de trabalho de porteiro a secretário. Em relação ao contínuo Benedito de Oliveira Antônio da Silva Machado, também é apresentada sua “ascensão” nesse processo. O curioso neste momento da leitura é que percebo também que isso não ocorre com o pai Antônio Cesarino. Ele também esteve presente no processo de construção e há apenas a uma menção a ele no início da referida monografia.

Em maio de 2016, foi inaugurada na EE Culto à Ciência uma exposição da Galeria de Lentes e Catedráticos que lecionaram na escola no período de 1896 a 1942. A escola sempre primou por um quadro de competentes docentes, muitos deles egressos de Universidades

estrangeiras com sólida formação. O professor Antônio Ferreira Cesarino Junior, além de aluno do colégio, foi também professor no período mencionado e não se encontra retratado na galeria.

Imagem 14 - Quadro dos Lentes e Catedráticos homenageados no Memorial



Fonte: Registros mantidos no Memorial da EE Culto à Ciência (2016)

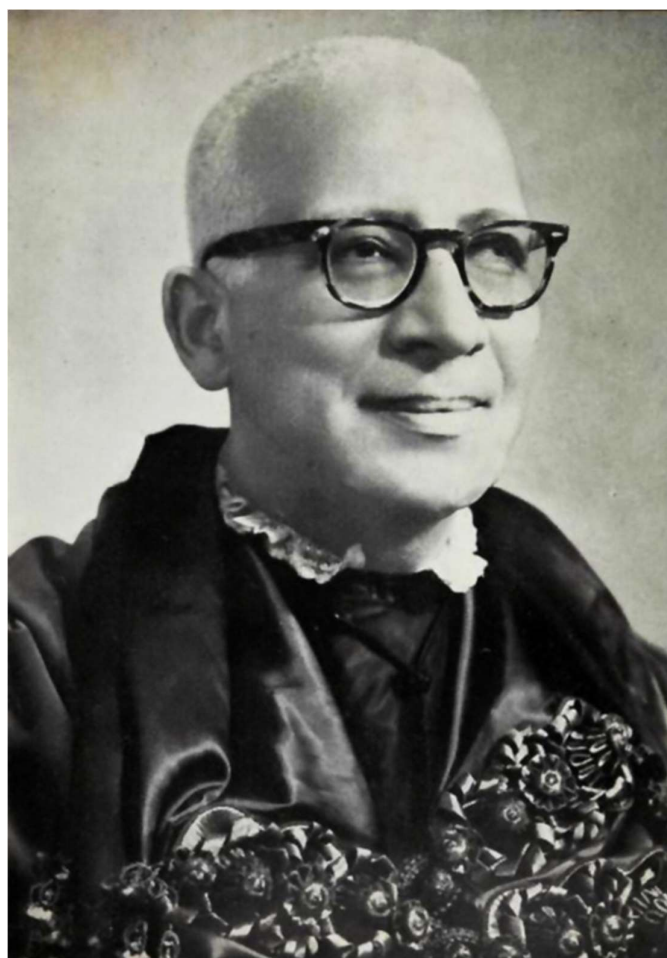
Imagem 15 - Quadro dos Lentes e Catedráticos homenageados no Memorial (continuação)



Fonte: Registros mantidos no Memorial da EE Culto à Ciência (2016)

Antônio Ferreira Cesarino Junior nasceu em Campinas, São Paulo, em 16 de março de 1906. Filho de Antônio Ferreira Cesarino e Júlia Cesarino. Matriculou-se em 1918 no Ginásio do Estado “Culto à Ciência”, diplomando Bacharel em Ciências e Letras em 1923. Em 1929, após concurso de provas, conquistou a cadeira de História Universal do Ginásio, na qual sucedeu aos Professores Catedráticos César Bierrenbach e José Augusto César. Então defende seu doutorado e assume a cadeira de Legislação Social Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Imagem 26 - Professor Catedrático Antônio Ferreira Cesarino Junior na USP



Fonte: Cardone (2017)

Imagem 37 - Sala Prof. Dr. Cesarino Junior na Universidade de São Paulo



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Assim como a família de Antônio Cesarino Ferreira Junior, que escolheu o colégio em virtude de toda a sua representatividade e de seu histórico de visibilidade e projeção na cidade de Campinas, os alunos por mim entrevistados demonstram em seus depoimentos que suas famílias também escolheram o Colégio por conta de sua história. Ao serem perguntados por que escolher o Culto à Ciência para estudar, todos declaram que foi pelo histórico da escola. Como podemos conferir, a aluna **Ana Paula**, em seu depoimento, descreve:

Então, na verdade, eu nem sabia que essa escola existia, eu nunca tinha ouvido falar dela. Eu morava num bairro periférico de Campinas na época com minha família. Meus pais ainda moram lá. E eu tive uma professora no Ensino Fundamental, a Sol, ela era minha professora de Artes. E eu adorava ela porque eu sempre fui aluna das Artes, e ela viu que eu e a minha irmã tínhamos um potencial, um interesse maior em estudar. Em uma reunião de mestres, assim, ela chamou minha mãe pra conversar e falou "Ah, eu vi que suas meninas, elas são muito empenhadas e tudo mais, se você quiser, eu tenho oportunidade de colocar elas na lista". Porque, na verdade, a minha mãe já conhecia essa escola e eu já tava na lista, só que eu não tinha noção disso.

E a minha mãe, ela sempre correu atrás de estudo, por mais que ela não tivesse dinheiro pra investir, ela fazia de tudo possível para eu e a minha irmã termos a melhor educação possível. E aí ela topou conversar com essa professora e aí a professora conseguiu colocar a gente na lista. Ela tinha algum contato lá dentro da escola, colocou a gente na lista e aí a minha irmã conseguiu, foi chamada pro próximo ano, que ela foi a partir do segundo ano. E eu consegui ir desde o primeiro. E foi assim que eu conheci a escola. Porque antes eu nem tinha conhecimento... e foi assim que eu conheci o Culto (Santos, A, 2020).

A fala da ex-aluna do Colégio não é diferente da dos outros entrevistados, que viam na escola a oportunidade de obter um ensino de qualidade. Segundo eles, essa qualidade não existia na escola do bairro onde residiam devido a vários fatores como falta de professores, desinteresse e falta de estímulo dos alunos, me levando a questionar o porquê dessa diferença entre as escolas. Como professora que atua na cidade de Campinas há 20 anos, inclusive em escolas das periferias, percebo essa diferença no tratamento e estrutura das escolas relatado pelos ex-alunos.

As ex-alunas **Bárbara, Géssica, Leticia, Gabriela Araújo, Isabela e Gabriela Luciana** também comungam das mesmas ideias de *Bárbara*, como veremos a seguir, ao serem questionadas sobre o porquê de escolher o Colégio para estudarem. As respostas foram as seguintes, respectivamente:

Bárbara: *Porque o Culto à Ciência, eu sempre soube que era uma escola referencial né? No ensino médio e meus pais sempre procuraram as melhores escolas né dentro das nossas condições então sendo escola pública eles foram e fizeram essa pesquisa e souberam do Culto à Ciência, e aí desde que eu fui lá então pra conhecer antes de me matricular eu me encantei pela escola e quis ficar (Rodrigues, B. 2020).*

Géssica: *Pela fama de ter um bom ensino.*

Rosângela: *Foi isso que te colocou, que te levou a estudar lá?*

Géssica: *Minha mãe, meus dois pais, tinham a pretensão de me tirar da escola de bairro e o Culto à Ciência tem um grande peso no nome, então a gente fez uma... um método e eu fui pro Benedito Sampaio para conseguir vaga no Culto à Ciência...*

Rosângela: *Você teve dificuldade para conseguir vaga no colégio?*

Géssica: *Não, é que eles falavam que eles davam preferência para quem já estudava no centro, né? Então, eu fui no meu último ano, da oitava série, para o Benedito Sampaio, aí do Benedito Sampaio eu consegui lá no Culto à Ciência. Sem problema nenhum. o Sampaio, aí do Benedito Sampaio eu consegui lá no Culto à Ciência. Sem problema nenhum (Silva, G. 2020).*

Outra ex-aluna, **Leticia**, também conta o porquê de escolher a escola e como foi conseguir a vaga. Ao ser questionada sobre o motivo que a levou estudar no Culto à Ciência, temos o seguinte diálogo:

Leticia: *É... o Culto à Ciência sempre foi uma escola, assim, de nome, né? Na questão de ensino, todo mundo fala muito bem do ensino do Culto. E, como o primeiro e o segundo ano eu passei trabalhando, então não deu pra dar uma devida atenção nos estudos. E no terceiro ano, eu não tava trabalhando porque tinha acabado meu contrato, eu tava trabalhando como patrulheira, e eu queria uma escola boa. Como os meus pais nunca tiveram condições de pagar uma escola particular, me surgiu a ideia do Culto à Ciência.*

Rosângela: *Você teve dificuldade para conseguir vaga no colégio?*

Letícia: Não foi difícil, mas porque o meu pai, ele conhece uma pessoa que é amiga do... ah, daquele pessoal da Secretaria de Educação, sabe? Então, ele conseguiu me colocar lá dentro porque ele tinha um contato direto com a D. [diretora da Colégio] também... Então, não foi difícil por essa questão, por meu pai já ter contato.”

Rosângela: Ah, você teve uma influência, né?

Letícia: Isso.

Rosângela: Mas, assim, não foi... não era assim, se fosse pelas... se não fosse o contato, não...

Letícia: Não teria conseguido. Não teria conseguido. Até porque eu entrei no último ano, e pra você conseguir, assim, entrar no Culto do jeito que as outras pessoas entraram, é desde o primeiro ano, já deixando o nome lá... todo aquele trâmite que você já conhece. Mas eu só consegui mesmo através de contato e de influência. Se não fosse por isso, eu não teria conseguido (Carvalho, 2020).

O Colégio Culto à Ciência, por seu histórico de escola pública de qualidade e até por ter tido em seu quadro de alunos grandes personalidades, como Santos Dumont, e até atores famosos, desperta nos pais e nos alunos o interesse em frequentar e obter um ensino de qualidade. Além de ter em seu quadro docente professores que hoje são nomes de escolas como Telêmaco Paioli Melges, Aníbal de Freitas, Carlos Francisco de Paula, Ernesto Kulmman, Paulo Decourt. Temos o exemplo do próprio Antônio Cesarino, que reconhece ser o colégio a base de sua carreira.

A ex-aluna Isabela não tinha certeza se queria estudar na escola, mas sua mãe, sim.

Isabela diz:

Eu não me lembro muito bem, mas a minha mãe, ela queria que eu estudasse lá. Porque eu estudava ao lado do Benedito Sampaio, então sempre teve essa noção de que “Nossa, o Culto à Ciência é uma escola incrível, só tem menina e menino bonito nessa escola!” E o menino bonito e a menina bonita seriam pessoas loiras, brancas, estilosas, que fazem parte aí de um padrão da sociedade, de que “Nossa, eu quero estudar lá”. Eu não sabia nem o que era faculdade, mas quando eu cheguei nessa escola eu tive toda essa noção do que que seria o futuro (Oliveira, 2020).

Para as alunas Gabriela e Luana, a escolha da escola se dá pela sua qualidade e fama de uma boa escola.

Gabriela Luciana: Eu estudava na escola Benedito Sampaio, que é ao lado, e a escola Culto à Ciência era muito bem falada. Então, automaticamente, depois que eu acabei o Ensino Fundamental, eu passei pro Ensino Médio no Culto por ser uma escola bem falada, bem-vista e que diziam que formava bons alunos.

Luana: Eu também, eu estudava no Gustavo Marcondes, no Taquaral. E aí quando surgiu... eu sempre quis estudar lá porque eu sempre achei, tipo, a faixa daquela escola diferente e também tinha uma reputação muito boa, que o ensino era ótimo, e todas essas coisas (Joaquim e Souza, 2020).

O Ginásio, à época de sua fundação, gozava de um corpo docente prestigiado, com professores ilustres nas mais diversas cátedras. O aluno egresso deste colégio não tinha exigências para ingressar nos vestibulares. Atualmente o colégio está entre os primeiros colocados das escolas públicas da cidade em aprovação nos melhores vestibulares, muito provavelmente, em decorrência de um corpo docente efetivo na rede estadual, o que já não

acontece em muitas das escolas públicas que tem profissionais que não criam um vínculo com a instituição, atuando apenas um ano.

Esse histórico do Colégio atraiu e continua atraindo os estudantes, ainda que muitas mudanças tenham ocorrido daquele período até os dias atuais. Hoje, por exemplo, os alunos saem com certificado de conclusão do Ensino Médio, tendo que se inscrever nos vestibulares, mas a fama de boa escola não se perdeu com o tempo. Por isso a disputa pela vaga, como relata o ex-aluno **Jordan**, morador da periferia da cidade e estudante de escolas das periferias. Ele foi incentivado pelos seus professores, assim como a ex-aluna Ana Paula, a estudar no Colégio.

Jordan me conta:

Eu sempre tive mais contato com as escolas da periferia. Eu moro na periferia de Campinas, no Jardim... eu moro dentro de um Núcleo Residencial, que antigamente era invasão, hoje ele é reconhecido pela prefeitura; a gente ainda tá no trâmite ainda, mas já é reconhecido. Entre os DICs, no Ouro Verde, distrito de Ouro Verde. Então, eu sempre estudei em escola de periferia. Então, aqui, a Escola do Sargento, aqui, a Escola do Orlando. Não são escolas conhecidas muito bem pela sua, vamos dizer assim, meta, né? As coisas são bem complicadas aqui. Mas eu tive educadores muito bons, mesmo em meio a toda essa dificuldade que a gente sabe que existe nessas escolas. Sempre tive educadores muito bons que acreditaram em mim, acreditaram no meu potencial, e dos meus colegas também. Eles sempre diziam "Você tem um diferencial, você pode ser professor", mas como eu tava sempre avoado, eu nunca prestava muita atenção, né? E aí ocorreu várias coisas dentro desse período. Eu lembro que aconteceu uma coisa: a gente tava na sala uma vez, e eu sempre sentava na frente. Então, eu sempre tava ali fazendo as coisas, e o pessoal brincava. Então, ao mesmo tempo que eu queria brincar, eu queria fazer as coisas. E os meninos tavam brincando, né, e eu falei "Não, o professor vai vir, vocês vão acabar se dando mal, senta aí". E eles não me ouviram, então eu peguei e joguei uma borracha neles. Aí eles foram brincar comigo, eu saí correndo, e abaixei. Eu não vi, apareceu uma moça da secretaria. Resumindo, ela achou que fui eu, foi todo mundo pra diretoria, acabou rolando um escarcéu que não precisava, fora que, aí depois disso, minha mãe já achou melhor tirar eu da escola. Porque já tinha um monte de coisa acontecido, aí tinha bomba na escola, tinha droga, tinha não-sei-o-quê... e esse foi o ponto assim crucial, que ela falou "Não dá mais. Mesmo que não foi você, foi um mal-entendido, vamos embora". E aí me mandaram pro... ela conseguiu me transferir pro Francisco Glicério. Fica um pouquinho pra cima ali do Carlos Gomes (Coutinho, 2020).

Infelizmente, as escolas da periferia da cidade de Campinas são vítimas de um descaso das autoridades e seu patrimônio sofre depredação. São salas com pouca ventilação, falta de professores, levando ao abandono por parte de muitos alunos. Existe uma rotatividade de profissionais nestas escolas, com isso o estudando acabando não criando um vínculo com os professores e também não vê a escola como um espaço de conhecimento, levando sempre a brincadeiras e desrespeito. Então o processo de aprendizagem fica comprometido e muitos pais vêm essas escolas como espaço não propício à educação de seus filhos, buscando nas escolas centrais, como o Colégio Culto à Ciência, um espaço onde seus filhos possam ter um “ensino de qualidade”.

O ex-aluno **Jordan** narra ocorridos na escola da periferia que o levaram a escolher o Colégio Culto.

Ali foi um período de transição, porque ali abarcava... é uma escola que abarca várias áreas da periferia de Campinas, também de outras cidades, mas é uma escola de centro. Aí eu tive contato com outros tipos de pessoas, tanto em padrão social, modos de pensar... E principalmente ali eu tive contato com a Geografia de uma forma diferente, eu me lembro da professora Júliana, quando ela falou pra mim que a Geografia é uma coisa que você vive e você não percebe. Ela falava que a Geografia, por exemplo, ela explicou globalização: ela falando que, por exemplo, a morte da princesa Diana, a princesa Diana usava um vestido que foi feito na Inglaterra, o motorista era russo, a [inaudível] que ele usou era de outro lugar, o carro alemão, e assim ela mostrou pra gente o que era globalização. Foi o primeiro estalo que eu tive, que eu chamo de ponto de contato da minha pesquisa, que é quando você consegue analisar um fato ou uma vivência pelo olhar geográfico. E ali eu comecei a estudar movimentos sociais, um pouco mais, História e tal, eu comecei a entrar nesse mundo, comecei a construir um pouco também da minha identidade como pessoa, me ver como uma pessoa negra dentro dessa perspectiva, inserir... e dali, quando eu finalizei o Fundamental 2, falaram "Olha, Jordan, você é um aluno muito bom, você tá engajado nesses questões, e a gente tem – eles podiam indicar você a partir da diretoria, né? – você pode ir para qualquer escola a partir da diretoria, e a gente quer te indicar pro Culto". Aí eu falei "Mas por que o Culto?", "Porque você é um aluno muito bom, você tem uma pegada muito boa em relação a várias coisas, mas lá eles gostam de alunos diferenciados. A gente não vai falar por quê, mas quando você chegar lá, você vai descobrir". Eu falei assim "Caramba. O que que será que eles querem dizer?", eu falei "Ah, acho que eu vou encarar". Mas o pessoal falou "O Culto é pra você. Se você quiser, é isso, senão você pode escolher". Aí eu falei "Beleza, topo o desafio" e aí fui encaminhado pro Culto. Quando eu cheguei no Culto, não foi nada do que eu esperava. Eu olhei para aquela escola e me senti em "Hogwarts", eu vou ser bem sincero com a senhora (Coutinho, 2020).

Outro ex aluno que também foi levado a estudar no Colégio, por influência dos pais, foi o **Thiago**, como demonstra em seu relato:

Na verdade, não fui eu que escolhi. Tipo, a minha irmã chegou a estudar lá porque minha mãe tinha uma conhecida que trabalhava na secretaria lá, e conseguiu colocar a minha irmã. Eu não conhecia o Culto à Ciência em si. Aí, tinha a fama de ser uma escola boa e tudo mais. E assim que eu me formei no Fundamental, eu fui – como fala? – jogado pro Dom Barreto³⁹ (Silva, T. 2020).

Percebe-se que em todos os relatos, os ex alunos se referem à “fama” que a escola tinha e continua tendo nos meios escolares, inclusive pelos professores, e que tem como sonho lecionarem na escola.

Para a família de Antônio Ferreira Cesarino Júnior, fazer parte do Colégio Culto à Ciência representou uma vitória também, pois como criança negra e pobre, oriundo de uma família de pobre, que passou por grandes necessidades, desde saúde até alimentação, frequentar uma escola como o Culto era sinônimo de prestígio. Segundo Barbosa (1997), a entrada de

³⁹ É uma escola estadual que está alocada junto a Diretoria de Ensino Campinas Oeste. A cidade de Campinas é dividida em duas Diretorias, devido ao grande número de escolas. A escola Culto à Ciência pertence à Diretoria Leste.

Cesarino no Ginásio trouxe grandes modificações na vida dele. Por ser um dos únicos negros do colégio, levava com seriedade e responsabilidade os estudos.

Para toda família negra, a educação dos filhos, principalmente quando filhos de famílias menos abastadas, se constitui um passaporte para ascensão de uma vida melhor. Assim como para a família de Cesarino, para a minha família e para a dos alunos e alunos entrevistados, garantir uma escola de qualidade se tornou o caminho para conquistarmos uma estabilidade no futuro. A contradição é que nem sempre a escola está preparada para receber crianças pobres e negras, deixando marcas profundas neste processo inicial e terminal da educação. O espaço escolar deve ser um espaço de múltiplas possibilidades e também de solidariedade, tanto entre educador e educando, quanto entre educando e educando.

Minha família, assim como as famílias dos estudantes e a família de Cesarino, buscava na escola um espaço para seus filhos terem uma educação de qualidade e, assim, possibilitar a continuidade dos estudos e poderem almejar um futuro diferente de seus pais. O que essas famílias talvez ignorassem era como o problema da solidão e as dificuldades enfrentadas pelo preconceito e discriminação trariam um isolamento que não foi facilmente perceptível. A educação praticada nestes espaços não tem nada a ver com os grupos familiares, ela traz a mecânica de uma literatura em que você não sabe quem é porque sua história não está contemplada nos livros. O próximo capítulo irá trazer as histórias desses estudantes e como isso marcou definitivamente sua concepção de ser negro.



*aquele que não sabe, pode aprender*⁴⁰

*Nea onnim no sua a ohu*⁴¹

5. AS NOSSAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DOS ESTUDANTES NO INTERIOR DA ESCOLA PÚBLICA: INSERÇÃO E PERCEPÇÃO COMO NEGRAS E NEGROS

As lágrimas que descem pelo seu rosto não tiram sua visão.

*Provérbio Africano*⁴²

O processo de construção da identidade do estudante negro passa pelas lembranças deste no interior de uma sala de aula. Lá as primeiras noções de ser negro e negra numa realidade de exclusão e invisibilidade ganham sentido em sua trajetória futura. Hoje reconheço que o fato de ter sido invisível e ter minha identidade negada pelos meus professores influenciou muito na construção de minha identidade.

Para Munanga (2020, p. 11), “*a identidade negra no Brasil de hoje se tornou uma realidade da qual se fala tanto, mas sem definir no fundo no que ela consiste*”. O professor ainda ressalta que “se o processo de identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre ‘nós’ e ou ‘outros’, o grau dessa consciência não é idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem contextos socioculturais diferenciados”. Poderemos perceber esta realidade a partir dos depoimentos dos alunos e alunas, pois cada um teve uma conscientização do ser negra e negro no espaço escolar em momentos diferentes de sua trajetória. Alguns preferem a negação, renegam seu corpo, adotam um estereótipo aceito pela branquitude.

⁴⁰ Tradução nossa para o português do provérbio traduzido de Akan para o inglês como “*When he who does not know learns, he gets to know*” (Adinkra Symbols and meaning, 2023).

⁴¹ Provérbio original na língua Akan (Adinkra Symbols and meaning, 2023).

⁴² Pensador (2023).

A identidade é o resultado de um processo histórico-cultural, nascemos com uma definição biológica⁴³ e uma definição racial, a partir delas iremos construindo nossa identidade social para diferentes indivíduos, homens, mulheres, brancos e negros. Esta identidade vai sendo construída a partir dos elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos, sendo a escola contribuidora deste processo (Carneiro, 1993).

Conceito também compartilhado por Nogueira (2021, p. 45) que destaca:

A pessoa, portanto, é em primeiro lugar, uma entidade biológica, uma categoria social, que só se define na relação com outras pessoas; em segundo lugar, a pessoa é um ser social; é no contexto social que a ‘máscara social da personagem’ é também um indivíduo; e, em terceiro lugar, a relação entre o indivíduo e a sociedade está diretamente ligada à natureza.

Neste capítulo trabalharei a partir das memórias e narrativas dos estudantes sobre como cada estudante despertou sua identidade racial durante o período em que frequentaram a escola e, posteriormente, como se depararam com as situações e experiências racializadas no interior dela, além de como a instituição impactou sua consciência sobre ser negro. Pois cada um, como colocado pelos estudiosos, tem seu momento de despertar. Pois nascer negro e se tornar negro, enquanto sujeito social e cultural, requer amadurecimento e consciência crítica para os quais muitos ainda não estão preparados. Cada um, a partir de suas memórias, vai percebendo como o racismo e o ser negro trouxeram maturidade a partir das situações narradas.

5.1 Memória, racismo e ressentimento

Este subcapítulo visa analisar como a memória, o racismo e, por conseguinte, o (res)sentimento serão tratados ao longo das entrevistas com os estudantes. Para iniciarmos a discussão acerca do tema, apresento os seguintes questionamentos:

- Que memória conservam os(as) estudantes de seus próprios ressentimentos?
- Quais memórias eles conservaram dos ressentimentos de determinada(s) pessoa(s) da(s) qual(is) foram vítimas?
- Qual(is) memória(s) o grupo de estudantes conservou de seus próprios ressentimentos e dos ressentimentos de “inimigos” dos quais foram vítimas?
- Qual(is) atitude(s) a escola, enquanto instituição democrática de ensino, teve ou tem diante dessas lembranças?

⁴³ Ver nota 22 na p. 42.

Segundo Nascimento (2016), o racismo não é um problema apenas de cor da pele, sua natureza mais profunda reside na tentativa de desarticular um grupo humano pela negação de sua identidade. Neste sentido a memória, a história e o ressentimento estão estritamente ligados, pois se articulam através dos processos sociais, nas biografias e autobiografias e na construção das identidades.

A memória também está relacionada a sentimentos e (res)sentimentos frutos de ações vivenciadas em espaços sociais. A proposta é dialogar com os e as estudantes sobre situações vivenciadas no espaço escolar, demonstrando como as práticas escolares se traduziram em (res)sentimentos não oficializados pela instituição, apontado como uma fonte historiográfica no campo da pesquisa.

O racismo é uma violência tão traumática para quem sofreu ou sofre, que muitas pessoas optam por apagá-lo de sua memória, na tentativa de apagar marcas desse processo de dor. No entanto, quando o racismo ocorre num espaço educacional, esse apagamento se torna quase impossível, porque as marcas costumam ser muito profundas. O questionamento que fazemos é: em qual lugar devemos guardar este sentimento e por que guardá-los? Segundo Seixas (2004, p. 38), “a crescente revalorização da memória, tanto na esfera individual como nas práticas sociais ou mesmo no interior da historiografia, o acúmulo de falas de memória, sua operacionalização está cada vez mais eficaz...”. A memória vem se tornando um foco muito importante nos estudos da atualidade, é quase um consenso a noção de que o lugar da memória é aquele da produção de subjetividades, da construção de identificações. Todos temos o direito e o dever de lembrar, mesmo que isso nos traga alguma dor e ressentimento.

A partir das experiências narradas por meio dos diálogos e da sensibilização sobre o assunto racismo, foi possível tematizar e problematizar a memória trazida pelas e pelos estudantes. Partindo da minha autobiografia, da biografia do Professor Antônio Ferreira Cesarino Junior e das histórias relatadas pelos estudantes foi possível descrever algumas práticas escolares e sociais que se deram no interior da instituição e que foram invisibilizadas no processo de constituição da história daquele lugar.

A historiografia, durante muitos anos, desconsiderou este campo como objeto de estudo, talvez porque a memória seja voluntária, individual ou coletiva e parte de uma subjetividade, tornando-se um campo “minado” no processo de construção histórica. A memória faz parte do vivido e construído, não há como negar que cada um acumula experiências que irão nos constituir enquanto sujeitos. Aqui, essas memórias ajudaram a constituir suas personalidades, pois trouxeram conscientização e, para alguns, até um engajamento na questão racial e na própria percepção enquanto sujeitos de direitos.

Durante o processo de entrevistas e posteriormente, ao dialogar com elas, pude perceber que muitas das lembranças trazidas pelos estudantes, na perspectiva do racismo, se tornaram impessoais e interpenetravam numa memória coletiva. Essas lembranças confluíam em experiências vivenciadas por todos, e inclusive com a história do Professor Cesarino. Assim como eu não consegui apagar da minha memória os momentos vividos no interior do espaço escolar, os alunos e alunas entrevistados também não conseguiram. Portanto, é impossível dissociar os ressentimentos que estes episódios nos remontam.

Ressentimento é uma noção complexa e bastante difícil de precisar, pois tem várias conotações, passando pela questão psicológica, social e existencial. Segundo Ansart (2022, p. 209) “o termo (res)sentimento, no que concerne ao sentimento, sugere uma relação muito particular com o tempo, no fato de se lembrar com amargura, com animosidade, dos males sofridos”. Aqui optamos por trazer a noção social, onde as percepções dos narradores pertencem a um grupo social que está em uma posição injustamente subordinada em uma hierarquia de status, que dispensa ao grupo um tratamento injusto e/ou parcial em relação à sua posição. Sendo esse ressentimento uma resposta a uma situação de preconceito ou discriminação.

Poderemos perceber essa reverberação emocional nas memórias trazidas por **Ana Paula**, que chora quando relembra episódios que viveu no espaço escolar. Outro momento marcante é **Andreza** narrando o sentimento que vivenciou quando soube que a lista de nomes de alunos que aprovados nos vestibulares de 2017 não incluía o seu, sendo que naquele ano foi aprovada no vestibular da UNICAMP, faculdade de Educação Física. A celebração de sua aprovação se mistura ao sofrimento de não ver seu nome divulgado nas redes sociais da escola.

Um questionamento que me fiz ao entrevistar os e as estudantes foi: De que modo o ressentimento se manifestou? Como ele refletiu nas condutas dos e das estudantes?

Aqui podemos experimentar elementos de um ressentimento coletivo e uma memória coletiva como um conjunto de experiências impotentes vivenciadas por ambas as estudantes. Foram ações provocadoras e desencadeadoras do ressentimento que, ao serem narradas, não percebi um tom de vingança, mas, sim, de uma mágoa ligada intimamente a uma lembrança dolorosa. Esse ressentimento permitiu e permite uma reconstrução de uma coesão, de uma identificação forte com o grupo dos estudantes, um vínculo coletivo e individual.

A escola, com toda sua estrutura e seu aparato muitas vezes opressor de racismo e invisibilização dos corpos negros, é favorável ao desenvolvimento de uma memória ressentida. Ao se tornar um espaço democrático, onde se convive com os diferentes e com as diferenças, é que o ressentimento se torna mais visível.

Ao mesmo tempo, as políticas sociais e as legislações são a resposta das instituições ao ressentimento, constituindo uma tentativa de transformar as relações e as práticas escolares de coibir tais atitudes. No meu caso e do Professor Cesarino Junior, infelizmente, essas políticas não estavam presentes no processo educativo, principalmente no caso do Professor Cesarino, que foi vítima de ações racistas no interior da escola durante seu período de aluno e posteriormente de professor no Colégio.

Enquanto historiadora, me cabe o papel de tentar analisar, compreender e explicar aquilo que não é dito, não é proclamado, o que é negado – no caso, atualmente, a grande maioria das instituições escolares negam a existência do racismo no seu interior, mas que constitui o motivo de atitudes, concepções e percepções sociais do inconsciente não consciente nas práticas, comunicações e ações.

Um campo da historiografia que se desenvolveu após a segunda guerra mundial foi a questão da *memória dos fatos*. Naquele caso específico, a envolvia o estudo de como os soldados sobreviventes reagiram ao retornarem para seus países, suas casas e relembrem as situações vivenciadas, os desafios e sofrimentos enfrentados e foram estimulados a não os esquecer.

Em relação à memória dos ressentimentos, a problemática é diferente e mais delicada. Pois podemos esquecer alguns fatos que aconteceram durante nosso processo de inserção nos espaços, principalmente no interior da escola, no entanto, não conseguimos esquecer o ressentimento que tal fato causou, e isso pode se ilustrado em vários momentos da entrevista com os e as estudantes. Para mim, que vivenciei em minha trajetória de estudante situações semelhantes, não foi fácil lidar com tanta sensibilidade, pois esta situa-se no domínio do não-explicito, das insinuações, dos silêncios, dos recursos metafóricos da linguagem, das dimensões implícitas no jogo do social.

Nos trechos em que nos dispusemos a analisar as entrevistas, nas memórias individuais ou na coletiva, podemos distinguir algumas atitudes demonstradas pelos entrevistados e entrevistadas como: a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e, enfim, a da intensificação, da exasperação da memória de ressentimentos.

Tivemos momentos em que muitos não esqueceram os fatos que presenciaram ou foram vítimas, mas esqueceram, ou pelo menos se detiveram menos, nas lembranças dos ressentimentos. Percebi este fato ao conversar com a **Mayara**, que trouxe muitos fatos de quando foi “laranjinha” e de quando participou do grêmio escolar como presidente. O mesmo não ocorreu com a **Ana Paula**, ao lembrar de um fato onde sua amiga, também negra, presidente do grêmio escolar, foi preterida pela direção da escola apresentando uma aluna branca como

presidente. Aqui temos um exemplo da seletividade da memória, na qual o impacto da lembrança para uma aluna sobre a situação vivenciada causou um ressentimento enquanto, para a outra, a atitude foi procurar desviar deste sentimento na tentativa de esquecê-lo com uma lembrança mais agradável.

Pode-se dizer que cada uma demonstrou uma sensibilidade em relação à situação vivenciada, pois entendemos que as sensibilidades são formas pelas quais os indivíduos e os grupos percebem a si e ao mundo. Segundo Pesavento (2004, p. 224), “a sensibilidade é, pois, a capacidade humana, que fundamenta a apreensão do real: é uma habilidade sensorial que marca a capacidade de ser afetada pelo mundo a estímulos físicos ou psíquicos por meio de sensações”.

A estudante **Géssica**, em seu relato, demonstrou uma certa sensibilidade ao lembrar quando os alunos diziam que ela tinha um “corpão”, mas era feia de rosto, ou seja, um sentimento de se diferente e ser preterida pelos meninos da escola.

Levanto uma outra atitude do ressentimento que é a rememoração, levando o sujeito a um sentimento de irritação a respeito da situação vivenciada, prolongando assim suas consequências no presente. **Géssica** hoje é uma mulher consciente das situações racistas vivenciadas na escola e adquiriu um outra postura em relação ao racismo, tornando-se mais engajada, e inclusive relata uma situação em relação à postura adotada por ela e as amigas num episódio de racismo no qual eu fui vítima no período em que atuava como docente no Colégio. A sua postura trouxe reflexão e ela disse que, se isso tivesse ocorrido hoje, teria um outro posicionamento. Esse sentimento vivenciado pela aluna trouxe uma interpretação e qualificação de mundo, um conhecimento de como o racismo opera, silenciosamente, foi capaz de produzir alguns valores e verdades que, no período da adolescência, ficaram encobertos pelo pouco amadurecimento e letramento racial.

As revisões das memórias e ressentimentos vivenciados é uma terceira atitude. Ao falarem sobre situações vivenciadas de racismo e invisibilização ocorridas no Colégio, os estudantes passaram a revisar o vivido e chegaram à conclusão de que não era uma simples brincadeira e, sim, situações de racismo e, que no momento do ocorrido, não tinham uma percepção desse fato. Quando organizam e processam suas memórias, acabam percebendo que o episódio racista causou um desconforto levando a um ressentimento tardio.

Foi o que a estudante **Nayara** vivenciou quando percebeu que alisava os cabelos cacheados porque via as professoras elogiando os cabelos das colegas que eram lisos e nunca nenhuma elogiou o seu, então passou a alisá-los a fim de receber elogios, coisa que nunca

ocorreu. No entanto, ao revisar este fato, hoje com cabelos cacheados naturalmente, percebe como este fato causou um ressentimento.

A quarta e última atitude é a intensificação ou exasperação, quando o ressentimento ultrapassa os limites, levando a uma reconstrução do passado. Ao entrevistar o estudante Pedro, creio que pude identificar uma certa exasperação ao vê-lo lembrar o dia em que foi impedido de entrar na escola porque o ônibus apresentou problemas e atrasou. O aluno percebeu que este fato só aconteceu com ele, pois, em outro momento, um aluno chegou atrasado e teve o acesso permitido. Ainda segundo o Pedro, este aluno era um dos que costumavam ridicularizá-lo pelo fato de morar na periferia da cidade.

Fazer uma análise sobre a memória e o ressentimento é demonstrar como este sentimento pode ser destrutível e violento para os estudantes negros. As cenas do passado são reencenadas através do racismo cotidiano (no presente), demonstrando que a ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa, causando um efeito psicológico no sujeito.

Portanto, apoiar nossa memória no fato vivido, e não na história aprendida, é usá-la como um elemento da nossa ancestralidade, como reconfiguração e ressignificação dos nossos antepassados, demonstrando a importância da história passada, como eu me vejo e como o outro se vê em mim através de vínculos afetivos.

5.2 Memórias de alunas e alunos do Culto à Ciência

O momento em que narram suas memórias trouxe para algumas alunas dor e sofrimento, como foi o caso da aluna **Ana Paula** que, ao lembrar sua história, não teve como conter o choro. Nesta primeira situação, sobre trazer as experiências vivenciadas no espaço do Colégio, a aluna trouxe momentos em que o racismo e a discriminação estiveram presentes marcadamente por muita dor e sofrimento.

Ana Paula: A Ra.⁴⁴, ela era presidente da chapa da escola, do grêmio. Do grêmio, né, que tinha chapas. E a chapa dela tinha ganho, e se eu não me engano ela era presidente. Ela era presidente, a Re.⁴⁵ era vice. Não, não era a Re. a vice. Uma garota branca era vice. E a Ra., ela é negra de pele clara, né, ela não tem a pele retinta. Mas houve um evento lá que envolvia os alunos, e sempre quando tem esses eventos, eles chamam pessoas do grêmio e tudo mais. E ela foi chamada. Só que na hora da foto chamaram a vice dela, que era a garota branca, pra sair na foto. E não chamaram ela. E eu lembro dela contando isso e na época – eu já tinha mais noções, assim, de situações de racismo e tudo mais – e ela tava frustrada falando que "Nossa, a diretora pediu pra colocar ela na foto, e eu que sou a presidente, ela nem olhou pra minha

⁴⁴ Ra. é uma aluna negra, muito amiga da Ana Paula, sempre andavam juntas.

⁴⁵ Re. é uma aluna branca, que também estudou no Colégio no mesmo período que Ana Paula e Ra.

cara. Ela chamou a menina do meu lado, ela não queria nem saber quem era quem. Ela: 'Ah você que é a presidente, vem cá!' E não era ela. E aí eu falei que era eu, e ela não se importou e continuou chamando a outra menina pra tirar foto". Isso me lembra muito a situação, e é triste, né, ver que continua assim até hoje, pelo visto e... e se depender da gestão atual de lá vai continuar sendo assim (Santos, A. 2020).

Percebe-se que ambas as alunas negras ainda não tinham consciência da perversidade do racismo presente naquela situação, mesmo estranhando a atitude da diretora que escolheu a aluna branca para sair na foto, demonstrando as sutilezas que estas atitudes apresentam. Outra situação vivida pela aluna foi mais chocante, pois trouxe muita dor e choro quando foi perguntada:

***Ana Paula:** Sim, que eu não tinha dinheiro pra comprar roupa original. Eu não estava nem ligando pra ele. Só que outra coisa que marcou bastante, que eu fui pensar que foi uma situação de racismo anos depois, foi quando... Eu estava no primeiro ano... Ah, eu vou chorar...*

Perai, deixa eu lembrar. É, que foi com um professor. Só que eu não lembro o nome dela. [choro] Eu me emociono só de lembrar... Gente, será que eu não vou conseguir falar? Perai. Ela era... olha, eu juro pra você que eu não lembro. Mas eu acho que era uma mulher. E ela dava aula, só que ela não falava, ela mal falava na aula dela. Ela pegava, enchia a lousa de coisa... e eu lembro que desde o primeiro dia... [choro] E, se eu não me engano, eu não sei se era essa professora ao certo, mas era uma mulher e eu não sei se era professora de Filosofia ou de Matemática, mas eu acho que era de Filosofia. Eu não lembro. E acho que o nome dela era K. Mas eu não tenho certeza se era ela porque, nossa, faz, não sei, eu esqueci quem era, por algum motivo. E aí eu sentava na primeira carteira porque, desde o primeiro dia, a minha mãe chegou comigo e me colocou na primeira carteira. Sim, ela pegou e falou "Você vai sentar na primeira carteira pra prestar atenção". E ela me colocou na primeira carteira e lá eu fiquei, né? Eu falei "Ah, não vou sair". E lembro que vieram até uns outros colegas, tipo, "Ah, vamos sentar mais pra trás, não sei o quê..." E eu gostava de sentar na primeira carteira porque eu sempre fui uma aluna muito dedicada e tudo mais.

Aí, eu lembro que a sala fazia muita bagunça, muita bagunça mesmo. Todo mundo não parava de falar... E aí, ei não tinha muita amizade com ninguém. Só que aí chegou uma garota e eu me identifiquei muito com ela, e não foi por conta da cor, porque ela era branca do olho azul... [risos]... ela era branca do olho verde. Sim, mas eu senti... identificação com ela porque ela era lésbica... e as pessoas também discriminavam ela no começo. E aí, a gente virou muito amiga. E ela sentou lá na frente comigo porque eu falei "Eu não vou sentar lá na turma da bagunça", e ela sentou comigo. E aí eu lembro que todo mundo fazia muita bagunça, muita, muita bagunça. E tinha um garoto, inclusive, na minha sala que ele era muito... eu acho que já era pra ele ter se formado, mas ele ainda estava na nossa sala. E ele estava lá porque os pais dele, ou o pai dele, eu não sei, não lembro, era algum importante, não sei o que ele fez, fez isso e aquilo na escola particular. Ele foi enfiado lá. E ele aprontava, ele não parava quieto. Ele ficava andando pela sala, ele não sentava. E aí, a professora dando aula e falando "Fica quieto, fica quieto, fica quieto". Eu lembro, eu acho que a gente sentava em dupla, não sei. Eu só sei que eu estava perto dessa minha amiga e aí, eu fui falar alguma coisa com ela, eu virei e a professora me tirou da sala! Eu virei assim pro lado, pra falar alguma coisa pra ela, ela virou e falou "Ana Paula, sai da sala!" E eu falei assim "Por que, o que que eu tô fazendo?" E ela falou assim "Não, você vai ser o bode expiatório pra todo mundo aprender que não pode fazer bagunça" e tudo mais... [choro] E eu só tinha virado pra falar alguma coisa...

E eu lembro que ela fez eu levantar e começou a falar um monte de coisa... [choro] sobre mau comportamento... [choro] sobre várias coisas. E eu fiquei sem entender, né? Só fiquei parada, sendo humilhada, sem entender o que estava acontecendo [choro]. E eu entendo, eu não vejo problema nenhum em chorar, eu acho até bom, assim... (Santos, A. 2020).

Neste momento interrompo e peço desculpas por causar tanta dor, “a dor da cor”, da violência estrutural presentes nas instituições escolares, que não tem limites.

Ana Paula: ... eu sei que é por uma boa causa. É, eu não lembro mesmo se foi essa professora ou se foi a de Matemática. O que eu lembro é que eu nunca gostei de Exatas, mas eu também prestava bastante atenção, né, porque se era a matéria que eu não sabia, eu tinha que prestar mais atenção. Mas eu não lembro o nome dela, eu só sei que ela me deu aula de Matemática no primeiro e no segundo ano. Até que no primeiro ano eu tirava notas muito ruins, só que no segundo eu comecei a ficar boa e eu lembro que ela falou pro meu pai do meu desenvolvimento e tudo mais. Só que eu não lembro o nome dela. Só sei que ela usava óculos e tinha o cabelo curtinho, assim. Só que aí eu lembro que ela começou a falar um monte de coisa, e falou "Ah, não sei o quê, sai da sala porque você vai servir de exemplo pra todo mundo agora, não sei que lá, para de falar". E aí eu lembro que eu tive que sair da sala, e eu fiquei sentada no pátio, assim. A minha sala no primeiro ano era aquela que ficava... não ficava lá nos corredores, ficava lá fora. De frente pra Diretoria, era a primeira, tem duas ali, né. A minha era a primeira. E eu fiquei sentada no pátio, e aí eu vi que ela pegou e voltou a dar aula normal.

Rosângela: E a reação dos alunos?

Ana Paula: Não, todo mundo fazendo bagunça! E aí eu fiquei assim... [choro]. Eu fiquei sem reação nenhuma. E eu não lembro de mais nada desse dia, eu só lembro disso, que ela me fez de bode expiatório, sendo que eu nem estava no meio da roda, sabe?

Rosângela: ... a roda desse menino?

Ana Paula: Sim, a bagunça mesmo estava lá atrás, eles ficavam de pé, eles... Eles desorganizavam as carteiras, sabe, pra ficar uma fileira assim... E aí, essa é a única lembrança, assim, mais forte que eu tenho de lá. Depois, que eu me lembro, no segundo ano e no terceiro, eu não me lembro de mais nada que tenha acontecido, assim, de... que mexeu comigo tanto quanto essa situação. Mas, essa é a única coisa que eu lembro [choro].

Rosângela: Triste, né? Nossa, é triste. Como a escola pode ser cruel!

Ana Paula: É incrível (Santos, A. 2020).

As marcas deixadas por este ocorrido foram tão doloridas que, mesmo depois de ter deixado o espaço escolar, causam dor e sofrimento ao relembrar. Percebe-se que, no momento do ocorrido, a aluna não teve condições de enfrentar a professora e muito menos de relatar aos pais a situação vivenciada. Ela relata que se sentiu acolhida pela aluna branca “homossexual”, e que encontrou nela uma cumplicidade e apoio. Sabemos que ser minoria num espaço da branquitude nos coloca em vulnerabilidade, mas o fato da outra aluna ser branca, já a coloca numa situação de privilégio, mesmo inconsciente, e esse foi o caso da aluna.

Assim como **Ana Paula**, eu também fui atravessada por um episódio que deixou muita dor, dor esta que o tempo não apaga. Como bem analisa Freire (2019, p. 44) “é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou de formação, seja negligenciado”. Porque esta experiência vivida pela aluna foi negligenciada pelos gestores e pela educadora que, ao expulsá-la da sala de aula, não considerou o quanto esta experiência traria consequências no processo de formação da estudante.

A ex-aluna **Andreza Amorim** também vivenciou situações dentro do espaço do Colégio, no entanto, não trouxeram marcas tão doloridas como a de Ana Paula, mas o racismo atravessou sua trajetória de outra forma, com o apagamento de suas conquistas. É a mesma situação vivenciada por Antônio Ferreira Cesarino Junior, que não teve sua fotografia disponibilizada no quadro em homenagem aos lentes e catedráticos. Segue o seu relato:

***Rosângela:** E como foi a sua trajetória como aluna na escola, tem algum fato assim que te marcou, como foi tua experiência como aluna na escola nos três anos que você passou lá? Conta um pouco, assim, de todo esse processo, algumas coisas que aconteceram, algumas coisas boas ou ruins que marcaram sua trajetória como aluna, as experiências que você teve no Culto à Ciência.*

***Andreza:** Então, quando eu entrei em 2015, eu não pensava muito nessas questões, né... as questões sociais relacionadas ao preconceito, ao racismo, à diversidade em geral. E fui aprendendo muito lá, confesso que lá com a maioria dos professores, como a senhora e o Guilherme, por exemplo, ajudaram muito na questão de abrir a minha mente e pensar "Poxa, por que não tem mais pessoas como você aqui, né? Por que não tem mais professores como a Rosângela aqui?"*

Então, eu aprendi muito lá em relação a isso e disso eu sou muito grata. Eu acho que a escola, os professores e a escola em geral fizeram grande esforço pra começar a trabalhar esse tipo de questão. Mas, na prática, eles deixaram a desejar nesse sentido porque eu tinha muitos colegas que eram relutantes em entender esse tipo de conteúdo, de estudar sobre isso. Então, eu passei pelo que muitas pessoas como eu passam, racismo, sim, de colegas que eram próximos de mim. E... às vezes, quando essas coisas eram reportadas, como mensagens de ódio ficarem escritas na carteira, assim que você chegava e você lia claramente, e você reportava pra direção, pros superiores lá e pouco se fazia. Quem mais corria atrás disso eram realmente os professores pra tentar conscientizar e ensinar, sabe? E isso é uma grande crítica que eu tenho a fazer.

Mas... muitos alunos também eram bem abertos nesses quesitos, tentavam conversar, dialogar, então a gente também sempre tinha a possibilidade de conversar, de expor as nossas ideias. Porém quando chegava na direção era um problema porque a diretora era bastante relutante, não gostava muito de ouvir, não gostava muito de quebrar as normas, que ela considerava normas. Tanto que eu lembro que eu já fui representante de sala, dois anos, e nas reuniões era difícil, porque a gente só ouvia, nunca falava. E aí eu lembro que a gente propôs, assim, fazer esquemas diferentes pra ida ao banheiro e tudo mais. Eu lembro que, foi uma coisa que me marcou porque ela foi bastante rígida, sabe, falou "Enquanto eu for diretora aqui, vocês vão ter que pedir autorização". Às vezes os professores estavam abertos, eu lembro até, o professor Rogério, ele pedia, falava "Gente, vão ao banheiro, deixa anotadinho, faz uma listinha, uma filinha pra não atrapalhar a aula". Os professores eram mega abertos pra fazer coisas novas, mas chegava na direção, aquilo era barrado. Isso acabava muito com o ânimo da gente, sabe.

E... quando também era aberto questões raciais, a maioria aberta pela senhora, assim, as discussões, a gente sentia... Eu sentia um pouco assim, ficava um pouco acuada porque você virava meio que o centro da atenção porque a maioria não passava por aquilo, e muitos ficavam relutantes com aquilo e eu não tinha coragem, assim, de abrir a boca e falar "Gente...", tipo, tomar aquele lugar de fala e poder contribuir com a discussão. Mas eu aprendi bastante com aquilo e hoje eu tento fazer isso mais na minha vida, então, na faculdade, em algum lugar onde surgem esses debates eu tento ser mais proativa, né, chegar lá e colocar minha posição como uma mulher preta e falar "Olha, gente, isso, isso e aquilo", sabe. Isso eu acho que foi bacana que eu aprendi lá também, aprendi, fui desenvolvendo com a ajuda dos professores e tudo mais. Mas no geral foi uma experiência muito boa, questão de ensino mesmo, que a gente sabe que é um ensino diferenciado da maioria das escolas públicas que me ajudou a entrar na universidade hoje. Então, eu tenho muitos elogios, porém também tenho essas questões.

Rosângela: *Você já presenciou na escola, não com você, mas com algum outra/outro colega negro, alguma cena de racismo?*

Andreza: *Nossa, diversas. E teve uma que foi feita por uma professora que eu fiquei, assim, a sala ficou sem palavras. Porque tinha um aluno, V., chamavam ele de "Negão" porque, já se imagina por quê. Todo mundo chamava ele, amigos, e ele levava numa boa. Uma vez ele chegou na sala um pouco atrasado e a professora ficou incomodada e reclamou, né. Só que outros alunos já tinham entrado. E aí quando ele foi entrar, ela surtou, assim. Aí ele falou "Poxa, professora, você implica comigo só porque eu sou negro". E ela virou e falou "É isso mesmo", e escreveu em inglês "Eu não gosto do Negão porque ele é preto". Aí, tipo, eu... alguns acharam graça, ahahah, deram risada porque a professora tá brincando e eu no fundo assim da sala, querendo chorar, assim, tipo, como que tô vendo uma situação dessa, no meio da sala, todo mundo rindo, ouvindo e ela toma uma atitude dessa, sabe, vindo de um docente assim. Aí, sem contar as outras pequenas, né? Ah, "Negão pra lá, Negão não sei o quê"... comigo mesmo, teve aluna que chegou em mim, no meu cabelo e falou assim "Nossa, deve ter até barata aí dentro".*

Rosângela: *Eu lembro que você usava as trancinhas...*

Andreza: *Sim... as tranças mesmo, né... era exótico.*

Rosângela: *É.*

Andreza: *Nossa, todo mundo quer pôr a mão, todo mundo quer falar, "Ah, como você faz isso? Você lava isso?", tipo...*

Rosângela: *Sim.*

Andreza: *Acaba com a gente aos poucos, né...*

Rosângela: *Você também quando... você chegou a fazer parte do grêmio, né?*

Andreza: *Sim, fiz parte do grêmio também. E era uma coisa que eu queria ter trazido pro grêmio, essa questão racial que acontecia dentro da própria escola, essa questão das carteirinhas pichadas com frases racistas. Mas a galera estava eufórica preocupada com outras coisas, com festa junina... então, meio que não rolou nada, né, ficou naquilo mesmo. Não tive muita atividade no grêmio, também me chamaram só pra fechar a chapa porque precisava de alguém do primeiro ano, assim, no ano que eu fui, né. Então, mas hoje se eu voltasse, estivesse lá, seria com certeza, seria uma pauta.*

Rosângela: *Me fala um pouco das tuas origens, Andreza.*

Andreza: *Então, sei pouco das minhas origens porque a minha família é da Bahia, né, do meu pai e da minha mãe. A gente veio aqui pra Campinas, meus pais vieram, eu nem tinham nascido, mas os meus pais são baianos, a minha família inteira, a minha família por parte de pai é negra e da minha mãe é toda branca. Então, eles já, meus pais já não se deram bem por aí. Família, né. Já houve conflitos por minha mãe ser branca e o meu pai ser negro... mas o pouco que eu sei é isso.*

Rosângela: *O teu irmão, ele também estudou na escola, e o que que ele fala? Ele sentiu também o fato... porque eu percebi que na escola também os meninos negros, eles tinham um pouco mais de espaço do que as meninas...*

Andreza: *Sim. Os meninos... ele teve, sim. Apesar de ser mais novo ele ficava muito atrelado a mim, então tudo era "o irmão da Andreza". Mas ele falava muito também essa questão de "Poxa, como tem pessoa branca aqui", "Como falta pessoas como a gente aqui", e como ele era elogiado, assim, por ser também um bom aluno, ele ficava sendo muito elogiado "Ah, você é um bom aluno", mas também atrelavam ele à aparência, "Nossa, você é muito bonito", "Sua irmã é muito bonita", ficavam, sabe, "Vocês são diferentes", " Vocês são diferentes", tipo negro diferente. Ficavam muito nesse discurso, sabe...*

Rosângela: *Exótico...*

Andreza: *Sim. E ele tinha essa visão como eu tenho também. É uma escola que apesar de vir pessoas de bairros diferentes, ter uma diversidade nessa questão, a maioria continua branca. Então ele também, com certeza, já deve ter passado por situações assim.*

Rosângela: *E... me conta, repete aquela questão da universidade, quando você foi aprovada.*

Andreza: *Então, quando eu fui aprovada, no ano de 2018, vários alunos foram aprovados em outras universidades, PROFIS, na Unicamp mesmo... e eu não tinha visto a lista, aí meu irmão me mandou mensagem falando que os professores do Culto*

à Ciência tinham visto na lista que eu tinha sido aprovada. E aí eu fui conferir. Depois passou uns dias e a escola postou os alunos aprovados em todas as universidades. E aí o pessoal passou na Matemática, no PROFIS e tiveram a foto e o nome postados lá. E eu não fui. Eu passei aqui na Unicamp em Educação Física e eu procurei, e minha foto não estava junto com a deles, meu curso, nada. Parecia que eu não tinha sido aprovada em nada. Aí aquela questão me intrigou, eu falei "Poxa, será que esqueceram?" Mas não tinha como ter esquecido porque foram eles que me avisaram que eu tinha sido aprovada. Então eu fiquei, "Poxa, por que será que eu não estava presente naquela postagem de comemoração, né?" (Amorim, 2020).

No diálogo percebemos que a Andreza já fazia alguns questionamentos sobre a pouca presença de negros no espaço escolar, relatou que vivenciou e presenciou alguns casos que julgou ser preconceito e racismo, entretanto, não chegou a uma atitude de denúncia por conta do ocorrido. Esse silenciamento do aluno reflete o medo diante das autoridades institucionalizadas, retornando ao que Almeida (2019) classifica como o racismo institucional, legalizado pelas instituições públicas. Quando relata que vários alunos haviam sido aprovados em vestibulares e tiveram seus nomes veiculados nas redes sociais do colégio, menos o dela, reconhece o racismo e preconceito da instituição. O mesmo ocorreu com as tranças *dreads*⁴⁶ que usava e motivo pelo qual foi interpelada por uma aluna, alegando ter baratas no cabelo.

A aluna **Bárbara Santana** traz em seu relato e memórias e histórias que presenciou no colégio e sua reação diante do silenciamento dos gestores em casos que considerou ser preconceito contra colegas. Transcrevo:

Rosângela: E assim, enquanto aluna da escola. Como você sentiu? Como era ser aluna do Culto à Ciência? Uma aluna negra no Culto à Ciência? Como você viveu os três anos que você esteve lá? Você sentiu algum preconceito, você não sabe se sentiu, ou você se deparou, percebeu, você conviveu, presenciou?

Bárbara: É triste porque aí fica a cara do Culto à Ciência. Parece ser branca né? Porque é o que é publicado, né? É muito triste isso. Muito triste. Lembra até escolas particulares. Eu não sei, se essa é a maneira de eles buscarem destaque, assim uma certa... é se mostrar qualidade no ensino e relevância pra escola tá associado a mostrar também, divulgar alunos brancos porque nas escolas particulares eu vejo isso, me parece que é isso que tem acontecido. Eu acho que não tinha tanto conhecimento assim. Talvez eu não tivesse... Hoje eu consigo. Na verdade, foi com você que eu comecei a ter uma certa noção sobre racismo né... Foi com você. Eu lembro até hoje sua primeira aula na escola. Foi muito importante não só pra mim como pra todos. Foi algo marcante. Porque foi justamente num período que também estava acontecendo as reformas no Culto à Ciência.

E você, acho que nossa primeira professora negra ali também do quadro de funcionários. Então, não tinha essa conversa, a gente não tinha essa conversa sobre racismo até que você chegou. Eu acho que na sua primeira semana de aula, nos primeiros dias de aula você falou sobre isso. Contou sua trajetória como mulher negra e aí coincidiu que tava tendo reformas ali no Culto. O Culto à Ciência estava passando por manutenções ali. [...]

⁴⁶ Diminutivo de dreadlocks. Para alguns ele é símbolo de resistência, enquanto outros adotaram o estilo pensando no poder estético. De um lado ou de outro uma coisa é fato, o que não falta é história por trás das madeixas entrelaçadas em forma cilíndricas. Representado na cultura popular por Bob Marley e os seguidores do movimento Rastafari, os dreads possuem ligação direta com a África e a luta do negro em busca da afirmação de sua cultura (Vieira, 2015).

E aí, você fez a gente ter essa reflexão. Você falou: "Olha ali na janela. Olha quem são quem tá trabalhando ali. Vê se tem algum homem branco ali trabalhando". E realmente não tinha. Era homens pardos, pretos. E aí você começou a [nos fazer] pensar: "Agora olha para dentro da escola. Quantos professores negros você tem? Vocês têm? Ou vocês tiveram?" E a gente não tinha tido acho que nenhum professor negro, você era a primeira.

Aí, você começou: "E olha os lugares destaque. Quantas vezes vocês foram atendidos por médicos negros?" Nenhuma vez. Eu não me recordo, mas nenhuma vez, nenhuma vez e olha que eu moro em periferia. Por que não, né? Não sei, nenhuma vez. Então, eu acho que foi a partir daí que o comecei a ter o primeiro contato [em] reflexão com relação ao racismo.

Então, eu não sei, eu acho que talvez... É, essa é a primeira vez que eu estou tentando fazer essa reflexão da minha trajetória no Culto à Ciência, porque eu acho que eu vivi lá de uma maneira... com os olhos fechados para isso. Eu acho que algumas coisas que acontecem a gente não olha "Aqui, é pode ser assim racismo né?" E a gente acha que é normal, que é comum, e muitas das vezes não é. Acho que tá sendo a primeira, o primeiro momento mesmo que eu estou tendo esta reflexão. Eu nunca tinha feito esta reflexão eu nunca, nunca, nunca, nunca. (...)

Para ele falar "pô, eu quero ser igual!". Agora você estar num espaço que é tradição, mas, que você não tem ninguém que te... você só vê o negro varrendo o chão, servindo a merenda. Então, as pessoas desmerecendo: é bagunceiro! E então, quer dizer você não se sente pertencendo àquele lugar e aí o que vai acontecer com você: você não vai valorizar esse lugar, você não vai... não é? Então, isso é muito doloroso, isso é muito doloroso. Olhe, realmente... nossa! Ai, que louco isso, professora! (Rodrigues, B. 2020).

Ela traz memórias sobre como foi importante ter uma professora negra, a representatividade, e que até aquele momento não tinha consciência deste fato, relatando que vivia de “olhos fechados” para determinadas situações. Como queremos que os alunos tenham consciência, se a escola não traz a discussão? Relata o caso em que a equipe gestora se reuniu para expulsar um aluno negro, e como isso causou indignação pelo fato de outros alunos, no caso, brancos, bagunçarem e apenas o aluno negro ser o alvo de gestão. E continua, sobre o caso da expulsão dos alunos negros...

Bárbara: *O caso do A. e do F. eu não tinha parado pra pensar e que bom que você entrou nisso. Acho que você consegue olhar assim, né? A gente, quando está como aluna, não sei, a gente quer ser igual a todos. Então, consequentemente, a gente acaba... Pra mim não foi uma coisa muito clara, pelo menos eu não reparei assim, mas, uma coisa é certa. Acho que eu sempre tive que me esforçar muito, muito, muito pra conseguir. Sempre procurei ser uma boa aluna né? Acho que eu sempre tive que me esforçar muito pra tá ali com uma turminha e que, de fato, ninguém na minha turminha era negra. Eram pessoa brancas, uma das minhas colegas tiveram pais querendo ou não de classe média que fala quando a pessoa teve acesso aos estudos cursou um nível superior, então, eu sentia que olhando para as minhas amigas né, principalmente para essas né, em que eram brancas e os pais tiveram acesso ao nível superior e tudo mais. Eu percebia que elas tinham um estímulo muito maior vindo de casa por conta disso desde sempre na trajetória sempre elas foram sempre incentivadas, então, elas conseguiram aproveitar os estudos mesmo sendo de escola pública.*

Eu não tive este incentivo dentro de casa. A única coisa que minha mãe e meu pai me diziam era: "estuda pra que você não termine como a gente". Então, o exemplo dentro de casa era do que não fazer. Eles esperam que eu não me torne. "Porque a gente não conseguiu estudar, porque a gente não conseguiu fazer isso queria muito poder te dar um estudo melhor, a gente queria te dar muito melhores oportunidades, possibilidades, no entanto, a gente não conseguiu te dar tudo que a gente tem, por

isso, estude." Era a única coisa que eles diziam. Eu até percebo que dentro de casa assim, é totalmente diferente porque eles simplesmente sabem que o caminho é o estudo, mas, eu percebo a falta de jeito em como me ajudar. Eles não sabem como poder me ajudar.

Rosângela: É assim, você não pode culpá-los...

Bárbara: Trabalhando assim eles sempre foram em busca dos melhores recursos. Então, se era trabalho, eles nunca mediram esforços para ir a uma papelaria, ir imprimir em versão colorida, encadernar e tudo mais porque era a maneira que eles podiam me ajudar. Agora as minhas colegas não, eu percebia que já eram os pais delas, como você disse, que tiveram uma boa formação. Então, eles sabiam exatamente com detalhes como ajudar isso acho que reflete dentro da sala de aula muito, muito. Porque os alunos em destaque são os brancos, são os alunos que muitas das vezes os pais tiveram melhores oportunidades e, infelizmente, o aluno periférico que veio de onde eu vim, muitas das vezes eu acho que até tive, graças a Deus, eu tive acesso às pessoas que aos poucos me mostraram oportunidades, que existem coisas melhores e que eu podia chegar, então, por isso, eu acho acabei me despertando e fui buscar, mas, não é maioria né?

A maioria dentro da sala de aula que eu percebia, era os meus "irmãos", alunos negros, ficavam no fundo da sala porque aí eu não acho que... acho que faltava mesmo estímulo, porque dentro de casa infelizmente, por causa das condições, faltas de oportunidade, muitas das vezes não tinham. São seres humanos que têm potencial igual ao meu, igual ao de todos, mas, que eram pouquíssimos estimulados. Eu acho que este negócio... na verdade, eles eram lembrados. O A., por exemplo, era lembrado quando tinha era algum teatro alguma coisa que envolvia o samba né

Rosângela: Aham.

Bárbara: Aí lembrava do A., lembrava do F., mas, era algo que ele tinha muito prazer em fazer, enfim, mas, quando era sei lá...

Rosângela: Uma pesquisa, um trabalho...

Bárbara: Não, mas, nunca, infelizmente, eles não eram nada estimulados, nada, nada. Quando fazia bagunça, com certeza. Eu fui "substituída", substituída não, líder de sala. É, e nas reuniões eles eram uma questão. Triste isso, né? Porque, enquanto os alunos em destaque saem nos jornais, dentro da sala de aula estes alunos... não é uma questão no sentido positivo. O que a gente pode fazer para melhorar, o que a gente pode fazer para... sei lá, para empurrar eles para frente e mostrar melhores possibilidades. Era conversado sobre o comportamento deles de maneira opressora até, de mudar eles de sala de aula, de separar eles, que era algo muito drástico já que estava no meio do ano, era muito drástico. Tanto que a Carol que era a primeira líder faltou nessa reunião e tive que representá-la e fui passar esta informação para a sala de aula. Ficou um silêncio porque a sala sentiu o peso. Porque não é normal trocar um aluno na sala de aula no decorrer assim do ano, já estava mais da metade do ano, já tinha feito amizades, já tinha feito laços ali no último ano. Ter que trocá-lo, sabe? Isso é uma medida que todo viu que estava sendo drástica porque não é comum ali no Culto à Ciência.

Rosângela: E eles não eram os únicos que bagunçavam na sala.

Bárbara: Não, não eram os únicos. Não, não eram os únicos, porém, um detalhe que eles fizeram e tomaram uma proporção muito grande e aí, foram ameaçados... e isso foi muito triste, muito triste. E acho que isso até ao invés, nem motiva, mas, também acaba contribuindo por prejudicar porque com certeza isso ficou marcado pra eles. Fica marcado porque é os holofotes, a escola inteira ficou sabendo disso, que eles foram ameaçados brutalmente de mudar tanto que ficou tanto nessa angústia de saber qual sala que eu vou...

Rosângela: Sim, sim.

Bárbara: Sabe, então, foi algo muito triste...

Rosângela: Foi muito triste, foi muito difícil.

Bárbara: E aí, eles ficaram carregando essa ameaça e como que vai estudar desse jeito? Né? Ficaram carregando essa ameaça dentro deles né, porque não sabia se de fato isso ia acontecer em que momento ia acontecer, enfim, acho que aluno nenhum consegue nem buscar uma visão melhor dessa maneira.

Rosângela: É, a escola é cruel com os alunos negros. E aí, a gente vê dois fatos, você negra tentando sobressair e estudar. Eu sempre é falo isso, o menino se sobressai

pela bagunça e a menina, ela se sobressai por estudo pelas notas. São duas maneiras que o aluno negro encontra de ser visto na sala de aula.

Bárbara: Com certeza, com certeza. Isso eu reconheço é uma maneira de eu ser vista de eu ser notada. E eu percebia sim as minhas dificuldades que não eram dificuldades da minha cabeça porque no meu grupo mesmo ali na escola eu percebia que eram dificuldades da minha trajetória de vida, entendeu? Infelizmente, mesmo os meus pais sempre tentaram pesquisar saber quais eram as melhores escolas dentro do ensino público para o Fundamental I Fundamental II para o Ensino Médio, então, dentro das minhas possibilidades eu tive até acesso às melhores escolas dentro disso. No entanto, não consegui aproveitar como minhas colegas aproveitaram né? E aí, assim no ensino médio eu buscava muita evidência a partir disso, mas eu tinha que correr atrás eu não era chamada pra iniciação científica, eu tinha que pedir, entendeu? Eu tive que eu tinha que implorar praticamente, eu sabia que estava acontecendo, então, e fui atrás da professora. Eu fui com uma colega minha, que foi convidada, olhe que diferença né? Foi convidada a participar da iniciação científica, eu tive que implorar, eu tive que pedir. Porque eu me interessava. Por que não me chamaram? Eu tinha tempo pra desenvolver isso também. Se foi algo era algo do meu interesse, eu gostava. Como eu queria ser destaque de alguma maneira. Eu ia atrás das oportunidades, pois é. Eu ia atrás das oportunidades, eu queria também fazer os melhores trabalhos, ter reconhecimento, e aí eu fiquei sabendo pela minha amiga que não é negra, é branca. Ela foi convidada por uma professora que também é branca.

Aí, eu conversei com ela para poder participar e o nosso trabalho teve um destaque grande. A gente não ganhou premiação no final das contas, não ganhamos premiação, mas, dentro da escola alguns dos professores pediram para apresentá-lo em sala de aula porque viram que falava de uma temática assim de um interesse, então, dentro disso foi algo que agradou os professores, alguns alunos, no entanto, é eu senti estas diferenças né? Que eu tive que procurar, mostrar meu interesse, porque convidada eu não fui, não fui chamada, mesmo eu tentando ali em destaque. Sempre sentei nas primeiras carteiras, desde o início queria ser representante de sala que era uma forma já de ocupar alguma coisa...

Rosângela: ... uma posição...

Bárbara: ... uma posição de destaque, uma boa aluna de ser vista pelos professores. Eu tinha que me sentar na frente. Eu, como era diferentes salas né? Eu lembro assim (risos) que a gente corria, eu tinha... tocava o sinal, daí eu pegava minha bolsa deixava minha amiga pra trás, eu ia correndo na frente pra conseguir o lugar da frente, se possível de frente com o professor acho que pra sempre ser notada mesmo. E, conclusão, hoje percebo que, depois que eu sair que de qualquer maneira é isso de qualquer forma me iludiu procurar alguns lugares de destaque, é claro, me fez ter melhores oportunidades estudar com os melhores alunos, no entanto, me iludiu no sentido eu cobrava de mim notas, eu cobrava de mim bons trabalhos e tudo mais, no entanto o aprendizado em si o conhecimento isso assim, algo acumulativo durante toda a trajetória escolar. Eu acho que ficou tudo muito a desejar tudo por conta dessa corrida enquanto aluna, enquanto estudante para ocupar melhores posições pra ter os melhores trabalhos pra ter as melhores notas eu acho que o conhecimento em si, hoje eu percebo que eu estou lutando, estudando e eu quero sim continuar eu quero muito uma Universidade pública porque eu acho que é meu lugar. Pelo menos não entra na minha cabeça o fato de ter que pagar sendo que meu lugar tá ali. entendeu? E eu acho que tenho este potencial de entrar numa Universidade pública por isso que eu ainda venho estudando.

A diferença também sempre foi esse mesmo depois do Ensino Médio minhas colegas algumas optaram por particulares porque os pais ajudam a pagar, trabalham, enfim, optaram por particulares e algumas fizeram cursinho mas, eu percebi uma diferença grande até nisso né, porque assim: eu lembro de ter ido com colegas pra prestar a prova de bolsas no cursinho e elas, puderam assim fazer só o cursinho, o cursinho, estudar, se dedicar naquilo, estudar e conseguiram entrar. Eu fui diferente. Eu tive que trabalhar, para poder pagar o cursinho, então, a realidade já mudou totalmente, porque enquanto elas já estavam mais descansadas, elas já tinham todo o tempo disponível ao longo do dia pra assistir a aula, pra se aprofundar com plantão de dúvidas com os professores. Eu tinha que trabalhar 9 (nove) horas do dia, chegava, tinha que fazer o cursinho à noite, chegava extremamente exausta e tinha que me

dobrar assim, me redobrar pra tentar é aproveitar ao máximo as aulas porque depois eu não ia conseguir fixar o conteúdo da maneira como eu precisava, entendeu? Então, eu tenho em mente esse potencial de entrar "aí eu não se caibo". Assim, foi isso que eu percebi e agora nesse tempo pós-Ensino Médio, "caraca", é uma coisa de doido porque eu sempre costumo falar com colegas depois que eu encontro né? Porque quando a gente está no ensino médio me sinto no aquário no sentido mais limitado, a gente conhece aquele mundo se adapta ali, a gente tem professores que vai nos instruir a gente, conhece aquele campo. Quando a gente sai do ensino médio parece que a gente é jogado para o oceano porque acabou aquele período, entendeu? Agora cada um vai ter que construir a sua vida...

Rosângela: ...sua vida, sua história...

Bárbara: ... cada um vai pra um lado fazer seu caminho. Então, aí a gente se dispersa porque a gente não está mais em grupo, cada um vai pra um canto. E aí, hoje, eu percebo que, muita coisa assim da minha bagagem de conhecimento básico ficou pra trás. Eu acho e atribuo muito isso a essa minha ilusão durante o Ensino Médio de buscar muito o reconhecimento, de buscar a ter as melhores notas, os melhores posicionamentos. Não que isto de alguma forma não tenha me ajudado, mas contribuiu para eu achar que estava ali adquirindo um certo conhecimento, enquanto na verdade eu estava muito mais me importando com esta corrida por destaque do que em aproveitar de fato o conhecimento que eu estava adquirindo. Então, hoje acho que até eu consigo, não sei, ter esta noção, agora sim ou me aprofundo em algo que eu quero.

Rosângela: Hoje você está fazendo cursinho?

Bárbara: Isso, eu fiz o cursinho no ano passado. Fiz dois anos de cursinho e dois anos de cursinho trabalhando. E depois disso, sempre foi nessa rotina tipo de trabalho, de cursinho e eu não achei que foi proveitoso mesmo ano passado. [Consegui] o acesso a um cursinho muito bom aqui de Campinas que é considerado um dos mais caros e consegui, chorei muito pra ter bolsa ali, porque eu achei um professor que me reconheceu do cursinho anterior. E ele estava como coordenador nesse novo cursinho. "Então, eu vou te ajudar." Então, eu fui ajudada nesse sentido, foi mais que a metade do meu salário nisso, mas eu sabia que eu estava investindo pra sei lá, para o meu sonho, para o que eu quero pra minha vida. Só que, assim, eu acho que não foi muito proveitoso. Esse ano eu vou sair do meu emprego vou ficar um ano só me dedicando nisso. Eu vou fazer mais um ano de cursinho, mas vai ser também e coloquei na minha cabeça que vai ser assim, a última vez que eu vou pra tentar entrar numa Universidade pública. Porque vai ser a primeira vez tentando da maneira... porque, assim, meu curso não tá fácil, na USP ele é o segundo mais concorrido depois de Medicina. Eu quero Psicologia, então, talvez se fosse um curso de concorrência baixa, menor, talvez eu conseguiria conciliar o trabalho assistindo aula no cursinho, mas, acho assim para o meu curso mesmo com as cotas (Rodrigues, B. 2020).

Bárbara relata as dificuldades encontradas pela família para mantê-la focada em seus objetivos, relata que não teve muitos incentivos em casa, mas que sempre buscou ser a melhor aluna, mesmo encontrando rejeição por parte dos professores. A escola contou em seu início, com um público seletivo de alunos, filhos de fazendeiros abastados que não encontravam dificuldades financeiras em mantê-los no Colégio, com exceção dos alunos negros que, como Cesarino Junior e os e as estudantes entrevistados e entrevistadas, oriundos de família pobres, tiveram suas trajetórias marcadas pelo preconceito.

As ex-alunas **Gabriela Luciana** e **Luana**, amigas que encontraram cumplicidade, entraram na escola no ano de 2015. **Gabriela Luciana** saiu no meio do ano e retornou no ano de 2016. Nos seus relatos, mostram como foram perseguidas pela gestão, apontando vários

episódios, num deles **Gabriela Luciana** relata ser de religião de matriz africana e sofreu racismo por conta deste fato.

Rosângela: *Então, como que foi a trajetória de vocês na escola como alunas negras?*

Luana: *Eu começo, a Luana? Tá. Ai, cara, quando eu entrei no primeiro ano, em 2015, nossa, eu estava muito feliz que eu estava no Culto à Ciência, estava super ali, fiz amizades, não faltava um dia, era tudo lindo, maravilhoso. Ai depois, quando a gente vai, né, ficando mais familiarizada com a escola, a gente vai conhecendo melhor as pessoas, a gente vai vendo quem realmente é, então, tipo assim, no meu primeiro ano... Eu nunca fui uma boa aluna, não vou mentir. Eu sempre fui uma aluna completamente o contrário. Mas, assim, eu acho que pelo fato de eu ter sido uma aluna ruim, eu acho que isso não dá o direito de eles fazerem tudo que eles fizeram comigo. Porque, tipo assim, eu posso contar o que eles fizeram, todo mundo vai achar que "Ai, tá fazendo drama", mas, não, eu senti, eu sei. Então, assim, meu primeiro ano foi lindo, maravilhoso. No segundo, já não foi a mesma coisa. Sabe, no segundo eu estava no grêmio, então a diretora D., ela assim, ou ela me chamava na sala dela pra me xingar ou ela, quando tinha reunião do grêmio, ela falava que, tipo eu não precisava... e a Andreza também estava no grêmio...*

Rosângela: *Ela contou.*

Luana: *Então, tipo assim, a gente era escanteio ali, sabe? E aí no segundo ano eu comecei a namorar também, eu namorei uma menina, e aí ela teve problemas na família e 'tals', por conta disso. E eu acho assim, que por ela ter tido todos esses problemas com a família no nosso relacionamento, eu acho que a escola e, principalmente a diretora, eu acho que eles deveriam dar, assim, um apoio, sabe? Tipo, falar "Vai ficar tudo bem", entendeu? Tipo, estar ali, do lado. E não foi assim, foi completamente o contrário, ela fez, assim, desculpa a palavra, mas ela fez um inferno. Porque eu, como era uma péssima aluna e minha ex-namorada era uma ótima aluna, eles falavam, tipo, ela me ameaçava, ela falava assim "Ai, se você continuar assim, eu vou chamar os pais da Luana aqui..." -- porque ela também chamava Luana -- "eu vou chamar os pais da Luana aqui e vou contar que vocês estão juntas". Ela falava isso pra mim. Ela me chamava na sala dela e falava isso pra mim. E aí eu ficava quieta, né, porque eu não queria ver a menina sofrer. E aí foi, tipo, o segundo ano e 2017, assim, inteiro, ela fazendo isso comigo. Ai teve uma vez que minha ex-namorada, ela teve um problema com a família dela, ela ficou 2 dias sem ir pra escola e eu falei, tipo, eu fui lá, na D., falei "Olha, não tá bem, ela ficou 2 dias sem vir aqui, ela não atende telefone e tal". E, tipo, ela falou "Não é problema meu". Sabe, tipo, eu falei "D., você sabe da situação, você sabe como é que é, tá acontecendo alguma coisa". "Não, mas isso daí é problema com a família dela". Sabe? E eu acho que não é assim, não é normal ela saber de tudo que já aconteceu, e tipo e falar que a menina tá 2 dias sem ir pra escola, sem telefone, sem meio de comunicação e ela falar que não é problema dela.*

Rosângela: *Porque com outros alunos, ela já mandou ligar, ela já mandou ir à casa. Ela já teve uma outra atitude.*

Luana: *Então, entendeu? E aí, também teve um episódio... Isso foi em 2017, eu me lembro muito bem. Em 2017 eu estava numa fase meio revoltada com a vida, justamente porque a escola, ela me fazia muito mal e tinha, assim, eu queria chorar de pensar que eu tinha que acordar no outro dia e ir praquela escola. Tipo, eu queria chorar. Eu não tinha vontade nenhuma de ir praquela escola. Era uma tortura ficar dentro daquela escola pra mim. E sendo que no primeiro ano, eu não faltava nenhum dia, eu amava ir pra escola. Ai, teve uma vez que eu me encontrei com uma amiga minha e a gente estava junta, eu estava chorando, porque eu não estava bem, e aí ela passou de carro e viu. E aí nesse dia eu cheguei atrasada, eu, essa minha amiga e a minha ex-namorada. E aí ela chamou a gente na diretoria. Chamou na nossa sala, perguntou o que a gente estava fazendo, a gente falou que que estava fazendo. E aí ela falou "Não, eu vi vocês. Você e ela estavam usando droga, que não sei o quê". E a gente falando "Não, a gente não estava". Ai, ela pegou, falou que queria falar com o meu pai. Ela só falou com o meu pai. Eu falei "Tá bom", meu pai no dia estava sem trabalhar, levei meu pai na escola. Meu pai foi lá, aí meu pai saiu da sala e só falou assim "Em casa a gente conversa". Meu pai não me falou o que que ela disse, e ela também não me falou nada. No outro dia, eu fui saber que a escola inteira estava*

sabendo que eu estava cheirando. Tipo, usando droga. E eu nem sabia de onde que estava vindo isso. Eu não sabia, não fazia a menor ideia. Eu cheirando? Quem que falou isso? Nunca falei isso pra ninguém, nunca fiz. E aí... e sem contar que nesse dia ela deixou a gente 3 horas sentada no banco. Tipo, três horas. E a gente quando chega atrasada, a gente fica 1 aula só..

Luana: Ela deixou a gente 3 horas sentada lá no banco. A gente não podia deitar, a gente não podia... Eu estava deitada dormindo porque eu estava lá, ela me acordou e falou pra eu sentar. E eu tive que ficar lá 3 horas, perdi, tipo, o meu dia inteiro de aula porque ela queria me deixar ali. Entendeu?

Rosângela: Sim, castigo, né? Ela queria castigar.

Luana: É, é. Aí, quando eu... eu queria muito tirar satisfação com ela porque ela espalhou isso pra escola inteira e, tipo, era uma coisa minha. Se eu tivesse, era minha, ela não tem nada a ver com isso.

Rosângela: Ela não tinha esse direito.

Luana: É, ela não tinha o direito de me expor assim. E aí eu fui falar com o professor G. E eu falei que ela fez isso, isso e isso. Ele falou assim "Não, calma, não compensa você ir falar com ela, você fazer isso, já aconteceu, que não sei o quê". Tipo, tentando me acalmar para eu não falar com ela. Ok, eu não falei com ela. Eu fiquei na minha. E aí, nossa, eu comecei a falar dela pra todo mundo na escola, falava isso, isso e aquilo, até que chegou no ouvido dela. Aí, ao invés de ela vir falar comigo, tipo, conversar sobre... não, ela mandou a vice-diretora, a Cristina no intervalo, ela fez a Cristina interromper o meu almoço e ir lá conversar comigo do porquê que eu estava fazendo isso. Daí, eu falei "Cristina, ela espalhou pra escola inteira que eu estava usando droga. Ela não tem o direito de fazer isso".

Rosângela: Não tem esse direito.

Luana: Ela "Não, mas ela não fez isso por mal, ela achou que você estava fazendo isso, mas você falou...", "Mas eu falei pra ela na hora, ela chamou meu pai depois e falou que eu estava usando droga. Depois de ela ter falado comigo, ela foi falar com o meu pai." Ela "Não, você tem... vai lá, pede desculpas, porque isso que você tá fazendo não é certo." Eu falei "Ah e o que ela fez foi certo?" A C. veio tentar limpar a imagem dela.

Luana: Entendeu? Então, assim, eu achei muito errado. O único ano, assim, bom que eu tive naquela escola foi 2015, foi meu primeiro ano.

Rosângela: Quando você entrou.

Luana: Foi, porque depois, assim, a D., ela me perseguiu todos os anos, todos os dias. Tipo, se eu estava... se eu tinha uma consulta, e eu entrava um pouco mais tarde, ela já queria me dar uma advertência. Teve um ano que eu tive, acho que eu tive umas 3 folhas de advertência preenchida, frente e verso, mais de 3 folhas frente e verso. Ela me dava advertência, assim, por qualquer coisa, sabe? Então, ela nunca procurava saber meu lado, nunca procurou me entender, nada. Ela simplesmente falava "Você fez isso", "Você é culpada". Entende? Então, assim, eu achei uma péssima diretora. Péssima diretora praquela escola, pra tudo, pra tudo, pra tudo. Ela é completamente racista, completamente homofóbica. Ela é uma péssima, assim, muito ruim. E, em questão dos professores, tinha professor também que não gostava de mim, que também vivia falando do meu relacionamento, que vivia querendo me expor e eu falava "Tá, vai..." Aí tinha professor que falava "Ah, eu vou te levar pra diretoria", eu falava "Tá, leva". Eu já sabia o que ia acontecer comigo, ela ia me dar mais uma advertência, ou ela ia me deixar pra fora da sala de aula, sabe... Então, assim, esse foi o meu Ensino Médio, foi baseado nisso. Assim, o meu 2017...

Rosângela: Nossa, que triste.

Luana: Foi horrível, foi horrível. Eu fico lembrando do meu 2017, sim, foi o pior ano da minha vida. Eu falo isso pra Gabi até hoje, né, Gabi? Foi o pior ano da minha vida.

Rosângela: Que triste!

Luana: Muito ruim.

Rosângela: Poxa vida! Mas e a sua tutora?

Luana: A minha tutora? Cara, ela era maravilhosa. Ela era assim, a única pessoa que eu acho que salvava daquela escola. Ela, era, assim, muito boa. É a L. . Gente, eu amo ela. Ela me dava...Ela é muito calma. Ela, quando aconteceu esse negócio da professora... da D. falar pra todo mundo, ela falava "Não, calma, você sabe que você

não faz, é isso que importa". Sabe, ela completamente ficava do meu lado, ela tentava me botar pra frente, ela falava "Mas que que você quer fazer no seu futuro?" Coisa que, sabe, a escola não tava nem aí. O que que eu queria ser no meu futuro, o que que eu queria fazer da minha vida, a escola não tava nem aí. E ela sempre me perguntou "O que que você quer fazer?" Ai, era uma época que eu queria ser militar. E aí ela falou "Ó, tal dia vai ter concurso, vai fazer como treineiro", "Ai, você já viu isso?" Ela pesquisa, ela me incentivava. Ela falava "Ó, tem curso pré-militar...", que eu fiz um curso pré-militar com ajuda dela também. E, assim, ela, e ela foi minha tutora durante os 3 anos da...

Luana: ... e ela foi, assim, maravilhosa. Maravilhosa. Mesmo. É a única pessoa que eu sinto falta. Se você me pergunta "Ai, você sente falta do seu Ensino Médio?" Não. Não.

Rosângela: Traumático. Que horror.

Luana: Não. Não sinto falta do meu Ensino Médio. Pra não falar que eu não sinto falta, a única coisa que eu sinto falta era de ficar na escola conversando, fazendo bagunça com meus amigos. Era só a parte boa que eu tinha naquela escola. Ficar conversando 9 horas por dia com os meus amigos. Não era?

Gabriela: É...

Luana: Então, assim...

Rosângela: Mas, é muito triste porque assim, não é?

Luana: É vazio, cara.

Rosângela: É, foi, porque a escola, ela tem que ser um lugar de representatividade, tem que ser um lugar que marca, tem que ser um lugar... mas, marca positivamente... Eu, também, eu não tive...

Luana: É importante, né? (Joaquim e Souza, 2020).

Aqui divido com as alunas minhas boas experiências na escola. Minha vivência na escola também foi muito traumática porque, primeiro, eu era a única aluna negra da escola, e os meus professores me apelidaram na escola, né? Então, assim, eu era a Miss Alemanha, eu era a loirinha, então para os meus professores me enxergarem, eles tiveram que me embranquecer. E, assim, então... por exemplo, eu nunca participei de quadrilha. A única vez que dancei uma quadrilha foi com um menino também que ninguém gostava porque falava que ele era sujo. Então, a professora me colocou... a pretinha e o sujinho, né? Era assim.

Então, eu fui uma menina invisível na escola, eu fui uma aluna invisível, eu fui uma aluna que os professores só me enxergavam porque eu falei "Bom, eles vão ter que me engolir". Então, eu era a melhor aluna da sala. Eu era a última da carteira, mas eu falei "Alguma coisa...", a minha, a minha couraça pra eles me enxergarem... então, os alunos queriam sentar comigo e colocar o nome no trabalho porque eu só tirava nota, tirava 10 né, na época era A, B, C, D, eu tirava A. Tirava B. Foi uma forma que eu achei de me destacar porque um menino virou uma vez pra mim e falou "Eu não quero ficar com você porque você é preta e feia, não quero", sabe assim? Eu cheguei a falar pra minha mãe "Mãe, me dá banho de 'Qboa'⁴⁷ porque eu quero ficar branca", sabe? Eu não queria mais ir pra escola porque isso era muito dolorido. Você tá com 15

⁴⁷ Nome fantasia de uma marca de água sanitária a base de cloro ativo muito usada nos lares nos anos 80.

anos, você vê suas amigas namorando, não é, então assim, eu nunca namorei. Nunca ninguém falou "Você quer namorar comigo?"...

Rosângela: Então, a gente... a nossa trajetória enquanto mulher negra é difícil...

Gabriela Luciana: Desde criança é muito difícil.

Rosângela: A escola é um lugar que a gente sofre muito. Quando a gente encontra essas pessoas que não valorizam a gente. Ou você parte pra bagunça, ou você se fecha. Eu virei um caramujo na escola. Você foi pro enfrentamento com essa mulher.

Luana: Sim, é. Sim, se tem uma coisa que eu aprendi muito na minha vida é não abaixar a cabeça, eu não levo desaforo pra casa. E eu sempre deixei isso muito bem claro pra ela. Ela sempre falava "Ah, olha o seu jeito, onde você acha que vai chegar assim?" ... que não sei o quê. Eu falei assim "Ih, eu vou chegar aonde eu quiser". (...) No meu curso que eu fiz pré-militar, eu fiz 2 anos de curso. E na época eu estava com o meu black, tipo, ele era muito armado, muito volumoso. E aí, lá no... onde eles colocavam as regras do curso que você não podia fazer tava "Você pode usar cabelo solto acima do ombro", o meu cabelo era acima do ombro porque ele era só pra cima. E aí, eu, na maioria das vezes eu ia com o cabelo preso. E algumas vezes quando eu ia com o cabelo solto, uma instrutora vinha me falar assim "Olha, você tem que prender o cabelo", eu falei assim "Mas por quê?", no meio da sala de aula, ela entrou pra dar um recado, ela veio na minha mesa e falou "Olha, você tem que prender o cabelo", eu fiz "Por quê?", aí ela "Porque num pode ficar com o cabelo solto", eu falei assim "Mas não pode ficar com o cabelo solto que é abaixo do ombro. O meu, ó, tá acima, então eu posso", ela "Não, você não pode". Aí tinha uma menina que tava com um cabelo curto também. Eu falei assim "Mas e ela?", ela era branca, loira do cabelo liso. (...) Aí eu falei assim "Mas e ela? Ela também tem que prender", ela "Não, senhora, o dela tá curto". Eu falei assim "Mas o meu também é curto".

Rosângela: Também tá curto.

Luana: Aí ela falou assim "Senhora, você pode ir lá fora comigo?", eu falei assim "Claro". Aí eu fui lá, ela foi, ela falou com o capitão, o capitão olhou pra mim, ele era branco também, bigode e tal. Ele falou pra mim assim "Aí, senhora, é melhor você prender o cabelo porque...", eu falei assim "Mas meu cabelo é acima do ombro", aí ele "Não, mas é por causa do volume, tem muito volume o seu cabelo, não pode". Aí, eu falei assim "Mas o meu cabelo é assim, como que não pode?", aí ele "Não, é melhor a senhora prender. A partir de hoje você vem com o cabelo preso porque é muito volume", eu falei assim "Tá bom". E eu não prendi o cabelo naquele dia. Só de raiva.

Rosângela: Então, mas é...

Gabriela Luciana: Isso no Culto, essa questão do cabelo, em 2015, quando eu entrei, eu tinha cabelinho "Chanel"⁴⁸, liso... e eu queria ser igual as outras meninhas porque eu olhava assim, o cabelo já tinha o black formado, aí eu olhava pro outro lado, uma menina de cabelo liso, aí eu ficava "Mas, e eu? O que que eu vou fazer?" Aí um dia, que até foi acho que numa discussão com um professor, falei "Não, se essa é a regra, então eu não vou seguir a regra". Aí eu assumi a trança, o meu cabelo e aí, eu fui.

Rosângela: E como foi pra você a sua trajetória no Culto, Gabi?

Gabriela: Aí, eu tenho... eu não tenho, tenho e não tenho muito o que reclamar. 2015 foi o ano dos sonhos, entramos numa escola com armário e tudo mais. Nunca fui uma aluna estudiosa, eu era... creio eu que eu era na média, assim, né, nem muito nem pouco. Em 2017, a minha mãe faleceu e eu tive que sair da escola. Mudei pra São Paulo e... Eu sempre fui uma aluna que interagiu muito: em clube juvenil, dançava junto com a Luana, então todo mundo me conhecia dos professores, inclusive a diretora. E aí eu lembro que quando minha mãe morreu, eu tive que voltar pra Campinas e aí eu perguntei pros meus familiares "E agora, vou estudar onde?" E aí fui tentar entrar de novo, eu tinha boas notas, notas nem acima nem abaixo, e não tinha motivo pra eles não me aceitarem porque tinha vaga. Eu lembro que quem me ajudou a entrar de volta na escola foi o B., que trabalhava na diretoria. E um dia o meu tio foi todo humildemente perguntar se eu poderia voltar, a D. apareceu, viu,

⁴⁸ Consagrado em meados da primeira década do século XX pela estilista francesa Coco Chanel, o corte de cabelo Chanel é um clássico atemporal.

olhou na minha cara e falou assim "Não, não tem mais vaga", sendo que o B. tinha falado que tinha vaga. E aí, passou. Depois, no outro dia o meu tio voltou e ela tava ali por perto, e meu tio estava falando com o B. E o meu tio falou assim "Então, tendo vaga e ela não podendo estudar, então assim, eu sou jornalista. Então eu vou divulgar vocês. E no momento que ela ouviu isso, ela já mudou "Não, mas assim, a gente pode dar um jeito, ela pode voltar", teve uma burocracia de papeis enorme, de leva aqui traz aqui, depois...

Rosângela: Dificultou o máximo, né?

Gabriela Luciana: Dificultou, mas eu voltei. Então, assim, eu não tenho o que reclamar dela. O gênio dela, sim, era péssimo, mas eu nunca abaixei a cabeça pra ela. E ela me achava petulante, tanto é que um dia ela brincou e falou a verdade comigo "Você é bem petulante, né?", eu falei assim "Sim, eu sou". Só não abaixei, eu não abaixava... A única que eu abaixava minha cabeça, era pra minha mãe. Então, assim, da forma que ela me criou, é o jeito que eu vou continuar. E eu permaneci assim até quando eu tinha que ir pra fora por bagunça, eu ia, "Ah Gabriela, você fez isso?", "Fiz". "Ai hoje eu não vou assistir aula", dormia. "Gabriela, você não vai assistir aula?", "Não vou". Sempre com a sinceridade. E uma coisa que até hoje eu estava conversando com uma colega minha, o problema do Culto, em si, é que eles colocam uma fachada de "Não, nós ajudamos os alunos, com eletiva etc., clube juvenil, tendo tutores, só que quando o aluno precisa, como em 2016, eu estava totalmente perdida, 2017 também. Eu não sabia que faculdade fazer, eu não sabia o dia que ia ser, eu não sabia nada. Eu não tive um incentivo. O incentivo eu tive que procurar. Como essa colega minha falou "É uma pressão, porque eles só falam que você tem que fazer o ENEM, fazer ENEM, fazer o ENEM, passar no ENEM" e, assim, eu estava numa fase que eu não queria me preocupar com o ENEM, eu não tinha nem cabeça pra isso.

Rosângela: Sim, você tinha acabado de sair de um problema, né?

Gabriela Luciana: Sim, eu tinha acabado de perder uma mãe, depois logo em seguida eu perdi uma avó, e, assim, a diretora mesmo nem ligou.

Rosângela: Então, ela não ligou, você acha que por que era você, a menina negra, porque a gente via que tinha pessoas, ela tinha maneiras...

Gabriela Luciana: Acredito eu que ela não ligou porque eu era a aluna negra petulante e que eu não me achava, eu era. Eu era aquilo e ponto. Eu gostava de fazer teatro, eu dava risada, eu brincava com todo mundo e ela não gostava. Eu entrei pro grêmio eu acho que em 2017, ela também não gostou, que ela ficou meio assim. Quando ela falava, que ela também chegou a falar pra mim "Ah não precisa", eu falava "Precisa, sim. Se eu sou a suplente, não interessa o cargo que eu tenho. Se vai ter reunião do grêmio, eu vou sair da sala e eu vou assistir a reunião do grêmio". E eu ia mesmo ela não gostando, mas ela teve que me engolir.

Luana: Eu acho que ela não ligou também, porque assim, a gente não era aquelas meninas que ficavam lambendo ela, correndo atrás dela, sabe, porque tinha aquelas meninas que ficavam em cima dela e nossa, era beijos, abraços, ela dava presentes pra essas meninas.

Gabriela Luciana: Sim, exato.

Luana: Sabe, eram todas menininhas brancas, do cabelo liso, magrinha, todas no padrãozinho de beleza...

Rosângela: ... com nome e sobrenome.

Luana: Entendeu? E que ficavam ali em cima dela. E a gente, não. A gente falava o que precisava falar, o que precisava ser dito e a gente não escondia nada dela, a gente falava a verdade, a gente falava "D., a gente acha isso, isso e isso de você, a gente não gosta".

Rosângela: As meninas era subservientes as decisões da equipe gestora...

Luana: É, por isso não preocupou, por isso que ela ficou em cima da gente, porque a gente não era hipócrita, entendeu?

Gabriela Luciana: Um fato, eu sempre... quando eu estudava no Culto, eu sempre morei em Sumaré, que é a 45 minutos de carro, de ônibus 1 hora, quase 2. Então, eu acordava às 5 horas da manhã tendo que estar lá às 7h, 7h40, 7h30. E tinha... teve dias que eu comecei a chegar atrasada, só que ela sabia que eu morava longe, que eu ia de ônibus e tinha vezes de... ela estar chegando no estacionamento, me ver, correndo igual uma louca, e fechar o portão. E eu bater, interfonar, até que eu pedi

pro meu tio ir à escola, na época, avisar que, assim, era longe, era uma distância considerável pra pelo menos deixar mais uma tolerância de 10 minutos. E aí depois que ele falou, ela ainda fez isso comigo umas duas vezes até que eu cheguei nela e falei "Débora, ou eu saio de vez da escola, ou eu fico, porque, assim, é longe. Você sabe que eu chego na rodoviária, ainda tenho que andar um pouquinho, eu acordo 5h da manhã. Então, assim, eu não tenho carro igual você, eu não acordo às 6h ou às 7h igual você". E ela não gostou, mas engoliu, aturou.

Gabriela Luciana: Sim.

Rosângela: Comigo também. "Por que você se faz de vítima?" Ela falava que eu me fazia de vítima.

Gabriela Luciana: Ela já falou isso pra mim também. Uma vez ela me falou que eu me fazia de vítima, aí ela falou assim, aí na discussão que a gente estava, ela falou assim "Ah, que não sei o quê, você é chata", ela falou que eu era chata na minha cara, eu falei assim "Sou chata mesmo. Eu sou chata com quem é chata comigo", eu falei assim "Você não merece o meu humor", eu falei pra ela. Falei assim "Você não merece. Você só me chama aqui pra me xingar, pra brigar comigo, pra me dar problema, com a minha família... só pra isso você me chama aqui", eu falei pra ela. E uma coisa que ela... Os poucos alunos negros que tinha na escola, ela não notava. Ela só notava aluno que dava benefício.

Gabriela Luciana: ... que nem nas eletivas, os meninos que tocavam pandeiro. Aí fazia aquela ligação "Ah você vai fazer isso", é preto toca pandeiro, é preta tem que saber sambar.

Luana: Cara, aquela peça, a gente fez uma peça "A Ópera do Malandro", acho que você estava na escola...

Rosângela: Estava, estava.

Luana: E eu achei aquela peça superimportante, principalmente naquela parte da... que a Ra. fez?

Rosângela: Isso, a 'Geni'.

Gabriela Luciana: Da Geni.

Rosângela: Da Geni, eu estava.

Luana: Isso. Cara, eu achei superimportante...

Rosângela: Muito importante.

Luana: Eu achei muito importante, principalmente a nossa interpretação. Cara, naquela peça, a gente fez a coreografia de todas as músicas...

Rosângela: Foi.

Luana: Tipo, a gente criou. Tipo, eu e a Gabi criamos as coreografias.

Rosângela: Muito linda aquela peça.

Luana: E naquela parte eu achei superimportante e, sabe, em nenhum momento ela citou essa parte ou, que seja, essa apresentação. Em nenhum momento ela falou da importância disso, nada. Ela sempre levava palestras lá sobre drogas, ela levou uma sobre bombeiro que eu achei muito nada a ver...

Rosângela: E ela nunca...

Luana: ... mas nunca falou sobre homofobia, que era importante, nunca falou...

Gabriela Luciana: ... nunca falou sobre religiões...

Luana: ... nunca falou sobre bullying, nunca falou sobre racismo...

Rosângela: ... sobre a consciência negra.

Luana: Nunca, nunca.

Rosângela: Eu fiz uma vez a Consciência Negra, ela nem foi dar os parabéns, eu fiz uma exposição lá na sala, ela não foi.

G: Ela fez alguma... é, porque assim, naquela escola ela fazia festa de tudo, né? Você lembra de alguma festa de Consciência Negra nessa escola?

Luana: Eu não participei... assim, eu, pelo menos, nunca participei de nenhuma. Nunca fiquei sabendo.

Rosângela: É.

Luana: Sabe, e assim, naquela... Nossa, acho que eles comemoravam até o Dia da Árvore, se necessário, mas da Consciência Negra, eu nunca vi nada.

Gabriela Luciana: Assim, os professores citavam na sala "Ah hoje é dia de Consciência Negra", vamos falar sobre isso, isso e isso. Só...

Luana: Era o básico, assim, o básico.

Gabriela Luciana: ... o básico do básico. Acabou, foi... Nunca citavam sobre religiões, porque assim, esse ano, no comecinho, não, ano passado, eu fiz um curso no Senac...E, assim, na minha sala, era uma sala bem, como é que fala? Misci...

Rosângela: Miscigenada.

Luana: Miscigenada.

Gabriela Luciana: Isso. Então, tinha alunos brancos, negros, pardos, é... umbandistas, evangélicos... E a minha professora fez questão que, como eu tinha uma colega, ela era católica, tinha uma evangélica eu sou da umbanda. E ela fez questão de falar sobre todas as religiões e o nosso trabalho, ele foi exposto num navio que atracou em Santos e agora tá andando pelo mundo, navegando pelo mundo. E na escola Culto à Ciência que falam que é...

Rosângela: ... que é uma referência.

Gabriela Luciana: ... que é uma referência, realmente, não.

Rosângela: Na escola Aníbal de Freitas, a minha aluna levou a roupa, que ela também é de umbanda, ela levou a roupa, ela se vestiu, ela dançou, ela mostrou todo o significado, que eu fiz um trabalho com eles, né? E no Culto à Ciência, eu nunca pude fazer isso.

Luana: Sim. E eu acho isso muito importante, não é porque é a religião, é uma religião afro ou coisa assim... E acho essa religião, eu acho muito importante falar dessa religião porque as pessoas têm muito preconceito com ela.

Rosângela: Exatamente, para desconstruir...

Luana: É, eles não sabem a base dessa religião. Eu confesso, eu aprendi com a Gabi. Antes, eu tinha muito preconceito. Por quê? Preconceito de casa, né, que a sociedade impõe. E eu aprendi com a Gabi. Então, assim, eu acho muito importante falar dessa religião. "Ah por que falar só dessa?" Porque as outras todo mundo já sabe, todo mundo vê. O catolicismo, ele é jogado nas nossas costas desde quando a gente nasce.

Gabriela de Araújo iniciou seus estudos na Colégio antes deste se tornar uma escola integral, relata que ela mesma não vivenciou nenhuma situação de preconceitos, mas que presenciou com colegas negros.

Rosângela: E Gabi como foi sua trajetória na escola? Você tem alguma situação específica que te marcou?

Gabriela de Araújo: Bom, questão de preconceito como eu te disse anteriormente, a escola pregava muito não pode ser assim, não pode ser isso ou aquilo, porém as atitudes dos alunos já eram controversas né? Não, chegando perto da diretora pode tudo. Eu posso excluir tal pessoa porque ela é desse jeito. Posso excluir tal pessoa porque ele tem um tipo de problema. Comigo assim eu não percebi isso, porém com outras pessoas eu sim. Talvez seja porque eu via, e não pensava mais tentava esquecer sabe? Não absorvia, porém eu sabia que outras pessoas passavam por isso e é muito chato você saber sofre um preconceito, e o povo tem que mudar gente? A gente tá em pleno século XXI!

Rosângela: Tem algum aluno assim que você presenciou, que você viu alguma coisa assim que deixou você chateada algum momento?

Gabriela de Araújo: Acho que é em questão quando tinham os jogos e as pessoas acabavam levando os sentimentos à flor da pele, né? Ai tinha um menino, que não lembro o nome dele agora, mas, chamavam ele de macaco porque ele meio que fez um gol alguma coisa assim, faz um tempinho isso, porém, eu lembro como se fosse ontem. Porque foi uma coisa que me marcou, sabe. E o menino também ficou super pra baixo na hora ele não esboçou nenhum tipo de reação porque ele sabe que se esboçasse talvez aí o povo ia entrar em contradição mesmo e bota pra ele 'ferra' mas, é muito triste. É muito triste, e na época lembro que ele relevou também mas, eu sei que a gente guarda né?

Rosângela: Como brincadeira ele levou para o lado da brincadeira.

Gabriela de Araújo: Sim, ele levou para o lado da brincadeira, porém, é aquilo tratamento você viu a pessoa, já percebi isso. É muito triste, mas, é normal assim a gente tentar não se ofender com as palavras, porém, não é racional. A gente se ofende a gente guarda, tem muitas pessoas que se for xingada vai levar de uma forma entendeu? Pode ser que essa pessoa não saiba interpretar ou a pessoa fale no calor

do momento, porém isso a gente não pode nunca fazer. Entendeu? Porque se eu tinha o exemplo: “Ai, Ro você é uma macaca não sei o quê, não sei o quê”. Beleza. Você vai entender com alguma forma. Ah, talvez você vai dizer: “Ah, não sabe de nada. Eu sou uma pessoa superior a isso”, mas, tem outras pessoas que simplesmente não aceitar e vão acabar com a própria vida. Entendeu?

Rosângela: E algum professor assim, sentia que existia um tratamento diferenciado?

Gabriela de Araújo: Bom, é em relação a tratamento diferenciado não. Não percebia. Em questão de racismo comigo pelo menos não. Estou tentando lembrar que são vários professores. Só que um professor que me marcou muito foi um professor muito, muito bom foi o C. Não sei se você conhece? Ele foi uma pessoa que me marcou demais porque ele era super honesto, respeitoso ele cobrava as lições. Faz. Tem que fazer certinho. Então, ele é uma pessoa assim: você e ele, é Deus pra mim naquela escola... que são professores muito bons que até agora honraram com tudo que eu digo que é educação hoje em dia. Então, mas de racismo pelo menos comigo assim de professor, não.

Rosângela: E aluno com aluno?

Gabriela de Araújo: Ah aluno com aluno bastante né? É o que mais tem. Tem muitas famílias que são brancas pregam não você tem que ter dó do negro. Você tem que excluir o negro porque ele é um coitadinho. Sendo que muitas vezes o negro tem muito mais do que você tem do que o branco tem entendeu? E aquilo, não é pra você criar uma rixa do branco e do negro é pra você sabe tratar ele de maneira um ser humano. É um ser humano. Independentemente da cor, da raça é um ser humano tem que ser tratado dessa forma como um ser humano, não como um animal. Como infelizmente, muitas vezes é tratado.

Rosângela: Certo. E o que você espera assim, do Culto no futuro?

Gabriela de Araújo: Bom, eu espero o Culto no futuro uma escola seja igualitária né? Que não tenha mais essas distinções que não acabem colocando crianças jovens negros apenas pela numeração de cotas porque tem que ter uma representatividade, que não exclua de fotos importantes, que não divulguem alunos que fazem pesquisas: “Aí criou o canudo biodegradável que legal! E coloca em revista, enaltecendo apenas o aluno, o professor entendeu? Criando uma escola padronizada. De que, elite. Coloque seu filho lá e tendo este tipo de tratamento, entendeu? Igual eu te falei. Esse quadro aqui foi em 2015. Eu saí bem nessa época e já era pra ter pelo menos alguma coisa. Eu lembro dos quadros dos professores negros. Não tinha quase, só você.

Rosângela: Não tinha.

Gabriela de Araújo: Só você.

Rosângela: Não tinha mesmo. Só eu mesma.

Gabriela de Araújo: Entendeu. Você foi uma pessoa que sempre eu falo. Ai gente a Ro, foi uma melhores professores que eu já tive até por isso que eu tô fazendo Direito. Você sabe que eu me inspirei super em você, então, eu falo é complicado uma escola dessa, que é pra dar o exemplo e ter este tipo de atitude.

Rosângela: O duro é que eles assim falavam muito de Santos Dumont estudou aqui, Maitê Proença, Faustão, não é?

Gabriela de Araújo: Sim. Porque não adianta apenas uma pessoa chega e falar assim, vai você consegue, acredita. Tem que ter uma história. Baseada. Baseada em alguma coisa. Para alguém seguir algum tipo de exemplo né? (Rodrigues, B. 2020).

Até o momento, podemos perceber nos relatos destas alunas, como a percepção do ser negro é distinta, e as histórias vividas por cada aluna passa pela conscientização e embasamento de direitos e até pelo engajamento familiar. Muitas destas alunas são filhas de casamentos interraciais, como é o caso da Andreza, que é filha de pai branco e mãe negra. Percebemos que a miscigenação como um fator de melhor aceitação da sociedade. Munanga (2019) fala sobre este cruzamento resultando no mulato inferior e superior, onde o primeiro seria o resultado do cruzamento do branco com o negro do tipo inferior, sendo este incapaz de ascensão social,

degradado nas camadas mais baixas da sociedade. No caso destes alunos filhos de casamentos interraciais, são considerados inferiores, oriundos de pais migrantes, que saíram de suas regiões para tentar melhores condições de vida, e almejam que seus filhos tenham uma educação de qualidade, obtendo uma condição melhor do que a sua. Como escreveu Padre Antonil⁴⁹ (Wikipedia, A. 2023) “O Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e mulatas”, mais a situação vivida pelos alunos e alunas pardos, filho deste cruzamento, não era um paraíso no contexto escolar.

Desde o período colonial, a situação dos mestiços apontava para uma armadilha ao buscarem uma classificação social que os distinguissem dos negros e dos índios, fugindo de sua identidade negra, e se utilizando de um discurso racializado, com o objetivo de dividir e assim enfraquecer a luta e a solidariedade dos negros.

É interessante perceber que esses alunos “mestiços” não se enxergam com privilégios dentro do espaço escolar e se autodeclararam negros. Dos quinze alunos entrevistados, temos os negros uma diversidade de tons de pele, dos mais claros aos mais retintos.

Uma aluna que tem uma tonalidade de pele mais clara, mais que tem consciência de sua identidade negra é a **Isabela Ferreira de Oliveira**. Ao ser perguntada como se autodeclara, a resposta foi a seguinte:

Rosângela: Como você se autodeclara?

Isabela: Eu me declaro como parda, né, mas ao mesmo tempo eu vejo muitas características negras no meu rosto, no meu cabelo, até porque o meu cabelo é crespo, o meu nariz é grande por causa da família do meu pai que tem origem africana. A avó do meu pai era escrava, ela teve essa questão aí da abolição, ela pegou essa fase do ventre livre e eles falam muito sobre isso na nossa família até hoje. Então tem toda uma consciência negra na minha família de saber a origem e transpassar isso pra gente. Embora minha mãe seja branca, né, eu me identifico muito aí com a população negra e me identifico assim (Oliveira, 2020).

Percebe-se pela sua resposta uma consciência de suas origens e conhecimentos de sua ancestralidade. No entanto ao falar sobre sua passagem pela escola, ela relata que não vivenciou casos de racismo e preconceito, no entanto, presenciou alguns casos, como relata, e teve um posicionamento firme diante dos ocorridos.

Rosângela: Isabela, me conta um pouco como foi a sua trajetória como aluna na escola, alguma situação específica que te marcou durante esse período lá no Culto.

Isabela: Foram várias! (risos)

Rosângela: Então me conte.

Isabela: No ano de 2015, quando eu tive contato com o professor G., Rosângela e V., eu comecei a ter muitas noções sobre o feminismo, sobre a questão da resistência negra, teve o Café Filosófico, e a gente sempre discutia, tanto é que em comecei a ir em passeata, em manifestação... O dia da mulher, o dia da consciência negra... Vamos

⁴⁹ Giovanni ou João Antonio Andreoni, mais conhecido por Antonil, ou André João Antonil, seu pseudônimo literário, era um religioso jesuíta, autor do mais importante testemunho sobre a economia colonial brasileira, na época da transição entre o ciclo do açúcar e o da mineração (Antonil, 1982).

trazer isso pro teatro, vamos apresentar a questão, como fala, o "Malandro" do Chico Buarque, a gente fez uma representação do "jeitinho brasileiro", que é sempre transposto para as pessoas negras, que estão sempre passando as perna nos outros, mas não é bem assim. Então, quando eu comecei a me envolver muito com essa questão das manifestações, direitos políticos, de você não abaixar a voz, por mais que uma pessoa esteja na autoridade, a gente tem que bater de frente porque não é tudo nessa... ah, não sei... acho que... esse autoritarismo. Teve um episódio, que eu me lembro até hoje, inclusive foi com você, né, professora. Você foi vítima de racismo de um menino que se chamava N.

Rosângela: Sim.

Isabela: E eu fiquei sabendo, eu não me conformei porque acho que ele estava... foi uma questão do caderninho do aluno...

Rosângela: ... do caderninho do aluno.

Isabela: Ele foi grosso, foi estúpido...

Rosângela: Depois ele fez uma postagem.

Isabela: Sim. E eu fiquei sabendo, e eu fui até a Direção. Nós fomos chamadas pra até a Direção.

Rosângela: Isso.

Isabela: E eu lembro até o posicionamento da mesa. Esse aluno estava do lado da D., enquanto nós duas estávamos atrás. Então, só a segregação espacial ali já viu, já deu pra notar, né, de que lado era qual lado. A diretora, ela não acreditava na nossa fala, sempre puxando o lado pra esse rapaz. E no fim, ele estava errado, né...

Rosângela: Sim.

Isabela: Era muito notório que era uma questão de racismo, como sempre foi essa questão de a gente tentar defender... eu era sempre vista como a malcriada, a rebelde da escola, eu estava sempre na Direção, na Coordenação, sempre batia lá na portinha porque sempre me chamavam na Direção justamente porque eu tentava bater de frente com todos esses casos.

Rosângela: Defender...

Isabela: Exatamente. E teve o caso do A., que foi um aluno, ele era o único aluno negro da sala, enquanto os outros meninos eram brancos e só ele foi pôr o nome da listinha de que precisava sair da sala de aula porque estava com muita bagunça.

Rosângela: Sim.

Isabela: Por que ele? E por que não os outros? Ele era o Saci-Pererê como uma representação que fazia todo o auê ali... Por que ele, né?

Rosângela: Sim.

Isabela: Além da questão de não trazer essa visibilidade para as pessoas negras na escola... Eram sempre projetos que visavam pessoas negras... culminância, quem era líder de...

Rosângela: ... de classe, de turma...

Isabela: ... de classe, quem eram essas pessoas? Por que o negro sempre foi o mais quietinho, mais sentadinho ali, ou mais apagado? Ou era o mais apagado ou ele era o terror da sala.

Rosângela: O menino bagunceiro.

Isabela: Por que essas pessoas exclusivamente?

Isabela: Então é onde eu imaginava, eu pensava já "Por que que esta escola, ela é tão grande, com toda essa miscigenação, por que que ainda são pouquíssimas pessoas negras nesta escola?" Nessa questão do Bill Canudo, de ir pra Dubai, Estados Unidos, cadê as pessoas negras nesse projeto? Um projeto que não é exclusivamente de uma pessoa só. Teve professor, teve outros alunos envolvidos nisso. Não foi "Nossa, ideia genial", que parte de uma só pessoa. Teve uma coletividade aí das pessoas, por que que não foi uma lá?

Rosângela: O que que falta, então, pra esses alunos ganharem visibilidade? O que você acha que falta?

Isabela: Espaço pra eles. Espaço e voz. Dar lugar de fala. Porque não adianta nada às vezes ter um Café Filosófico, ter uma eletiva que fale sobre, sendo que são pessoas brancas que estão lá pra representar elas. Cadê essas pessoas? Por que que não coloca elas como personagem principal? Cadê o protagonismo? Eu lembro que algum dos pilares da escola...

Rosângela: ... integral...

Isabela: ... integral era o protagonismo. E cadê o protagonismo dessas pessoas?

Rosângela: Será que os alunos também, eles estão aparecendo, será que eles estão tendo esse espaço, será que eles estão se mostrando? Será que também eles não estão se fechando?

Isabela: Eu acho que isso é uma coisa desde a infância. Pessoas negras, desde que elas nascem, elas são orientadas pelos próprios pais de não falarem muito pra não sofrer. Porque uma família negra, quando tem o filho, sabe o que significa ser negro no mundo. Então desde a infância os pais sempre vão moldando o comportamento dessa criança pra que ela não seja tão espalhafatosa, que ela fale... por isso que é mais contido, os negros são pessoas vistas como pessoas tranquilas, que não fazem... ou fazem bagunça, né. Ou é terror ou é o quietinho excluído. Então, esse lugar de fala dessas pessoas, não é exclusivamente na escola, vem de toda uma infância que é mais contida, pra não ter problema, pra não sofrer. Eu lembro quando eu era criança, o meu pai, ele é motoboy, e minha mãe é manicure, eles são divorciados. Meu pai sempre falou pra mim "Não faça algo porque você pode sofrer com isso". Por exemplo, meu cabelo é crespo. Mas desde os 10 anos, por ser excluída já na escola, de chamarem meu cabelo de pixaim, de isso, de aquilo... "Meu Deus, eu preciso alisar meu cabelo com 10 anos!" Então, com 10 anos, o meu pai, tentando aliviar esse sofrimento, ele pagava progressiva pra mim, química, formol, onde foi que aí eu acabei destruindo meu cabelo. Dos 10 anos até os meus 18, eu parei de fazer química em 2016, que foi terminando o Ensino Médio, que foi "Por que que eu preciso ficar alisando?" Uma coisa que não é a minha identidade, que não faz parte de mim. Foi quando eu cortei todo o cabelo – agora eu tô com black, né? – pra tentar buscar aí. Então, essa questão de até o cabelo ser a representatividade, pra gente não ser tão vista na escola, pra não sofrer o preconceito, a gente precisa alisar o nosso cabelo. A gente tem medo às vezes de usar uma roupa colorida ou algo do tipo pra ficar ali. Esse é o espaço do negro na escola. É onde ele alisa o cabelo pra não mostrar o black, e então se a aparência física já quer camuflar algo, como que essas pessoas vão se expressar? É muito difícil você tentar falar "Nossa, vai lá. Vai lá. É a sua vez." Porque a gente já tá se camuflando na aparência mesmo, então é um processo delicado, deveria desde a infância ter um preparo..., mas isso já está acontecendo, muitas meninas estão assumindo o cabelo, muitas meninas estão indo lá. Colocando trança, se valorizando, vendo a beleza negra...

Rosângela: Esse seu despertar, ele aconteceu durante a escola ou depois da escola?

Isabela: Durante a escola no segundo ano porque eu tive aula com você.

Rosângela: Ah que bom!

Isabela: Eu lembro que era sala 2, acho que é sala 2 mesmo...

Rosângela: Sala 2.

Isabela: Sala 2, subindo ali no crucifixo.

Rosângela: Isso.

Isabela: E eu lembro até hoje da temperatura, do calor da sala. E você falando, você estava com uma calça preta, legging, eu lembro certinho. E a gente chorava na aula, muitas pessoas não conversavam...

Isabela: ... prestando atenção em você falando da sua mãe, do seu pai em Marília...

Rosângela: Isso.

Isabela: E foi assim "Eu posso!" Tanto que teve a questão do... tutor, né, tutoria...

Rosângela: Isso, tutoria.

Isabela: E eu queria que você fosse minha tutora, minha tutora, minha tutora, minha tutora. Mas eu não consegui porque era um sorteio. Mesmo assim eu sempre conversava com você e você sempre dizia "Você consegue!"

Rosângela: Sim... com certeza.

Isabela: Tanto que eu consegui a minha bolsa, 100% numa universidade privada.

Rosângela: Maravilha.

Isabela: E na minha universidade privada não tem alunos negros... na minha sala tem duas pessoas e eu que tô ali e são todos bolsistas. E as nossas notas são maiores do que as de todas as pessoas.

Rosângela: Maravilha, maravilha.

Isabela: Então essa é uma questão aí de representatividade pra gente seguir e frente.

Rosângela: Ainda nós temos muito pra crescer, nós temos muito pra... teve aluno que passou pelo Culto, mas saiu do Culto por conta dessas histórias e eu quero através

da minha tese deixar um...uma sementinha, plantar uma semente que os outros professores possam também se apoderar dessas histórias e mudar sua prática.

Isabela: Sim. Ah, teve a questão da... eu lembro que eu sempre fiz roteiro de teatro, né, lá pra escola.

Rosângela: Isso, nas eletivas.

Isabela: Exatamente. E teve a "Ópera do Malandro"...

Rosângela: Ah, sim.

Isabela: Acho que você não chegou a ver. Foi em 2016.

Rosângela: Eu estava. Não, eu estava.

Isabela: Você foi ver?

Rosângela: Fui. Vi, eu vi. Eu vi.

Isabela: Eu lembro que na construção do roteiro, a gente... Eu queria que fosse o A. Ele é negro mesmo, queria que ele estivesse lá sendo protagonista. E teve muitas discussões porque meninas brancas queriam ser a protagonista. E daí eu perguntei "Por que que você quer ser?", "Ah, porque eu acho que eu combino mais", "O que que você combina mais?" Nisso, eu não tinha tido essa percepção em primeiro momento, mas depois eu fui entender o que aquilo havia significado. Eu escrevo o roteiro, eu fiquei responsável por colocar cada pessoa, analisando aí a personalidade dela...

Rosângela: ... personalidade...

Isabela: ... o desenvolvimento, por que ela queria ser? Só porque ela é branca e porque ela ia combinar mais com o teatro? As pessoas negras não estão também no teatro? Né?

Rosângela: Sim, sim.

Isabela: Por que ela? Tem essa segregação também do sexo, né?

Rosângela: Sim.

Isabela: A menina mais quietinha, aquela tímida, retida...

Rosângela: ... fechada...

Isabela: A que alisa o cabelo, a que não chama atenção...

Rosângela: Infelizmente a gente tem que aprender que a gente não pode deixar as pessoas colocarem a gente nessa situação.

Isabela: É, tem que sair por cima. Erguer a cabeça, soltar o black, cabelo...

Rosângela: Sim. Com certeza, ir à luta, encarar...

Isabela: Pois é.

Rosângela: E resistir sempre. Resistir muito, não deixar que os outros coloquem a gente numa situação de subalternidade, né? E ocupar os espaços sempre.

Isabela: Com certeza.

Rosângela: É isso.

Isabela: Também teve... no roteiro da "Ópera do Malandro", todos os personagens que eu tô lembrando aqui agora foram personagens negros que eu coloquei como principais. O A. era o próprio malandro, que foi toda a encenação... e a Ra., não sei se você se lembra dela...

Rosângela: Ah, a Re., a Ra., sim.

Isabela: A Ra. foi a Geni. "Joga pedra na Geni..."

Rosângela: Isso, eu lembro.

Isabela: Eu coloquei ela pra atuar como a Geni...

Rosângela: ... como a Geni...

Isabela: ... ela dançou sozinha no palco, então teve toda essa questão...

Rosângela: ... toda, sim...

Isabela: E o pano de fundo era um bar, antigamente...

Rosângela: Isso, eu lembro. Isso...

Isabela: ... o samba, né? Muito forte no Rio de Janeiro.

Rosângela: Eu lembro, até estou vendo a peça lá...

Isabela: Pessoas negras, né... que a gente quis...

Rosângela: Eu lembro, ficou muito lindo!

Isabela: ... colocar. Então, esse acho que foi um dos únicos momentos que eu vi...

Rosângela: Sim.

Isabela: ... dos negros na escola se manifestando...

Rosângela: ... sendo protagonistas e ali atuando... ali...

Isabela: Exatamente.

Rosângela: Foi muito bonito, eu lembro.

Isabela: E com músicas que... do Chico Buarque que trazem uma reflexão. E eles conseguiram entender. Porque às vezes pensa que "Nossa, é uma questão muito sociológica, filosófica..." Acho que não tem esse insight... pra entender... Mas eles conseguiram se colocar no papel ali de atuar e mostrar a que veio, assim... É. A arte valorizou, e valoriza. "Ah, mas ele, olha lá..." Por que não conversar com essas, com esses meninos pra ver qual é a raiz do problema?

Uma outra aluna, **Nayara Giovana Silva**, autodeclarada parda, nos conta que enquanto aluna da escola, viveu e presenciou racismo. Neta do jardineiro da escola, Sr. José, negro, sentia um tratamento diferenciado por parte dos professores.

Nayara: Bom, o meu avô trabalhava escola, acho que você chegou a conhecer.

Rosângela: Sim, Seu Zé. Muito... maravilhoso o Seu Zé. Como é que ele tá? Saudades.

Nayara: Ele tá com alguns problemas de saúde, mas tá bem. A gente tá cuidando bastante dele. Eu acho que chegar como uma aluna que era neta de um jardineiro, vamos assim por dizer, negro, eu era pobre. Acho que as pessoas já não me olhavam de... do jeito que tinham que me olhar, sabe? Tinha aquela diferenciação. Eu já senti muito preconceito principalmente da Vice-Diretora, antes. Ela tinha uma forma de tratar os alunos de cor um pouco diferente. Eu já reparei nisso. Até na forma que ela tratava o meu avô, eu achava muito diferente do jeito que ela tratava qualquer outra pessoa de... qualquer outra pessoa branca, vamos assim por dizer. Eu acho que era um lugar onde nós éramos muito minoria ainda. Por mais que tivesse bastante (muito entre aspas), "bastante" alunos negros, a gente não tinha uma certa representatividade, não tinha um espaço pra conversa, entende? Ninguém chegava e falava "Vamos contar a história dos negros", "Vamos falar sobre a África hoje". Ninguém falava da nossa origem. Deixa eu ver, que mais coisas que eu passei lá dentro? Ah, eu me sentia excluída, na maioria do tempo, também. Mesmo sendo uma aluna... que conversava, uma aluna que tentava socializar com todo mundo, ainda tinha essa diferença na forma de tratamento.

Rosângela: E você sentia com os outros... com os colegas, assim, com outros alunos, entre colegas... Você sentia algum preconceito com outros colegas também?

Nayara: Não, colegas, ainda bem, eu não tive nenhum problema. Eu entrei numa sala, eu estudei no Culto à Ciência no 1o ano, no 2o eu tive que sair. Por problemas em casa e tudo mais, eu não tinha como me locomover, eu morava muito longe do colégio. Mas eu voltei no 3o ano. E todas as salas que eu estudei, com os meus colegas, ali no meu grupo, pelo menos, eu não tinha sentia o racismo. Eles não tinham diferença de cor ou ficavam jogando piadinhas. Muito pelo contrário, a gente sentava e ficava conversando. Tanto é que eu tinha... eu tenho, tinha amigos negros nesse meio e a gente conversava muito essa questão.

Rosângela: Mas você sentia que o professor em relação aos alunos negros era difícil o relacionamento?

Nayara: Sim, os professores, o pessoal da Direção também. E outros alunos de outras salas. Mas eu não cheguei a socializar com eles, mas a forma de olhar, a forma de conversar às vezes já era um pouco mais diferente.

Rosângela: Certo. E você acha que se tivesse mais professores negros esse relacionamento, essa convivência seria melhor?

Nayara: Com certeza. Com toda certeza. Teria uma conversa, teria alguém com quem você poderia desabafar, uma pessoa que passasse pelos mesmos problemas, alguém que te entenderia. Porque, sinceramente, eu estava cansada de estudar um pouco no Culto, por mais que a escola fosse muito boa porque ela era muito... muito elitizada ainda. Era muita gente branca, muita gente com dinheiro, muita gente que achava que os problemas lá de fora não os afetavam, não existiam. Que a gente... tem gente até hoje que esquece que o racismo ainda tá presente todos os dias na nossa vida.

Rosângela: Os meninos, eu entrevistei os meninos, eles falam que foi às vezes chamar atenção, a bagunça, digamos assim. E as meninas tentar ser a melhor aluna pro professor poder enxergá-la, né? Você percebe isso também?

Nayara: Nossa, eu percebi muito! Principalmente nas aulas que eu tinha mais dificuldade, que era mais a questão de Exatas. Pra eu conseguir a atenção do

professor era quase impossível. Todo ali em cima, todo mundo... vou colocar isso de um jeito que não ofenda ninguém... Todo mundo muito branquinho, sabe, tirando nota perfeita, aí o professor, ele às vezes acabava esquecendo de você. Tipo, eu era uma aluna que, se eu tirava uma nota 5 em Matemática, estava tudo bem. O professor falava "Ah, é o máximo que ela consegue" e acabou. Eu não tive um apoio, eu não tive uma ajuda, eu sempre tive que fazer tudo muito sozinha. Então, o colégio, eu agradeço a muitos professores que entraram na minha vida, que me ajudaram, eu não nego que teve muita gente boa lá dentro, mas teve outros que eu simplesmente tive que me virar. Eu pesquisava tudo sozinha, eu aprendia sozinha, as provas eram na base do chute, às vezes. E era triste esse tipo de coisa. Ninguém dava uma atenção.

Rosângela: *Certo. É, infelizmente é isso que a gente vê e ainda estou na escola... Eles têm todo um discurso, mas quando chega na reunião é "aquela aluna moreninha", "aquela aluna"... era bem isso, as pessoas tinham medo de falar "aquela menina negra", "aquela menina parda", não. É "a moreninha", né... E tem dificuldades. Tem dificuldades, mas ninguém se propõe a ajudá-las nas dificuldades, perguntar "Qual a sua dificuldade?" ou então "O que você tem de melhor?" Porque as pessoas só apontam os seus erros, as suas dificuldades, mas não conseguem enxergar você além das dificuldades, para além das dificuldades. Então, eu fico muito triste em saber que o Culto, ele tem um nome, mas que por trás desse nome, tem muita exclusão. Então, a minha tese é pra mostrar isso pra essa sociedade, que essa escola que surgiu de uma elite e que ainda se acha uma elite, né? E que dentro dela tem esses problemas que a escola precisa começar a enxergar.*

Nayara: *Isso é verdade. Foi bom você ter falado isso, a forma de identificar os alunos. Eu lembrei de um dia em que minha mãe foi lá pra me buscar na escola. A Vice-Diretora, ela acabou atendendo a minha mãe, aí ela foi me buscar na sala de aula. E era uma professora meio que nova ainda na sala, ela não tinha decorado os nomes, aí ela assim "Ah eu vim aqui buscar a Nayara", aí a professora falou "Mas quem é a Nayara?" Eu estava lá no fundo da sala, eu sempre sentava no fundo. Sempre. A professora falou "Mas quem é a Nayara?", ela falou assim "Ah é aquela moreninha ali, sabe? Com o cabelo enroladinho, meio pra cima". Porque o meu cabelo, ele é crespo. Não tem jeito. E tem dias que ele realmente tá muito mais armado, ela falou "É aquela moreninha do cabelo enroladinho, sabe, todo pra cima, é aquela, vem!" Aí, nisso, eu fiquei quieta. Mas, a minha vontade era falar assim "Eu não sou morena, eu sou parda. A minha origem é uma origem negra, eu sou afrodescendente e o meu cabelo, ele não é pra cima, o meu cabelo, ele é crespo; você pode falar isso". Mas, eu era uma criança ainda, eu não tinha uma noção, eu não tinha uma resposta, eu tinha medo de falar as coisas. Então, eu deixei por isso mesmo e o episódio passou. Eu nem contei pra minha mãe porque na minha família a gente já teve muitos problemas na questão de cor. Sempre que minha mãe saía comigo, quando eu era pequeninha... Quando eu nasci, eu nasci branquinha porque meu pai era branco, eu nasci bem branquinha. A minha mãe, ela tinha que andar com a certidão, minha certidão de nascimento porque tinha muita gente que duvidava que ela era minha mãe. Já teve gente que achou que ela tinha me sequestrado, ela teve que apresentar todos os meus documentos. Na minha família, os meus tios, o meu padrasto sempre foram parados pela polícia simplesmente por causa da cor porque achavam que eles estavam carregando alguma coisa a mais. Então, eu deixei pra lá esse tipo de coisa, falei "A gente já tem problema demais por ser quem nós somos, então deixa passar". Eu não deveria ter deixado passar, realmente, mas foi meu posicionamento na época.*

Rosângela: *É, porque também a gente se cala enquanto aluno pra não criar um problema e virar mais uma encrenqueira, né? Porque você vai tentar resolver um problema, que não é um problema o fato de ser parda, de ter o cabelo arrepiado, de ter o cabelo crespo, isso não é um problema, isso é identidade. Mas que as pessoas, se você for falar, elas vão dizer que você tá vendo coisas, que você tá inventando coisas, tá criando um problema, então isso é muito complicado, né? Tanto é que eu conto pros alunos que quando eu estudava, imagina, eu estudava há mais de trinta anos atrás, e o meu apelido... Eu era a única negra da escola e o meu apelido era "Loirinha". E quem colocou esse apelido em mim foram os meus professores. Então, pra me enxergar, os meus professores tiveram que me embranquecer e me chamar de loirinha. Depois eu fui pro Ensino Médio numa outra escola de elite da minha cidade, que eu não sou daqui, eu fui pra uma outra escola de elite, que era igual o Culto à*

Ciência, que só estudava classe média alta, meninas brancas, filhas... naquela época estudavam filhas de engenheiro, de farmacêutico, tinha até filhas de médico na escola, e o professor, também, me colocou o apelido de "Miss Alemanha". Então, ou seja, os meus professores, pra me enxergar, tiveram que me embranquecer. E eu também não falei nada. Depois que eu vim, depois estudando, indo pra faculdade e tudo mais, que eu descobri que isso era um preconceito e pra eu estar naquele espaço branco eu tinha que ser embranquecida também. Então, eu não te culpo e os outros também que tiveram esses problemas, todos os outros alunos, porque eles foram invisibilizados dentro da escola. Assim como o Antônio Cesarino foi. E a escola não fez jus a ele. Então, assim, o meu trabalho é justamente trazer essas vozes e hora que concluir esse trabalho, mostrar pra escola "Olha, olha como vocês, escola, tratam, olha como os alunos se sentem". Porque eu não quero ouvir os professores, né, porque os professores vão dizer que eles não são racistas, que eles não têm preconceito e que são todos iguais. Eu quero ouvir o aluno porque o aluno, ele vai contar aquilo que ele sentiu, aquilo que ele viveu. E a partir desse aluno a gente consegue chegar no professor e tentar mudar a prática do professor em sala de aula. É esse o meu objetivo.

Nayara: *Eu tô achando muito bonito o que você está fazendo, professora. Conhecer esse professor que foi invisibilizado, eu acho que sim, muda bastante coisa, principalmente pros alunos que vão entrar agora. A gente tá num momento de muita luta. E conhecer uma pessoa da nossa raça, se eu posso falar assim...*

Rosângela: *Pode, lógico.*

Nayara: *... da nossa raça, que lutou tanto, que teve um posicionamento tão incrível, virou professor, saiu pra fora, é algo que representa demais. É algo que a gente vira e fala "Eu posso também". Mas eu acho que quiseram invisibilizar também esse professor justamente pra manter isso que o pessoal vem mantendo, está mantendo há muito tempo. Por exemplo, "Ah a gente não quer uma pessoa negra sendo professor, então eu não vou mostrar que esse homem que foi um negro, que foi professor, pra ele não querer também". Por que a gente vai se reconhecendo naquele homem e o que que vai acontecer? Os negros agora vão começar a dominar?*

Rosângela: *Sim, é o medo que o negro ocupe o lugar, que o negro cresça.*

Nayara: *Sim, exatamente. Não querem que a gente ocupe o lugar.*

Rosângela: *Mas eu sempre falo que o nosso lugar, Nayara, é onde a gente quiser. Esse é o nosso lugar. É onde a nossa capacidade, a nossa competência puder nos levar. Então, é isso que eu quero mostrar nesse meu trabalho, que não pode mais existir 'Cesarinos', que esses 'Cesarinos' que estão hoje na escola, que eles sejam representados, que o Cesarino do passado seja um espelho para esses Cesarinos do presente. É se olhar e fazer jus, e colocar a foto do Cesarino no lugar que ela merece. Como um catedrático, como uma pessoa que ajudou na formação de muitos alunos. Ele foi... eu peguei o Histórico dele da escola e ele foi o 2o melhor aluno da escola.*

Nayara: *Nossa, que incrível.*

Rosângela: *Então, assim, essa é forma, a gente tem que mostrar que a gente é capaz pra ocupar os espaços porque, mesmo mostrando, ainda a gente encontra barreiras, né?*

Nayara: *Com certeza. Eu encontro muito essa barreira também na minha própria faculdade. Eu tô no Ensino Superior, eu faço Fotografia e...*

Nayara: *... três negros...*

Rosângela: *Três?*

Nayara: *... eu mais 2, o restante são todos brancos, ou seja, e são de todos nós. Falta muito... precisa de muita luta, muita gente ainda, infelizmente vai morrer por conta disso, assim como nossos ancestrais morreram lutando. Hoje em dia não vai ser diferente, atualmente não vai ser diferente. Mas é algo que me deixa até sem palavras, sabe? Eu paro pra pensar nos ambientes que eu ando, aonde eu vou, onde eu frequento, onde eu estudo... tudo é branco, ainda. Tudo. Desde o Ensino Fundamental até o Superior, ainda eu enxergo muito branco. Falta muito ainda de nós em todos os lugares, em todos os espaços. Eu vejo muito negro ainda como empregada doméstica, ainda como servente, ainda como só um jardineiro. Não que essas profissões não sejam dignas, são sim, dignas...*

Rosângela: *Sim. Sim.*

Nayara: ... mas parece que o único lugar que todo mundo quer a gente. Só esses. Ninguém tem capacidade de ser mais nada além disso. É isso que eles falam "Vocês não podem estar aqui, aqui em cima por causa da cor da sua pele."

Rosângela: Infelizmente. É, a cor da pela nossa, ela chega primeiro e ela acaba se tornando, as pessoas acabam usando a cor da nossa pela como barreira pra gente ocupar os espaços. Mas a gente tem que resistir e mostrar que nós somos além da cor da pele. Então, eu começo o meu trabalho discutindo essa questão de raça, que só existe uma raça, que é a raça humana. E que as pessoas têm que aprender a enxergar as pessoas pra além da cor da pele, as suas capacidades, as suas potencialidades. É isso, Nayara, que eu queria. Muito obrigada, assim, já de antemão, pelo seu depoimento, pela sua disposição em colaborar. Foi muito bonito. Infelizmente eu não consegui gravar, eu não entendi por que eu não consegui gravar, mas ficou gravado aqui. Depois eu vou te mandar por... eu acho que eu tenho o seu e-mail, se eu não tiver você me passa de novo, a autorização. Você depois, não precisa já, você imprime, assina e ou você me manda pelo correio ou você escaneia e me manda de volta. Tá, mas assim, muito, muito, muito, muito, muito obrigada! Vai contribuir demais pra minha pesquisa e pra futuros alunos do Culto. Eu quero colocar, já falei pro Diretor agora, falei "Olha, quando eu terminar minha tese, eu quero pegar esse quadro, essa foto, e vocês vão ter que arranjar um lugar pra colocar esse homem aí e essa história desse homem tem que ser contada pros alunos".

Nayara: Eu acho que você está muito certa! E eu que tenho que agradecer por fazer parte dessa pesquisa. Eu acho que é um assunto que precisava falar porque sempre ficou preso dentro de mim, esse tipo de coisa. Enquanto um dia eu tentei conversar isso com uma pessoa, mas ela simplesmente virou pra mim e falou assim "Isso é coisa da sua cabeça". Então, eu fiquei muito feliz de poder compartilhar com você a minha vivência lá dentro, compartilhar um pouco da minha história, falar que mesmo eu sendo uma menina que... como eu posso colocar isso sem ser racista? Eu tive episódios dentro da minha família por parte de pai de racismo porque eu fiquei "moreninha" depois, né, quando eu cresci. E mesmo [inaudível] naquela família eu me senti muito excluída, sabe? E conversar sobre isso sempre foi muito difícil, sempre foi muito uma questão porque todo mundo virava e falava assim "Você não tem do que reclamar porque você tem um pai branco". Então...

Rosângela: O fato de ter um pai branco não anula a sua descendência e a sua identidade africana. Então, esse é o mal da sociedade porque ela trata o racismo como colorismo, né, que a gente fala, quanto mais clara for sua pele, mas privilégios você passa a ter. E não é isso, não é a questão de pele, é a questão de identidade: como você se identifica; e a questão da ancestralidade: de onde você vem, quem te constituiu enquanto pessoa, enquanto sujeito, as tuas origens, né? E é não negar nunca porque a nossa identidade e as nossas origens, ela não está na cor da pele somente. Então, é isso que é importante, Nayara.

Nayara: Sim, muito importante. E eu nunca neguei minhas raízes, eu sempre tive muito orgulho. Gosto de estudar os negros, eu gosto de estudar a história África, eu gosto da cultura deles, quero muito conhecer um país, muito mesmo, é um sonho que eu pretendo concretizar. Eu acho uma coisa linda. Infelizmente temos problemas, mas eu acho que um dia, um dia, muito lá pra frente, a gente ainda vai conseguir ser feliz e olhar e falar "Cor da pele não importa" (Silva, N. 2020).

Outra aluna, **Júlia Maia**, teve uma passagem curta pelo Colégio, mas muito marcante. Ela fez parte da turma da **Gabriela Luciana**, **Luana** e **Géssica**. **Júlia** se autodeclara como negra, filha de mãe branca e pai negro, vejamos sua apresentação:

Júlia: Sim. Meu nome é Júlia Vitória Maia, eu tenho 20 anos, atualmente. Eu sou uma mulher negra, filha de um homem negro e uma mulher branca. A minha trajetória no Culto à Ciência foi uma coisa bem diferenciada pra mim, em toda a minha vida, porque como eu venho de uma família particularmente misturada eu não tinha noção mais ou menos do que era isso de ser uma pessoa negra dentro de um ambiente. Nunca assim, eu sempre soube o que era o racismo, mas eu nunca senti na pele ou pude discutir alguma coisa com isso. Porque pra mim racismo era uma coisa que

acontecia, eu sei que acontece, eu sempre tive essa visão que acontecia com os negros, mas eu nunca vi isso como uma coisa assim tão grande como vejo atualmente.

Rosângela: Certo. E aí como que foi sua trajetória na escola?

Júlia: Eu sempre fui uma pessoa muito mais fechada em termos de amizade, ou qualquer coisa assim. Não sei exatamente te dizer se é por conta de eu me sentir excluída ou o que seria. Eu sempre fui assim, desde pequena, mas a minha trajetória no Culto à Ciência, foi uma coisa ao mesmo tempo bom pra mim. Alguns momentos completamente difíceis, por parte pessoal, emocional, acadêmica. Mas também foi uma parte onde eu comecei a ver outros lados da mesma moeda, como se fossem vários lados. Como gente que veio de bairro nobre, gente que veio de bairro pobre, gente de várias comunidades, várias classes sociais, várias orientações sexuais...de diversidade. Então foi ali ...a minha trajetória no Culto à Ciência foi um momento em que eu comecei a descobrir outras coisas além daquilo que eu sabia, que era uma coisa limitada.

Rosângela: Então, e agora, você como aluna? Você, quanto aluna do Culto, você sofreu algum preconceito? Você passou por alguma situação em que você falou "Não, isso é por conta de eu ser negra". Você teve ou vivenciou com outra pessoa ou viu isso, enquanto aluna? O preconceito?

Júlia: Então, a minha situação em relação ao meu preconceito naquela época, eu não via exatamente as coisas como sendo preconceito. Eu não via as coisas como "Ah aconteceu isso porque eu sou negra", eu nunca vi isso. Eu comecei a prestar atenção nisso quando eu fiz 19, 20 anos...mais para agora que eu comecei a ver assim, eu comecei a perceber mais. Quando eu via isso, pra mim, eu não conseguia enxergar sendo um preconceito, eu não conseguia enxergar sendo racismo, eu não conseguia enxergar... vendo que uma pessoa olhou torto pra mim porque pode ser que eu era negra, pode ser que...que eu tinha um cabelo cacheado, ou uma pessoa virava pra mim e falava "nossa, eu prefiro o seu liso do que cacheado" eu não via isso como uma coisa de preconceito...então... sofri? Sofri, mas não...eu não percebia se era alguma coisa sendo preconceito ou não. Vendo por vários, vindo de uma coisa que eu nunca fui ensinada tipo " Ah, as pessoas podem te tratar assim... sendo preconceito" as pessoas podem...Um segurança uma vez...um segurança me seguiu num shopping só que eu nunca acho que me toquei se era, o que que estava acontecendo, só que assim, ao mesmo tempo que eu sabia, eu não me...eu não...não é que eu não entendia ,eu não via aquilo sendo, mas eu sabia que era. Mas eu não via aquilo sendo preconceito assim...do racismo, nunca vi isso, assim... não é que eu não via...dessa época...antes eu nunca vi. Agora eu com certeza eu vejo. Agora eu vejo, agora eu sei. Tem vez que até as pessoas falam "Ah você está meia paranoica" eu falo "Não, não é paranoia", quando você é negro, você entende. Eu vi uma vez uma frase que é assim: "Quando você passa por uma situação assim, se você é negro, então você entende".

Rosângela: Sim, sim.

Júlia: Negro, que é negro entende.

Rosângela: Com certeza, com certeza. É muito complicado, dentro da escola e na época que vocês estudavam, que vocês eram adolescentes, esses preconceitos, eles eram quase que...vocês viam como natural, não é? Ou natural, ou até ... eles falavam que "Ah, isso é normal acontecer"...

Júlia: Era isso que eu via era uma coisa sendo uma coisa normal. Eu sabia que era uma forma de preconceito, uma forma de alguma coisa, de um...não sei...eu não, eu não...eu achava aquilo normal, eu não via sendo um preconceito, porque eu vim de um passado assim, onde eu não fui... mostrado... falado "Olha, quando a pessoa está andando do seu lado ela segura a bolsa, pode ser que ela esteja olhando pra você porque você é negra, quando um policial te para na rua e o outro branco não para, pode ser porque você é negra". Eu nunca via isso. Mas atualmente eu vejo e muitas vezes eu olho...eu olho para o meu passado, eu falo "Nossa, quantas situações pode ser que eu tenha vivido e eu não percebi, eu não vi". "Nossa, isso está acontecendo porque eu sou negra, pode ter certeza de que isso aconteceu porque eu seja negra, me pararam na rua pode ser porque eu seja negra". Eu nunca vi isso, então atualmente eu olho e paro, nossa, certas situações pode ter acontecido exatamente por conta do preconceito, por conta do racismo. Eu...eu não me toquei na época.

R: É, a gente vai amadurecendo, né, Júlia? A gente vai amadurecendo e vai vendo e vai refletindo. Porque o preconceito, no Brasil, ele sempre foi uma coisa muito

disfarçada. E as pessoas tinham vergonha, se a pessoa não é tão negra assim, não é um negro da pele retinta, então se ela é um pardo, não é? Eu acho que pardo é um termo muito feio de se usar, mas as pessoas falam pardo, mulata também tem um outro termo muito pejorativo, então as pessoas elas querem mais se embranquecer pra se sentir igual ao outro. Agora no meu caso, por exemplo, que já sou uma negra, não sou tão retinta, mas eu sou uma negra, eu sou negra e a minha cor da pele ela sempre chega primeiro, então não tem como disfarçar, a Rosângela professora negra, então assim, era muito complicado porque eu sentia que tinha alunos que tinham uma certa...sentia assim incomodado com minha presença ali na escola. Então assim é muito difícil esse processo e até hoje, né? Até hoje, 25 anos de magistério, eu chego as pessoas ainda perguntam. Esses dias eu estava fazendo...eu estou trabalhando numa universidade, eu tô dando aula online e os alunos não me conheciam, e eu fiz uma live com os alunos e foi muito interessante que a hora que eu apareci...marquei a hora que eu apareci...aí um aluno falou, "Mas ela que é a professora?", sabe esse "ela" assim "Mas ela que é?" eu falei "Não, sou eu".

Rosângela: Eles se chocam ainda, em pleno sec. XXI as pessoas se chocam com um negro ocupando um lugar que eles acham que não deveria ocupar, e na escola não é diferente.

Júlia: Sim, atualmente. Durante toda essa minha trajetória na escola e até a minha escola atual, eu não tenho professores negros. Eu não tenho, eu tenho uma pra falar a verdade, que ela é a tutora da minha sala, mas eu nunca reparei assim...eu nunca vi um professor negro. Então quando chega a senhora como uma professora, eu consegui ver uma coisa assim, a mais, uma coisa "Nossa, legal, eu tenho uma professora negra dentro da minha sala...eu tenho uma professora negra que me dá aula". Sempre foi uma coisa assim pra mim e eu nunca tive outros professores negros, era uma coisa assim que...foi uma coisa assim bem separada. A forma de eu me ver como negra foi uma coisa que me influenciou muito, eu não via "Ai, eu sou negra" eu não via isso como uma história, eu via isso por "Eu nasci negra, tenho um pai negro" então eu sempre vi isso, eu nunca vi como tendo uma história, carregando uma história atrás de mim, por lutas, sofrimento e tal... nunca vi...nunca reparei nisso. Só "Ah eu sou uma pessoa negra" muitas vezes eu via isso de uma forma de querer me embranquecer, de querer...de não gostar muito da minha pele. Isso demorou bastante até eu mudar esse pensamento. Porque quando eu era criança, eu lembro que tinha vezes que eu simplesmente parava e perguntava pra minha mãe tipo "Mãe, por que que as pessoas não brincam comigo?". Porque tipo assim, eu brincava muito com os meninos do meu bairro, mas eu nunca...eu raras vezes eu brincava com as meninas e tinham meninas negras no meu bairro. Atualmente, eu converso com as pessoas, mas eu converso mais com pessoas brancas do que negras. Porque ainda assim somos um ciclo diferente e assim, pra mim virou uma coisa normal eu conversar mais com os brancos do que com os negros, é uma coisa assim... diferente os ciclos...quando eu pego pra conversar é uma coisa totalmente diferente entre eles, mas a minha história em si, eu nunca vi isso como sendo uma pessoa negra. Eu vi como a Júlia que nasceu negra, tendo a pele escura, mas eu nunca vi sendo um poder nessa palavra, um poder na palavra negro. Eu vi sendo uma pessoa que nasceu com a pele escura, só isso que eu sempre vi na minha vida. E depois de um tempo assim, o Culto à Ciência me ajudou bastante nisso, ver isso. O meu amadurecimento começou a me mostrar isso e que é uma história que eu carrego dentro de mim que eu carrego na minha pele. E ela é extremamente assim que não é contada, você não sabe nem o mínimo disso, você não sabe quase nada disso, sabe que as pessoas foram escravizadas, sabem que as pessoas foram tiradas dos seus países...da África a força, foram tirados das suas culturas, foram tirados das suas famílias, foram tiradas as sua identidade, tanto é que as pessoas...os senhorios marcavam as pessoas com os seus sobrenomes, o meu sobrenome da parte da família do meu pai veio de um senhorio, na época depois da abolição, veio...a família continuou com o sobrenome porque não tinham que sobrenome dar. Então a gente continuou sendo o sobrenome e aí a gente tem os Maias negros e os Maias brancos. Às vezes o meu pai brinca com isso, e eu não sabia, depois que meu pai me contou essa história... eu nunca soube dessa história. Então é isso, então, é uma história exatamente que não é contada, não é contada nas escolas, não é contada nos livros, não é contada em lugar nenhum, então assim é uma coisa bem diferente do que você vê da história de um branco. Um branco que venceu a vida, que

veio lá do baixo, que venceu a vida, passou por todas aquelas dificuldades e hoje está feliz da vida e tal. Só que você não ouve a história de um negro assim. Você ouve a história de um negro que foi parado pela polícia, você ouve a história de negro que foi morto porque foi confundido com ladrão, você ouve a história de alguém que ...um negro...que foi confundido com outro alguém. É sempre assim, o negro para as pessoas, por você ser negro você é tudo igual. Eu sou igual a você, você é igual a Fulano, você é igual a Ciclano. Então por a gente ser negro eu posso ser confundido com um atirador, eu posso ser confundida com um ladrão. Mas eu não posso ser confundida com um juiz, eu não sou confundida com um juiz. Eu não sou confundida com a filha de um advogado. Não, eu sou confundida com a...com o bandido, eu sou confundida com a mãe desnaturada que bateu no filho, que fez isso e fez aquilo. Mas eu nunca sou confundida com outras histórias. Com histórias vencedoras, eu sou confundida com isso. Negro é assim...pro negro...para as pessoas em si...em geral...e muitos para os próprios negros você é negro então eu sou igual a você, mas eu não sou. A minha pele...a gente tem a mesma história...assim, da nossa trajetória, mas eu não sou igual a você. Ninguém é igual a você, ninguém é igual a ninguém, é uma coisa assim, que eu gosto de pensar nesse ponto.

Rosângela: Ah, que ótimo. eu fico feliz em ver esse seu amadurecimento, em ver a pessoa que você se transformou. Todos os alunos que eu tenho entrevistado, eles têm essa consciência, de assumir sua identidade, de assumir a pessoa que é e valorizar essa sua trajetória. Então é bonito isso, e saber que hoje você se conscientizou e sabe que...do lugar que nós estamos a gente tem que demarcar e falar "Não, eu sou negra sim, eu tenho orgulho de ser negra, porque é muito difícil, na escola esse processo de conscientização ele se dá de uma maneira muito difícil, porque, primeiro que o aluno negro ele não vê outros negros na escola, ele não encontra outros iguais a ele. E quando encontra ele, ele encontra numa posição de subalternidade e depois aquilo que os livros passam é uma história... que eu falo que eu não quero me identificar com essa história, porque o livro está passando uma história de escravidão, o livro está passando uma história de não resistência. Embora a gente saiba que os negros resistiram a esse processo. O que os livros mostram... Por que que ele vai sentir orgulho de valorizar a sua origem? Se lá no livro está mostrando " Olha de onde você veio...". Então, é importante...seria importante...que os livros e as escolas falassem e falassem da cultura negra, falassem da contribuição do negro, não visse a África como uma coisa pejorativa, como um continente atrasado, como algo menor. E pelo contrário, visse a África e mostrasse a África como ela é: o berço da humanidade, uma cultura riquíssima, mais de 50 países...então quando o aluno, na escola, não encontra essa referência da sua origem, ele vai negar a sua origem, ele vai sempre negar a origem. Então, é preciso que as escolas comecem a mudar esse processo, é preciso que as escolas comecem a rever essa trajetória, é preciso que as escolas comecem a ensinar o que é ser negro, a valorizar o elemento negro e não mostrar foto do negro amarrado, do negro açoitado...sempre nessas condições. Ninguém vai querer ser... ter sua identidade próxima disso que a escola está mostrando.

Júlia: Sim. É quando...eu lembro que ...teve uma época no Culto à Ciência, que eu comecei a reparar porque que aquilo acontecia comigo. Por que muitas vezes as pessoas preferiam conversar com minhas amigas brancas a comigo? E assim, aí eu fui parar pra pensar e refletir tudo e porque eu também preferia conversar mais com as brancas do que com as negras e eu vi e falei "Eu venho de uma situação assim" eu fui ensinada que, sim, eu sou negra, o racismo existe, eu posso enfrentar isso em algum momento da sua vida, eu posso enfrentar, não quer dizer que isso não vai acontecer. Minha mãe e minha família sempre me ensinaram, mas eles nunca me mostraram que por eu ser negra, eu posso ver as coisas de uma outra forma. Por eu ser negra eu tenho que buscar a comunidade negra, como a família da minha mãe são brancos e eu sempre morei com ela, então pra eles sempre foram uma coisa assim que...Ok, eles tiveram amigos negros, eles tiveram gente próximas negras, mas também nunca foi uma coisa onde eles mostraram para as crianças, pros filhos ou que é que seja... a comunidade negra. Eles me... minha mãe, minha avó, em si, nunca me mostraram o legal de ter o cabelo cacheado, eu comecei a ver por conta própria. A minha mãe, minha família então nunca me mostraram o incrível de fazer um turbante na cabeça. Eu comecei a ver e eu comecei a achar incrível uma roupa colorida, uma maquiagem escura um batom escuro, onde numa mulher branca aquilo

não é bem-vista, aquilo não é bem-visto para uma mulher branca. Uma mulher branca...essas coisas da caracterização da cultura negra, não é uma coisa legal...não é uma coisa legal...eu nunca vi uma questão onde eu posso destacar os meus pontos negros, pelo fato de eu também ser mulher eu sempre só fui só colocada no movimento de eu ter que me proteger como mulher, mas eu nunca tive que me num momento de eu ter que me proteger como negra, que eu tenha que me ver como negra, que eu tenha que me relacionar com outras pessoas negras. Porque as outras pessoas negras que a gente conhece, infelizmente, se veio do mesmo bairro que a gente, pode ser que não seja as pessoas certas para gente, pode estarem também envolvidas no tráfico, na violência, no que é que seja. Então a gente não queria se envolver com isso. Então a gente ia se relacionar com o branco, eu sempre me relacionei com o branco por conta disso, eu não via isso como um fato legal, o que mostrava na tv, era que cada dia um negro sendo preso na favela ,por tráfico, por abuso à criança ,por abuso à mulher enfim...isso...ou também quando eu estudava na escola eu nunca vi um movimento negro, um movimento das Panteras Negras nos Estados Unidos, eu nunca vi nem nada nem no Brasil, movimento negro no Brasil em si. Acho que a única ...ponto que eu estudei da história negra, no Brasil, foi a escravidão e só foi uma vez, foi duas aulas no máximo e ponto. E aquilo mexeu muito comigo. Enquanto para alguns alunos aquilo era uma coisa normal, era uma aula ou coisa assim, pra mim aquilo mexeu, porque eu vim diretamente daquilo. E assim... a minha família veio daquilo e aí essas pessoas as vezes falam " Ah, você não pode ficar presa ao passado". Não, eu não fico presa ao passado, mas eu vejo aquilo como uma reflexão do que aconteceu comigo. Eu vejo aquilo do que eu penso pensar, aconteceu com os meus ancestrais? Aconteceu com meus ancestrais. Mas o que impediria de acontecer comigo? O que impediria se, atualmente, acontece comigo? Então assim, então eu vejo que...ao ponto que isso tem que falar nas escolas também, tem que ser visto dentro de casa, por... pelo fato de eu olho muitos... pelas famílias como a minha que... Os meus pais são separados, então eu sempre convivi com a família da minha mãe que é branca. Então a gente nunca viu isso, eles nunca me mostraram isso. Eu acredito que eles nunca viram isso como um movimento negro, uma educação negra. Eu meio que...eu nunca vi isso...eu comecei a ver por conta própria. Nem o meu pai, mas como eu não tive muito convívio com meu pai, então meu pai também não via isso. Ele tipo não me mostrava essa questão. Ele me mostrava a questão dele se enriquecer pelo lado branco e não se enriquecer pelo lado negro, ele não querer ver uma coisa bonita, incrível, linda que é do lado negro, era sempre para o lado branco. Então assim é uma coisa que tem que ser vista nas escolas, principalmente, porque a escola que faz a pessoa se desenvolver, a escola que faz o aluno, a aluna a crescer. Então tem que ver na escola, mas como também tem que se ver dentro da família também. Como por exemplo, a minha e de muitos outros.

Rosângela: É, infelizmente, é isso, Júlia. Então assim o meu trabalho é tentar trazer a voz de vocês, hoje, maduros, conscientes da posição que vocês têm, eu fico até emocionada, sim, porque pra ver o amadurecimento, como que vocês cresceram e que isso sirva tanto para os alunos negros, tanto para os professores que precisa mudar essa postura. Os professores não podem continuar educando da mesma forma. Porque os professores têm mais maturidade, eles não podem continuar educando da mesma forma. Eles precisam mudar isso, mudar como enxergam o negro, como abordam a questão do negro na sala de aula para que esses alunos tenham orgulho do seu lugar, para que tenha orgulho da sua pele, da sua condição. Eu sempre falava para os alunos "Gente, nós também somos imigrantes, assim como tem os imigrantes italianos, alemães, franceses que chegaram no Brasil, nós chegamos primeiro, também. Só que nós chegamos numa condição que ninguém perguntou se a gente queria ser imigrante, as pessoas nos tornaram imigrantes, mas objetivados, que o negro é um objeto, é essa objetivação, enquanto com os outros não".

Júlia: Eu venho de... aqui atualmente onde eu moro na Inglaterra, é uma coisa onde tem muitos negros, mais do que o Brasil, mas não...o racismo em si não é tão visto como lá no Brasil, pelos jovens. Aqui os problemas deles maiores são os árabes, toda essa questão da religião mais assim, então é difícil pra um aluno...você ver uma pessoa negra e você discutir algo assim com eles. Porque pra eles ao mesmo tempo que eles sabem também, eles não vê isso. Eles não vê isso. E eu sou uma pessoa que atualmente converso com meus amigos e eu fico até triste quando eu falo com eles,

quando eu estou conversando com alguém e eu falo, as pessoas, elas me rotulam muito. Me colocam muito como um objeto por ser uma mulher negra, por ser um objeto sexual, um objeto de desejo de uma mulher negra e ainda mais quando eu falo que eu não sou daqui e eu venho de algum país, principalmente vindo do Brasil, quando eu falo que eu venho do Brasil, nossa...as pessoas me veem como um negócio de adoração, um objeto de desejo...incrível aquilo, realmente machuca a pessoa, realmente machuca. Eu muitas vezes me sinto machucada quando eu vejo isso, quando eu ouço isso. E muitas vezes eu falo, é uma coisa, assim, que é extremamente vista pelas pessoas de fora. Eu já vi muitas pessoas vindo falar "Ah, nossa, você é brasileira? Ah, mas você não tem traços de ser brasileira " ou também como eu já vi "Nossa, você é negra? Mas você não é uma negra 100%, porque você não tem uma boca grande, você não tem o nariz grande, você não tem uma orelha grande" eu já vi pessoas negras falarem isso pra mim "Você não é uma negra mesmo, porque seu nariz é pequeno, sua boca é pequena, sua orelha é pequena" eu falo "Gente, então..." a pessoas em si ela é rotulada de qualquer maneira, mas o negro ele é rotulado como um desejo. Eu cheguei a ver uma entrevista e eu parei para pensar e eu falei "Nossa, é realmente isso", a menina negra criança...menina negra ela é vista como mais madura do que uma branca. E aí eu parei pra pensar e eu falei "Nossa, porque isso?", eu coloquei ..."Por que isso?"...aí eu lembrei porque, porque nós mulheres negras muitas vezes não viemos de uma condição em que conseguimos morar num bairro de...num bairro...num condomínio..., não conseguíamos ser uma escola grande. Então nós vínhamos de um bairro violento, de um bairro pobre, onde tivemos que aprender a amadurecer mais rápido, que é o meu caso, eu tive que aprender a amadurecer mais rápido, eu tive que aprender o que é o perigoso e o que não é, então é uma coisa totalmente diferente se uma branca conversar comigo. Minha irmã...minha irmã que tem 12 anos e ela é branca e ela conversar comigo atualmente...são pontos diferentes totalmente... são pontos de vista totalmente diferentes. Eu olho e falo "nossa" e é verdade. Quando você é uma menina negra você é ensinada que você tem que se proteger, você tem que fazer qualquer coisa para não se ferir, para não ser agredida de qualquer modo. Uma menina branca não, com uma menina branca não é assim. O negro é visto como um objeto sendo sexual, principalmente, atualmente infelizmente... assim um objeto de uso, sendo um objeto de opressão, sendo colocado em posições extremamente...não ridículas, mas...onde não tem posições de alto cargo. Você não vê muitos negros na posição de executivo, na posição de advogado, a posição de juizes. Eu às vezes olho em fotos de amigos meus eu fico às vezes... que é até paranoia eu fico "nossa, quantas cabeças negras eu consigo ver na foto e são muitas poucas, são muitas poucas".

Rosângela: Sim.

Júlia: Eu vejo...eu vi uma vez a foto do Oficina do Estudante, em Campinas, no intervalo assim, as crianças tudo eu pausei o vídeo e fiquei olhando "Quantos alunos negros eu consigo ver nessa foto?" e são muitos poucos...quase nada, praticamente nada. Você não vê pessoas negras na posição de que falam que vai pra Disney, vai pra Paris, tem um Iphone do ano, tem o tênis de marca do ano que gasta R\$600,00 de roupa, R\$1000,00 num celular... você não vê isso, é uma coisa extremamente rara você ver.

Rosângela: Criar uma geração mais consciente, criar uma geração que se olhe que se aceite, que goste e que se valorize. Então é esse o meu trabalho, Júlia. Esse é o meu papel, tentar ajudar a formar mais pessoas que se reconheçam enquanto negras e que não tenham vergonha da sua origem, muito pelo contrário. E que a escola possa mudar essa cultura, que a escola possa mudar essa forma de ensinar sobre o negro. Que tenham mais professoras negras, que tenham mais diretores negros, que tenham mais médicos negros, advogados... o lugar do negro é onde ele quiser, é onde ele quiser estar e ninguém vai dizer...não é a sociedade que vai dizer onde nós devemos estar, é de acordo com aquilo que a gente colocou para nós. Isso é muito... eu fico muito feliz em saber que meus ex-alunos estão me ajudando e irão colaborar para que a gente possa ter aí um futuro diferenciado, que as próximas gerações.

Júlia: Eu falo...

Rosângela: Pode falar.

Júlia: Eu falo para muitas pessoas que eu imagino, teve um comercial uma vez que foi na época da eleição no Brasil, que falava "O Brasil que eu quero é um Brasil onde

“você consiga ver que o aluno negro tenha voz”. Ele é ensinado a... que ele pode batalhar pra entrar numa faculdade. que ele pode batalhar pra entrar numa faculdade no exterior, que ele pode batalhar para ser o próximo juiz, ser o próximo presidente, ser qualquer coisa, independente do que é isso. Então assim é uma frase que eu gosto muito de usar, brincadeira, mas eu gosto muito de usar "O Brasil que eu quero é o que futuramente...no futuro próximo... se Deus quiser...a gente consiga ver isso, consiga ver... que a gente consiga ver mais alunos tendo vozes dentro de escolas públicas, principalmente, que é onde está a nossa maior concentração, mas eles também consigam começar a ter mais vozes crescendo dentro do ensino privado também (Maia, 2020).

A entrevista com a **Júlia Maia** me deixou muito emocionada, pois como ela relata no início, sempre foi adolescente muito fechada e não tínhamos muita proximidade durante o período que frequentamos o Colégio. Ao contrário das outras meninas, ela me procurou e pedindo para participar, por intermédio delas. E, para minha surpresa, vi todo o amadurecimento e conscientização de sua posição enquanto mulher negra.

Até aqui, podemos constatar o quanto é importante dar voz aos estudantes e trazendo suas experiências do período escolar. A escola, infelizmente, tem se omitido no processo de escuta dos estudantes negros e negras. Segundo Souza (2021):

A democratização da educação, do ensino, viabilizando o acesso de negros e indígenas, é um primeiro e importante passo, entretanto sem nenhuma efetividade se não houver implementação de condições a permanência e a ascensão, ou seja, (re)distribuição de espaços (p. 18-19).

Temos ainda as narrativas de estudantes que trazem suas experiências sobre a sua passagem no Colégio. Daremos prosseguimento com a história da **Géssica**, uma aluna que enfrentou a gordofobia, o racismo, a intolerância religiosa e a misoginia juntas.

Rosângela: *Assim... como que você se sente num corpo negro?*

Géssica: *Acho que o autoconhecimento de se ver como negro foi um processo lento, considerado lento, porque eu sou filha de uma mãe parda, né? [Sou] considerada parda e meu pai é negro, de pele retinta, então tem essa grande divisão, né? A parte da minha mãe são de maioria brancos e na parte do meu pai são todos negros. Então eu sempre tive essa dúvida, por muito tempo, quando eu era criança, né? Achava ok ser morena, achava ok essa coisa de ser mulata e conforme a gente vai crescendo a gente vai entendendo, né? E vai se aprofundando mais nisso e vê que existe uma grande variedade dentro do que é ser negro, né? Muitas pessoas veem como um problema o colorismo, mas ele está ali, né? Dependendo da forma que você olha, porque meu pai é negro, só que ele é de pele retinta, muito diferente de mim, e eu e meu irmão somos negros de pele um pouco mais clara, mas a gente não se exclui ou se isenta do racismo que tem aí fora, né? A agressividade com que a gente recebe esse racismo é totalmente diferente de como meu pai, ou a parte do meu pai vai receber. Por exemplo, as minhas tias por parte de pai são negras de pele retinta também. E a forma com que elas recebem esse racismo é totalmente diferente do meu, mas ainda assim a gente recebe essa agressão, né? Então, eu sou negra, né? Esse conhecimento, essa... essa afirmação ela me trouxe até mais alívio, porque quando a gente tem essa dúvida do que a gente é, a gente fica com medo de onde que a gente vai se encaixar, né? Em qual grupo a gente vai poder dizer que se pertence e quando a gente acha o grupo que se pertence, a gente acha a casa, né? Então, hoje falo com muito orgulho que sou negra e prossigo nesse movimento, né?*

Rosângela: *Géssica, e você teve alguma experiência lá, tanto por parte de professores, de outros colegas, que assim... mostram a indiferença ou preconceito?*

Você viveu algumas experiências em que você sentiu ou viu ou presenciou algum preconceito?

Géssica: *Ah eu...eu...digo que eu desde quando eu comecei a estudar até meu último dia de aula no Culto à Ciência, eu tive momentos bons, sim, mas eu considero todo esse amadurecimento que eu tive em relação à minha... a meu ver de como eu sou e represento na sociedade mudou muito por causa... por conta do Culto à Ciência. Eu sou evangélica, e basicamente eu era uma das únicas meninas que só usava saia na escola e eu sou negra e gorda, então isso é uma camada, uma vai aumentando a camada da outra, né? E eu era uma das melhores amigas da Gabriela [Luciana] na época, então era eu, a Gabi, a Andreza e a Luana Modesto, né? Então, são quatro meninas negras de diferentes aparências, mas com o mesmo pensamento de que temos... estamos ali e merecemos ser respeitadas. Então eu, particularmente, tive muitos momentos desagradáveis em relação aos meninos. Porque, infelizmente, quando a gente chega no Ensino Médio, os meninos acham... as pessoas têm uma ideia de que vai arrasar, que vai ficar comigo, que eu vou, né...? E eu tive muita situação assim, onde as minhas amigas estavam se relacionando com alguém e minhas professoras falavam assim "Ah, e você, Géssica, vai ficar segurando vela? Não vai atacar ninguém?". Então, assim, eu tive muito isso, é quando eu participava de... do trote do terceiro ano, um dos professores virou para mim e falou assim "Ah, deixa o seu pastor saber que você está participando desses trotes. Então, assim, todo momento era colocado em pauta a minha crença, a forma como eu me dava, porque os professores eles tinham, têm uma visão de mim, de que eu sou uma pessoa fechada, de que sou uma pessoa mal-educada ou uma pessoa rabugenta, mas quando elas sentavam para conversar comigo e viam que eu tinha inteligência, que eu tinha capacidade, elas se surpreendiam. Era sempre essa surpresa, quando eu apresentava um trabalho, os professores... eu na época eu tinha tutor, né? E minha tutora sempre falava: "Géssica, fiquei surpresa, recebi ótimos comentários sobre você, eu fiquei assim, passada, pois eu nunca esperava isso de você". Então por que que eles nunca esperavam isso de mim? Porque eu nunca demonstrei puxar saco de professor nenhum. Eu não ficava lambendo ninguém, eu ficava no meu canto. A hora que eu via que eu podia mostrar minha capacidade, eu mostrava. Eu não fazia questão de mostrar todo momento, como outras pessoas da minha sala... sempre faziam questão de mostrar, né? Eu lembro que no meu último ano, a gente fez um trabalho e esse foi o trabalho que mais me marcou, foi o trabalho que... que me trouxe mais identificação que foi sobre o feminismo, né? E o grupo que eu participei a gente estava fazendo sobre feminismo e ninguém se importou em falar sobre feminismo negro e eu era a única negra do grupo e eu fui lá e fiz minha apresentação, falando só sobre o feminismo negro e eu lembro que ela falou pra mim, a menina que estava comigo. Ela falou assim: "Géssica, me desculpa, é muito hipócrita da minha parte falar sobre feminismo e esquecer o quão, o quanto vocês mulheres negras sofrem". E eu lembro que nesse dia eu fiz essa apresentação, falei sobre o quão importante o feminismo na sala, o quanto é importante o feminismo entre nós ali, porque a gente estava passando por um problema dentro da sala de aula em relação a isso e o professor que aplicou esse trabalho ele ficou assim: "Géssica, eu fiquei sem fala com você, eu não dava nada"... ele falou, ele falou..."eu não dava nada pra você e você me surpreendeu". E aí, no final desse mesmo dia, minha tutora virou pra mim e ela falou assim: "Géssica, todos os professores na sala... os professores estão falando de você, que você simplesmente surpreendeu eles". Então desde o primeiro ano até o terceiro ano tendo que surpreender eles, porque eles não deram nenhum mérito pra mim, eles sempre achavam que eu não ia dar em nada ou que eu ia dar trabalho ou porque eu chegava e não dava bom dia pra todo mundo, por que os professores... eu não sei... eu não sou assim... Eu não sou uma pessoa de dar sorriso pra todo mundo só porque as pessoas querem, eu não sou assim e os professores achavam que isso era um problema, né? Enquanto outros chegavam e abraçavam os professores, eu, não, eu ficava no meu canto esperando o meu momento de mostrar o que eu vim fazer ao mundo, né? Então eu tive vários momentos assim, mas o que mais me marcou era sempre essa fala "Géssica, eu não esperava isso de você e você me surpreendeu". Mas é a questão que fica é por que que não esperava? Eu nunca dei indícios de que eu não era capaz, eu inclusive sempre era uma das melhores alunas, mesmo ninguém aceitando, que eu era uma das melhores alunas. Eu era, né? Eu nunca fiz... eu nunca fui de esfregar na*

cara de ninguém, então as pessoas sempre se surpreendiam no final do bimestre a Géssica com 10, a Géssica com 9. Então eu sempre achava um jeito de calar a boca deles ficando quieta, então... o Culto à Ciência... meu irmão, por exemplo, quer estudar lá, então eu venho preparando ele desde o início, falando: "Daniel, faça o seu melhor, dê o seu melhor, mas não esfregue isso na cara de ninguém, porque isso não te faz melhor do que ninguém, isso só te faz igual a eles. É isso que eles querem da gente que a gente se iguale a eles. A gente não veio para se igualar porque a gente nunca foi aceito, né? A gente veio pra mostrar que a gente é capaz. E o Culto à Ciência, infelizmente, eu acho que é um lugar muito opressor de várias formas... de várias formas... desde racial até religião, eu acho que é um lugar muito opressor, porque é uma escola maçônica, né? E eu tive muitas experiências que eu... por exemplo, eu falo bastante com as pessoas que eu tenho amizade do Culto à Ciência... que eu particularmente apaguei toda a minha adolescência que eu tive no Culto à Ciência. Eu não tive experiências tão boas quanto eu gostaria de ter (Silva, G. 2020).

E continua lembrando de outra situação presenciada com um aluno negro:

Géssica: Até o último dia ele sofreu... até o último dia ele sofreu... até por parte dos amigos, a parte da direção, muitas vezes... ele teve um caso de um menino branco tinha levado droga pra dentro da escola e disseram que tinha sido ele, deu o maior auê... e a direção não queria aceitar que era um branco que tinha levado droga, eles queriam que a prisão deles fosse o V., e o V. não tinha nada a ver com isso. Então, eu tive muitas experiências ali onde eu só observava o quanto que a escola era hipócrita porque a escola prega método integral uma visão "Nossa a escola é perfeita, uau, todo mundo... diferenças... ok...vamos, cheguem". Mas, não. A realidade é totalmente diferente... (Silva, G. 2020).

Géssica continua as lembranças, agora narrando a experiência que viveu, lembrando de outro fato marcante na sua trajetória de aluna.

Géssica: Então o R. eu tive... eu tive muitos problemas com o R. Por que o R. era o típico branco progresso da escola, que todo mundo vai botar fê nele, né? Eu tive muito problema com ele no último ano, a gente era da mesma sala. Eu não suportava a voz daquele menino, porque ele sempre era a voz da verdade, da razão da sala e eu lembro que teve uma vez que a gente estava discutindo sobre o corpo da mulher e gordofobia e eu sou gorda e eu não tenho problema algum de assumir isso, né? E no Ensino Médio eu ainda tinha essa dificuldade de assumir e eu lembro que naquela época, eu e a Gabi, a gente tinha colocado a meta de emagrecer e ele tinha escutado essa conversa. E aí a gente estava lá no debate, e eu entrei no debate como forma de defender o corpo da mulher negra e gorda e ele virou para mim e ele falou assim: "Quem é você para falar alguma coisa? Você não quer emagrecer? Então por que que você quer defender o corpo da mulher gorda" e o professor que estava na sala deu risada. E eu fiquei assim... eu fiquei passada, porque esse mesmo professor, ele é o que pregava igualdade na escola, acho que você já deve saber quem que é... As pessoas achavam ele incrível, todo mundo achava a aula dele sensacional, a aula dele me trouxe muito conhecimento, mas me trouxe muito conhecimento porque a fala dele era sempre contrária às minhas ideias, então... eu digo que tudo o que as pessoas perguntam pra mim do Culto à Ciência eu falo "Olha, é um ótimo lugar para você aprender, mas depende da forma como você quer aprender, eu aprendi muitas das vezes chorando no meu canto, quieta e não recomendo isso, mas é um ótimo lugar para você aprender". É sempre essa a minha fala, porque o R. foi uma pessoa que eu tive muito problema, a M. F., também, era outra pessoa que eu tive muito problema, porque os professores viam [inaudível]... os professores já veem quem são os alunos capacitados para passar numa faculdade e quem não são. E eu sempre deixei claro, que eu não iria fazer faculdade, desde o primeiro ano. Eu sempre deixei claro que "se der, deu, se não der eu tenho minhas outras opções", tanto que hoje eu faço técnico de contabilidade por questões que eu preciso trabalhar e eu preciso... a minha rota de faculdade é totalmente diferente da M. F. e do R. que tem..., né? Eles sempre tiveram...

Eu não deixo de ser alguém...eu não deixei de ser alguém, não deixei de ter valor por ter uma faculdade e ainda mais porque eles duvidavam muito de mim, porque eu sempre disse que queria fazer medicina, então era bem assim...o R. sempre duvidou muito de mim, era bem angustiante estar na mesma sala que ele, infelizmente o D. que era uma pessoa que eu achava muito engraçada, ele também tinha umas atitudes que... ele me levava a questionar qual era o lado que ele estava, né? Porque... o R. era o gênio da sala, o R. era o que sabia tudo e para todos os professores era o menino prodígio e quando eu batia de frente com ele os professores acabavam ficando mais do lado dele do que do meu. Então eu sei bem... sei bem... o R. não gostava de pessoas que iam à ideia contrária dele. Eu lembro quando você saiu e quando a gente soube que você saiu muitas pessoas comemoraram, né? E eu lembro que eu fiquei bem chateada porque era uma representação lá na escola pra mim, e eu e a Gabi e a Andreza a gente chegou até a sentar e conversar sobre isso e a gente chegou a pensar: "Poxa, acho que a gente não deu o devido valor aquilo que nos representava, né?". Aí que leva a questão de o quanto que o negro influencia até nas nossas próprias ações, porque numa sala onde mais predomina branco, as vezes a gente se deixa levar pela...uma grande massa pra não ficar pra trás, né? E foi isso que aconteceu. Eu lembro da discussão que a gente teve, mas tipo, nas salas, por causa do N. e eu acabei ficando no meu canto apoiando ele ao invés de apoiar quem me... realmente... me representava, por medo de... já não era aceita, né? As pessoas já não aceitavam muito a mim porque eu tenho minha visão e essa é minha visão e eu não mudo por questões idiotas que era o que eles tinham lá. E quando você se sente ameaçada, muitas vezes você volta pra trás, né? E foi isso que eu fiz. Infelizmente. Eu me arrependo de muita coisa que eu me permiti passar no Culto à Ciência, por muitas coisas que eu permiti ouvir e não revidei. eu me arrependo, porém aprendi. Então...eu lembro quando você saiu e isso foi uma lição, por incrível que pareça, a sua saída deu um start assim na minha cabeça, na cabeça da Gabi e da Andreza, que a gente era muito unida, né? Então a gente sempre trocava ideia sobre isso, então eu lembro da sua saída e o quanto isso marcou pra gente. Porque era uma vez uma mulher negra que representava algo para nós ali, né? Porque a gente só vai ver negro agora na parte da faxina, cozinhando... e olhe lá ainda, porque tinha o Valdecir que era negro e ele acabou saindo... (Silva, G. 2020).

Finaliza falando sobre a visão que a escola deixou.

Géssica: *Não é... que o Culto à Ciência que... eu particularmente não gosto de falar do Culto à Ciência. Porque eu tinha um ideal de Ensino Médio, onde eu teria boas experiências, porque os meus pais quando eles contam " Ai, Géssica, na sua idade eu tinha um professor e isso...e isso...". Meu pai e minha mãe eles sempre lembram de bons momentos. Eu acho que o meu pai, principalmente por ser negro, ele teve muitas dificuldades, nesse... na adolescência dele... então, reflexo do que ele passou...Eu falo meu pai passou por isso e eu não vou passar e eu tento passar isso para o meu irmão também, que meu irmão ele tem o ideal de estudar no Culto à Ciência, onde eu até apoio, por conta da qualidade do ensino, mas eu sempre preparo ele a todo momento. Inclusive, no ano passado... eu ensino sempre para ele a história pelo lado negro, né? Eu sempre tento passar para ele isso. E no ano passado minha mãe foi numa reunião e a professora disse que ele, toda a vez que a professora está ensinando sobre a história, o lado branco, o Daniel corrigia. Então eu fico muito feliz... (Silva, G. 2020).*

Aqui ela relata um momento em que teve seu corpo hipersexualizado, demonstrando total consciência do que sofreu e não deixando que esta situação abale sua autoestima.

Géssica: *Pelo que eu passei no Culto à Ciência, eu consegui passar para o meu irmão algo positivo. Falo: "Dani, sabe essa história aqui? Então, não foi bem assim que aconteceu. Então, eu fico muito feliz de ver que ele tá crescendo, ele tá tomando consciência do que ele ocupa na sociedade, qual a importância da fala dele e quando chegar no Culto à Ciência, se assim ocorrer... por que a gente também tem outros planos para ele, mas o Culto à Ciência não é descartado, né? Eu espero que ele não passe pelo que eu passei e nem reproduza o que eu passei. Porque eu tive momentos*

e comentários de pessoas... de homens negros também... porque infelizmente o corpo da mulher negra é hipersexualizado e eu nunca era boa suficiente. De rosto... eu escutei isso na escola de um menino negro, ainda... ele falou assim para mim "Géssica, se colocar um sanito na sua cara, eu só vou..." então, assim, eu lembro muito bem que eu e a Gabi, quando a gente passava os meninos "zoavam" muito em relação ao nosso corpo, mas o nosso rosto nunca era aceito. Então, tinha professor que dava risada disso. Na hora do almoço porque eles... tinha professor que tinha esse tipo de coisa... "ah, na hora do almoço sou seu amigo e na sala de aula sou seu professor..." E aí, eu via o quanto que isso contradizia o que era dito na sala de aula e o que acontecia fora dela, né? Então, o Culto à Ciência, infelizmente foi uma das piores experiências que eu tive na escola em relação à sociedade, em relação ao conviver em sociedade... porque, tipo, passava nove horas numa escola e por muitas vezes eu quis sair dela, mas eu ficava: "Não, porque essa escola tem peso, porque aqui vale a pena". Inclusive meu primeiro emprego, os meus chefes lá... os filhos dele estudou no Culto à Ciência e foi uma coisa que chamou a atenção deles no meu currículo. O que a gente não suporta por um bom emprego? Por um bom... sucesso de carreira? Então eu lembro em ter sempre que estar resistindo, tem que estar sempre forte e era isso... inclusive os professores me conhecem por isso. A que era sempre fechada. E eu não sei se você viu, mas uma coisa que me marcou muito, que eu até chorei quando eu vi, o L., ele... ele não era respeitado por ninguém, né?... Acho que é isso que é ser negro em todo espaço, infelizmente a todo momento você tem que estar provando quem você é... infelizmente a todo momento você tem que mostrar a sua capacidade... eu senti muito isso no Culto à Ciência. Foi um ambiente muito, digamos... opressor. Eu aprendi muito sobre o que é ser negro, sobre feminismo lá. Reconheço isso e agradeço o ensino. Porém, não agradeço o que eu passei, não agradeço pelos comentários do D., que ele é o principal, ele gostava muito de fazer arruaça comigo. O principal deles era porque eu era evangélica, eu sou evangélica. E nunca me neguei, sempre usei saia, sempre mostrei qual era a minha fé e qual era a minha convicção, nunca tive vergonha disso e para ele isso era um incômodo. Porque eu nunca voltava pra trás e ele sempre provocava discussões em relações o que é Deus, o que é religião e eu sempre mostrava para ele a minha visão, se a gente quer falar sobre a história, a gente vai ter que falar sobre Bíblia e eu aceito isso e ele se surpreendia comigo sempre que a gente falava sobre Deus porque ele achava que eu ia doutrinar ele... a sala. E quando ele escutava minha fala, ele via que eu tinha mais maturidade que ele para discutir sobre religião. Eu consigo muitas vezes surpreender ele e isso é o que me traz trunfo hoje porque ele não dava nada para mim. Ele é uma das pessoas que eu, particularmente, quero, um dia, encontrar ele em um outro momento e falar: "Olha, tá vendo? Ó o que eu consegui, e você achou que eu não ia conseguir, porque ele sempre achou que eu não ia dar em nada e outra pessoa que não ia dar em nada e até eu me surpreendi era o A. E o menino tá bem... infelizmente os professores dizem que estão ali para nos preparar para o ensino para fora, para nos preparar para o mundo do trabalho, mas é mentira. É mentira... não foi isso, eles não me prepararam para o que é trabalhar, eles não me prepararam pra..."Tudo bem se você não passar na faculdade". Porque eles não sabem, né? Mas eu fui pré-aprovada na UFAL em 2018, e por questões de que naquele momento eu não podia ir, eu deixei passar. Eu fui pré-aprovada na UFAL em Medicina. E às vezes eu tenho até vontade de mandar... eles acharam que eu não ia conseguir... mas acho que... não compensa essa troca... (Silva, G. 2020).

As memórias narradas pela aluna **Géssica** são muito expressivas e trazem momentos marcantes de sua passagem pela escola, e também demonstram que o Colégio não deixou nenhuma lembrança afetiva para ela. São inúmeras as situações que a faz repudiar o estabelecimento, o processo de objetificação de seu corpo e da amiga. Nogueira (2021) fala em processos autodestrutivos do negro através da despersonalização de seus corpos.

Géssica: A revanche ela se dá com o tempo e eu estou vendo o quanto eu amadureci para estar tendo essa conversa, hoje, com você. Eu não teria há três anos atrás. Eu

não teria essa maturidade, para reconhecer o que eu passei e entender o que eu passei é errado. Mas quando eu olho pra trás e vejo: "Poxa, porque aquela pessoa teve um tratamento diferente do meu sendo que a gente é da mesma sala e tinha o mesmo nível de entendimento, mesmo nível de aprendizado... é ali que dou conta do tanto que... do quanto que aquela escola, ela é opressora. Por exemplo, a Nayara, não sei se a senhora lembra da Nayara?... Ela saiu da escola por conta... principalmente, por conta do desrespeito, né? No primeiro ano que ela começou a assumir os black dela e ninguém respeitava ela. Ninguém respeitava o que ela representava, os meninos faziam muita brincadeira em relação ao corpo dela. Eu lembro muito, muito, muito desses tipos... porque era... era sempre isso... infelizmente em relação, a nós, meninas negras. "Boa de corpo, feia de rosto"... Eu era... e eu, das minhas amigas, porque a Andreza, a Gabriela e a Luana tem os cabelos crespos, né? Então eu lembro muito que eles falavam comentários". Que era boa de corpo, feia de rosto e cabelo maleável". Porque meu cabelo era mais aceitado. Então, eu tive muitos momentos ali que eu pensei em sair da escola, por conta disso. Mas eu pensei "Não, não vou abaixar a cabeça pra isso, eu vim e vou resistir até o final". Resistir não foi fácil. Eu lembro que muitas vezes eu chorei de frustração, porque até mesmo a minha tutora não entendia. Ela chegava... ela já chegou até a falar pra minha mãe me colocar no psicólogo porque ela não me aguentava. Mas ela nunca entendeu o porquê da minha revolta. Ela nunca entendeu por que ela não é... ela não sofreu o que eu sofri, ela não passou pelo que eu passei. Então, olhar para a escola Culto à Ciência hoje e ver... por exemplo, eu vejo as postagens deles no Facebook e fico tipo "Nossa! Não é isso que acontece". (Silva, G. 2020).

Quando a aluna **Géssica** evoca essas lembranças/memórias do passado e as confronta com sua situação presente, percebo o quanto revivê-las trouxe uma consciência de sua identidade e de sua posição enquanto mulher negra, assim como percebi esse amadurecimento nos depoimentos da **Júlia**, da **Isabela**, da **Ana Paula** e da **Bárbara**. Ao contrário, da **Gabriela de Araújo** e da **Mayara**, não senti uma mudança e nem um amadurecimento. A aluna **Mayara**, em seu depoimento, não conseguiu se lembrar de nenhuma situação vivida ou presenciada de racismo, como bem coloca Bosi (1994, p. 21), “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia”. Ou seja, lembrar exige um trabalho de reflexão sobre o lembrado, o que talvez alguns alunos ainda não tenham noção da importância do que é ser negro nestes espaços. A **Letícia**, por exemplo, não se recorda de nenhuma situação explícita, segunda ela, que vivenciou ou presenciou na escola, mas tem lembranças com episódios vivenciados por ela e por outros alunos que trazem consciência do preconceito no interior da escola.

***Letícia:** Olha, o Culto, ele foi uma escola que, assim, eu não tenho muito o que reclamar dele. Mas, é nítido, né? Você olha pra trás, na sala de aula, e dá pra contar nos dedos os negros que têm. Isso não só no Culto, todo o meu histórico escolar sempre foi assim... Mas os queridinhos dos professores eram sempre as branquinhas, as magrinhas, os alunos de cabelo "bom", digamos assim... E eu não via nenhum negro, assim, parecia que era invisível. Sabe, aos olhos de quem não passa por isso, fala que é vitimismo, que é bobagem, mas eles nunca vão entender de fato o que a gente passa, né? E talvez ali naquele momento eu não tivesse maturidade pra entender que estava acontecendo, mas depois que os anos passam e você olha pra trás, você fala "Nossa, isso realmente aconteceu comigo". Entendeu? Então, é triste. E pensar que continua assim, os anos se passam e parece que melhora 1% e olha lá. Mas, no Culto à Ciência, graças a Deus eu nunca sofri, assim, um racismo direto. Mas sempre tem, né, aquela coisa, assim, incubada. Que nem a questão do "Você é preta, mas tem*

cabelo 'bom'. Ou quando eu mostro uma foto da minha mãe: "Mas por que que sua mãe é branca e você é negra?" Sabe? Isso é... coisas que... todo o meu histórico escolar eu sempre escutei isso. Passava a mão, "Nossa, mas o seu cabelo é 'bom'!", "Nossa, eu adoro gente da sua cor!". Sabe, então...

Rosângela: Como se fosse exótico, né?

Letícia: É, de outro mundo... E isso me chateava bastante. Acho que é essa a questão, do cabelo e questionar pelo fato de minha mãe ser branca e eu negra.

Rosângela: Isso te incomodava?

Letícia: Me incomodava porque era, tipo, "Como? Como, sua mãe é branca e você é negra?" Quase perguntando se eu era adotada. E toda vez, e o mais chato, que eu tinha que provar mostrando a foto do meu pai que era negro. "Ah, não, aí sim, né?" Mas a questão do meu cabelo ainda era um ponto de interrogação. "Como assim?", né... Então, é isso. Esse episódio que eu também vivi no Culto. Não só no Culto, em outras escolas... mas foi que assim eu vivi no Culto.

Rosângela: E hoje, você conseguiu? Você é resolvida com essa questão racial? Você... como você se vê hoje enquanto negra?

Letícia: Olha, eu amo a minha cor. Eu falo até... eu brinco, falo que eu queria ser até mais pretinha, né? Eu não tenho problema nenhum em relação a isso, sabe, e com tudo, né, a questão da maturidade, a idade vem... Mas também graças a educação que eu tive de professores, principalmente você, né, que foi uma representatividade muito grande, como eu havia falado. Eu só tive dois professores, mas um era substituto e ainda a sala tratava ele, assim, como um nada. Então, ter você ali em sala de aula, tocando nos assuntos que... os brancos, tipo, ficavam "Nossa, por que que ela tá falando isso?", né... Por fora não, mas você via que pra eles era irrelevante porque eles não passam por isso. Mas, hoje, sim, eu sou muito bem resolvida, mas o preconceito tá, e a gente sabe, eu enfrento ele no dia a dia... E eu costumo falar que, pra mim, não é tão pesado porque eu sou um padrão mais aceitável de negra, que é "a negra de pele clara do cabelo 'bom'". Então, "essa aí passa". É essa que a mídia procura, né? A negra com o cabelo, liso, o nariz não tão achatado... (Carvalho, 2020).

A aluna **Nayara**, neta do jardineiro da escola, teve uma outra percepção de ser negra naquele espaço, assim como o Cesarino que teve o pai trabalhando na escola como "bedel". Ele tinha vergonha do pai, mas aluna a tem uma postura diferente do Cesarino em relação ao seu avô.

Nayara: Bom, o meu avô trabalhava escola, acho que você chegou a conhecer. Ele tá com alguns problemas de saúde, mas tá bem. A gente tá cuidando bastante dele. Eu acho que chegar como uma aluna que era neta de um jardineiro, vamos assim por dizer, negro, eu era pobre. Acho que as pessoas já não me olhavam de... do jeito que tinham que me olhar, sabe? Tinha aquela diferenciação. Eu já senti muito preconceito principalmente da Vice-Diretora, antes. Ela tinha uma forma de tratar os alunos de cor um pouco diferente. Eu já reparei nisso. Até na forma que ela tratava o meu avô, eu achava muito diferente do jeito que ela tratava qualquer outra pessoa de... qualquer outra pessoa branca, vamos assim por dizer. Eu acho que era um lugar onde nós éramos muito minoria ainda. Por mais que tivesse bastante (muito entre aspas), "bastante" alunos negros, a gente não tinha uma certa representatividade, não tinha um espaço pra conversa, entende? Ninguém chegava e falava "Vamos contar a história dos negros", "Vamos falar sobre a África hoje". Ninguém falava da nossa origem. Deixa eu ver, que mais coisas que eu passei lá dentro? Ah, eu me sentia excluída, na maioria do tempo, também. Mesmo sendo uma aluna... que conversava, uma aluna que tentava socializar com todo mundo, ainda tinha essa diferença na forma de tratamento.

Rosângela: E você sentia com os outros... com os colegas, assim, com outros alunos, entre colegas... Você sentia algum preconceito com outros colegas também?

Nayara: Não, colegas, ainda bem, eu não tive nenhum problema. Eu entrei numa sala, eu estudei no Culto à Ciência no 1o ano, no 2o eu tive que sair. Por problemas em casa e tudo mais, eu não tinha como me locomover, eu morava muito longe do colégio. Mas eu voltei no 3o ano. E todas as salas que eu estudei, com os meus colegas, ali no

meu grupo, pelo menos, eu não tinha sentia o racismo. Eles não tinham diferença de cor ou ficavam jogando piadinhas. Muito pelo contrário, a gente sentava e ficava conversando. Tanto é que eu tinha... eu tenho, tinha amigos negros nesse meio e a gente conversava muito essa questão.

Rosângela: *Mas você sentia que com o professor, em relação aos alunos negros, era difícil o relacionamento?*

Nayara: *Sim, os professores, o pessoal da Direção também. E outros alunos de outras salas. Mas eu não cheguei a socializar com eles, mas a forma de olhar, a forma de conversar às vezes já era um pouco mais diferente.*

Rosângela: *Certo. E você acha que se tivesse mais professores negros esse relacionamento, essa convivência seria melhor?*

Nayara: *Com certeza. Com toda certeza. Teria uma conversa, teria alguém com quem você poderia desabafar, uma pessoa que passasse pelos mesmos problemas, alguém que te entenderia. Porque, sinceramente, eu estava cansada de estudar um pouco no Culto, por mais que a escola fosse muito boa porque ela era muito... muito elitizada ainda. Era muita gente branca, muita gente com dinheiro, muita gente que achava que os problemas lá de fora não os afetavam, não existiam. Que a gente... tem gente até hoje que esquece que o racismo ainda tá presente todos os dias na nossa vida (Silva, N. 2020).*

Percebe-se uma maturidade e consciência em relação à sua identidade e pertencimento no relato da Nayara. Ao fazer uma autoanálise, percebo que eu não tinha essa noção de pertencimento e identidade durante minha trajetória escolar. Me sentia uma estrangeira em um universo que achava não fazer parte, por isso a fala de querer me tornar “gente” quando crescesse. Hoje, analisando os estudantes e suas memórias sobre o período, percebo que existe uma certa consciência e uma atitude proativa diante do processo de amadurecimento e sabem da importância da representatividade negra nos espaços educacionais.

O aluno **Pedro** tem consciência deste pertencimento, principalmente quando traz, em seu relato, experiência vividas no Colégio Culto à Ciência.

Rosângela: *Você lembra de algum episódio... Assim, como foi sua trajetória na escola, né? Você lembra de algum episódio, de algum, de alguma coisa, de alguma situação específica que te marcou ou que você vivenciou, que você presenciou?*

Pedro: *Sim. É porque eles acreditam que a gente não possui potencial, sabe? Eu acreditava sempre nisso, que eles olhavam pra mim com olhar de inferioridade. Mesmo eu tentando me esforçar muito. Sabe? E mesmo buscando ser um aluno de destaque, um aluno de potencial, me esforçando para conseguir boas notas. Eu sempre que... Eu sempre era tirado do jogo das coisas que eram vistas e publicadas pelo colégio. E as oportunidades de pesquisa em... sim, eu senti, sabe? A questão também de me sentir como poucos. Eu acho que... eu acredito que o Culto, ele era muito embranquecido, sabe? Tinha poucas pessoas. E eu percebo isso porque minha mãe se esforçou muito pra me colocar lá e me manter lá.*

Rosângela: *E a sua relação com os outros alunos, como era?*

Pedro: *Eu não tinha muito contato com a maioria deles. Era um ou outro que eu me sentia mais à vontade. Por exemplo, o V., eu me sentia muito à vontade com o V. Eu conseguia me expressar muito com ele. Mas com os demais... é porque eles não viviam a mesma realidade que eu vivia, aí eu não conseguia conversar das coisas que eu passava com qualquer pessoa, que eles não iam me entender.*

Rosângela: *E algum outro aluno além do V., sem ser um aluno negro, você tinha algum contato?*

Pedro: *Olha, eu tinha algum contato com o E. no primeiro ano. Mas depois eu me senti meio que solitário, assim, depois que o E. foi. Assim, de amigos que eu tinha mesmo, com quem eu podia me expressar era o V., o F. também... A Luana, sabe a Luana, negra? (...) Primeiro ano... que eu tive realmente um impacto quando eu entrei*

na sala. Porque eu vi uma pessoa de referência pra mim, sabe? Um referencial. Uma coisa que eu nunca tinha visto em todos os meus anos de escola, desde o primeiro do Fundamental ao nono do Fundamental 2... eu nunca tinha visto uma professora com quem eu me identificava e que parecia comigo, sabe? Ai eu tive esse impacto no primeiro ano, na primeira aula. Eu acho que o V. também teve. A gente ficou comentou, sabe? E a gente se sentia à vontade também na sua aula.

Rosângela: E como... E em relação, assim, aos funcionários...

Pedro: Aos funcionários? Ah, eu sempre tive uma relação muito boa com alguns funcionários. Mas tinha alguns funcionários da direção que eu não tinha um bom contato. É que, eu não sei, eu não sei o que acontecia ou se me viam de uma forma diferente..., mas só que eu não me sentia muito aceito, sabe? A realidade é uma só, eu não me sentia muito aceito. Mas só que, com o passar do tempo, foi muito interessante porque eu fazia um curso, um curso preparatório para entra no colégio técnico. Ai de repente me chamaram, chamou eu, na Unicamp, no primeiro ano, eu lembro... A Unicamp chamou eu e o E. Os professores, ou eles mesmos que tinha lá avaliado que eu e o E. éramos os melhores alunos da escola.

Pedro: No primeiro ano. Ai eles convidaram a gente para participar de um projeto, que era o CAF⁵⁰, era isso mesmo, Ciência e Artes nas férias. Ai eu me senti profundamente feliz, sabe? Mas, num momento assim, era só uma vaga. E eu fiquei com aquela preocupação "Será que eu vou ser chamado?" Mas eu achava que o E. era muito mais merecedor que eu.

Rosângela: Por quê?

Pedro: É porque eu via um exemplo nele de... de esforço. Maior do que eu meu, sabe? Eu sei que ele não vivia a mesma realidade do que a minha. Mas eu me sentia muito defasado, antes da amizade com o Eduardo. E com ele, ele foi me ensinando muita coisa. Ele realmente foi um grande amigo pra mim. Ele me ajudou em muita coisa, principalmente...

O engraçado é que... eu realmente me sentia invisibilizado no colégio. Mas nos momentos, quando saíam as notas, eu via que tinha grande repúdio, sabe? Porque eu conseguia tirar notas de destaque, sabe? E eu percebia, ao redor, incômodos dos demais. Mas eu nunca entendi muito bem o incômodo. Por que eles tinham incômodo? Isso era simplesmente esforço. Esforço. Era esforço. Sabe, renunciar a noites estudando. A vida é uma só, sabe? Não tem como sem esforço (Barborana, 2020).

A tomada de consciência das experiências vivenciadas, das sutilezas e armadilhas que o racismo, depende muito do grau de maturidade do indivíduo. Num contexto da escola, especificamente em sala de aula, tudo se torna ainda mais difícil. Principalmente se o aluno não foi introduzido num letramento racial. Esta postura pode ser observada com o estudante **Thiago**, que não percebia as sutilezas ou sofisticacões que o racismo o atravessava. Se declara um aluno “bagunceiro”, que não gostava de estudar. Perguntado se vivenciou alguma situação de discriminação e preconceito, o aluno não soube responder.

Rosângela: Ah, é isso, Thiago, você tem mais alguma coisa pra me contar?

Thiago: Ah, em relação a isso... acho que não. Igual eu falei, eu não conseguia ver muita coisa. Assim, sabe, igual você fala às vezes "Tá no cotidiano, às vezes quem tá fazendo e quem tá sofrendo não percebe", mas assim, agora que eu lembro, foi só essas... As professoras, quando eu fui mandado pra fora. Em relação, tipo, à D., eu não conversei muito com ela. Sempre eu achei ela meio que arrogante. Eu não sei se era só comigo, mas, tipo, meio que arrogante. Não me sentia muito com liberdade

⁵⁰ CAF é a sigla para Ciências e Artes nas Férias. O CAF é realizado anualmente, durante o mês de janeiro, e tem como objetivo despertar jovens talentos para a pesquisa científica e atividades artísticas e envolvê-los, desde cedo, em atividades práticas em que haja contato com os desafios atuais da ciência, a metodologia do trabalho científico, o ambiente humano dos laboratórios de pesquisa e as diferentes formas de expressão artística, sob orientação de professores e pesquisadores da Unicamp.

pra conversar assim com ela. Da Direção, acho que com quem eu mais conversei mais ou menos eu acho que foi com o G. mesmo. Só no último, que era integral. Eu acho que foi. Os professores que eu mais conversava lá, que eu tenho carinho até hoje, é a M. (...) Você acredita na gente. Porque na época eu não via. Nossa, às vezes... eu acho que eu até já xinguei já alguma vez você... "Nossa, ela tá pegando no meu pé e nem é minha professora, sei lá o quê". Ai, depois você começa a pensar, né? Olha, igual eu falei, tipo... eu estudei a vida inteira em escola de bairro, escola pequenininha. Ai quando eu fui pra lá, tipo, não conhecia nada, foi um baque, porque, querendo ou não, é escola grande, tem gente de muitos lugares diferentes. Ai o começo, tipo... quando você me conheceu eu era meio... não bagunceiro, mas, tipo, não queria saber de nada, não queria estudar... (Silva, T. 2020).

O aluno **Thiago**, no momento de relembrar as vivências no interior da escola se coloca como um aluno “bagunceiro”, que não sabia da grandiosidade da instituição, vindo de bairro periférico e sofrendo um impacto ao se deparar com uma escola que tem uma representatividade na comunidade educacional da cidade de Campinas. O aluno não tem a noção do espaço que está inserido, não se sentindo representado e achando que todos os professores o estão perseguindo. Podemos levantar algumas hipóteses do comportamento apresentado pelo estudante, como: Por que este não se sente representado neste espaço? Por que este já se julga um aluno bagunceiro e perseguido pelos professores?

O estranhamento apresentado pelo aluno faz parte de um sofisticado dispositivo de não pertencimento aquele espaço. Os corpos negros não foram submetidos a espaços da branquitude, fazendo o aluno se sentir um estrangeiro num espaço onde deveria se sentir pertencente. Segundo Souza (2021, p. 121), “o estrangeiro é o outro do familiar, o estranho: o outro do conhecido, o desconhecido: o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte”.

Finalizar este capítulo, revivendo as histórias e memórias minhas e dos estudantes foi um processo de catártico, libertário tanto para mim quanto para os estudantes. Foram horas de conversas em que revivemos momentos de nosso processo de escolarização marcados pela invisibilidade de nossos corpos, ou mesmo quando estes foram visíveis, estiveram confinados a um lugar de depreciação e adoecimento. Como destaca Fonseca (*apud* Evaristo, 2017, p. 191), “as memórias subterrâneas, ao emergirem em espaços delineados pelo poder da escrita, rasuram a cena dos grandes feitos e permitem a composição de outras histórias nascidas”.

Nossas histórias submergiram do subterrâneo de nossas lembranças, se encontram e fortaleceram os laços de pertencimento. Durante muito tempo, fomos silenciadas e silenciados, tidos como os marginalizados no espaço de formação da identidade e cidadania. Romper com esse silenciamento e trazer essas histórias é um processo de amadurecimento do ser negra, demonstrando o quão é importante dar voz aos estudantes para que, por meio deles, outras situações possam ser evitadas.

Imagem 18 - A autora com Isabela Ferreira de Oliveira



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 19 - Ana Paula Félix



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 20 - Mayara Christine Salgado Silva



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 21 - Pedro Luiz Barborana



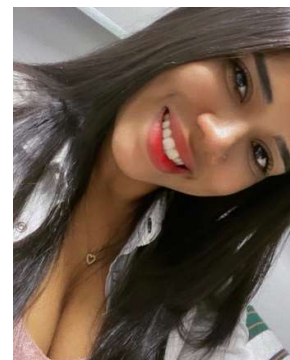
Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 22 - Gabriela Luciana Joaquim



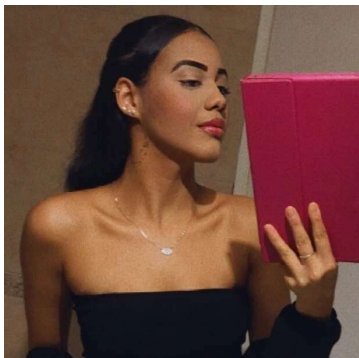
Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 23 - Gabriela de Araújo Rodrigues



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 24 - Bárbara Santana Rodrigues



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 25 - Letícia de P. Carvalho



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 26 - Nayara Giovana Silva



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 27 - Júlia Lavagnini Maia



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 28 - Jordan Pacheco Coutinho



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 29 - Thiago Matheus M. S. Z. Silva



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 30 - Géssica Teutônio da Silva



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 31 - Moláyô Òkòtó (Andreza Ribeiro Amorim)



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 32 - Luana Modesto de Souza



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 33 - Luana Modesto de Souza, a autora e Gabriela Luciana Joaquim



Fonte: Acervo pessoal (2020)

6. CONCLUSÃO

O conhecimento não é a coisa principal, mas as ações.

Provérbio Africano⁵¹

Chegar ao final desta tese não significa terminar um processo, mas, sim, concluir uma fase que teve um início com muita dor e solidão. Meu processo de doutoramento foi marcado, como toda minha história, por muita angústia e sofrimento. Passei por um período de dúvida sobre se minha capacidade de escrita, sabia que queria estar neste espaço, mas até então não tinha consciência de que seria atravessada por uma orientação tóxica e perversa, que quase me levou ao trancamento do curso.

As histórias narradas aqui são fruto de um processo de escuta e compartilhamento de vivências e experiências que têm como cenário o ambiente escolar, mais especificamente, uma escola pública que ainda não aprendeu a conviver com os corpos negros. Trouxe as experiências de três gerações que tiveram este espaço, o Colégio Culto à Ciência, como cenário de episódios marcadamente racializados, deixando memórias subterrâneas que afloraram aos serem provocadas.

Durante muitos anos, os ditos “marginalizados” e conhecidos como “minorias” foram silenciados, dar voz e vez a esta população escolar foi o objetivo que me levou a construir esta tese. Revisitar suas histórias através das narrativas fez com que estes estudantes “esquecidos” e invisibilizados neste espaço ganhassem voz e vez. As histórias foram narradas e compartilhadas individualmente, mas fizeram coro nas situações de preconceitos vivenciadas pelos sujeitos.

Desde Antônio Ferreira Cesarino Junior, passando pela minha experiência de aluna e posteriormente de professora, chegando aos estudantes, posso descrever os vários momentos em que as nossas vivências são convergentes demonstrando que os espaços de educação não sofreram nenhuma ou pouca alteração no que diz respeito a lidar com as diferenças. A educação é o caminho mais clássico para lutarmos contra todos os tipos de preconceitos, porque é através dela que se formam indivíduos preconceituosos, racistas, sexistas, machistas, homofóbicos e misóginos.

⁵¹ Pensamento (2023).

Somente a Educação, quando levada com seriedade e praticada numa perspectiva de valorização dos sujeitos, pode desconstruir e reconstruir os monstros que foram criados através dela. O que se coloca em pauta é: qual tipo de educação poderemos construir? Uma educação inclusiva, que valorize nossa ancestralidade e nossas histórias, uma educação que não nos puna pelo fato de nos considerar “diferentes”.

Com certeza não é uma educação pautada num único modelo eurocêntrico e de valores colonialistas que dominou e ainda vem dominando a educação tradicional dos jovens brasileiros, mas uma educação antirracista e multicultural que una todas as raízes formadoras da sociedade brasileira; uma educação que traga as histórias e culturas dos nossos ancestrais, desde os povos originários até os povos escravizados, assim como asiáticos e europeus que aqui viveram e vivem, celebrando o encontro da diversidade na construção do nosso país.

Por isso optei por compartilhar estas narrativas, demonstrando que, somente quando mergulharmos em nossas dores, conhecemos nosso passado poderemos recontar nossa história e mudar as relações que estão estabelecidas nos espaços escolares. Muitas vezes as pessoas negras, pretas e pardas, podem sofrer discriminação sem ter consciência. Foi o que aconteceu com alguns dos entrevistados que só perceberam o que aconteceu com eles em sua passagem pela escola, quando já não estavam mais neste espaço. Também pode ocorrer de pessoas brancas discriminarem pessoas negras sem ter consciência de ter praticado o racismo, foi o que ocorreu comigo quando fui apelidada pelos meus professores de “Miss Alemanha” e “Loirinha”.

O racismo brasileiro se constitui num verdadeiro crime, onde as vítimas são silenciadas. Com a introdução das políticas de ações afirmativas e legislação como a Lei 10.639/03 tivemos muitos avanços, no entanto só as leis não resolvem a questão. Atitudes ainda introjetadas por muitos educadores, não verbalizadas, estão presentes no interior da escola, por isso a dificuldade que se tem para começarem um trabalho. Muitas crianças não têm um diálogo em casa, por falta de conhecimento dos pais ou omissão mesmo. Quando chegam à instituição escolar, muitos professores também silenciam por falta de uma formação na educação antirracista, iniciando um longo processo de alienação e hierarquização de acordo com os interesses e a cor da pele. Como romper este paradoxo?

É importante fazer com que a Escola como instituição possa assumir essa lacuna que deixou em virtude de uma suposta “democracia racial” e inicie um processo de transformação e formação, construindo uma educação cidadã e antirracista na defesa de uma educação que valorize a diversidade (histórica e cultural), visando todas as formas de comunicação intercultural, corrigindo as desigualdades que há décadas vêm atravessando nossos estudantes.

O racismo não foi criado por nós, negros e negras, nossos corpos foram racializados, é um fenômeno complexo que compreende quase todos os continentes e precisa ser desconstruído levando em consideração a diversidade existente em nossas escolas, valorizando esta riqueza coletiva presente na nossa formação. O engajamento intelectual e a tomada de consciência coletiva dos que promovem uma educação antirracista é a base para uma mudança de paradigma no processo de eliminação do racismo em nossas escolas.

Chego ao fim deste trabalho acreditando que ser professora negra neste país significa romper muitas barreiras. Ser professora negra, com formação universitária numa sociedade onde a grande maioria dos negros não conseguem ter sequer concluído o ensino médio e ocupa funções de baixa remuneração representa uma forma de resistência. Resistência esta que não é individual, foram longas caminhadas para se chegar até aqui. Enfrentamentos e batalhas ocorreram para que a população negra pudesse frequentar o espaço escolar, silenciamentos, brigas, esforços de mulheres, homens, jovens, famílias negras para possibilitar o acesso, a permanência e a terminalidade de seus filhos e filhas.

Não podemos perder isso de vista, são muitas gerações que não tiveram acesso e nem direito de sonhar em entrar numa universidade. Mesmo diante de muito esforço pessoal, investimentos foram fundamentais nesse processo para provar inteligência, capacidade, sendo os resultados frutos de um percurso de uma luta coletiva que está apenas no começo. Temos ainda um longo caminho a percorrer.

A despeito de todas as discriminações sofridas por nós negros e negras, é preciso denunciá-las insistentemente, compreendo que fugir ao destino do “lugar do negro” muitas vezes pode significar romper com os padrões não só socioeconômicos, mas com os padrões de negro subjugado. Fugir ao destino pode também representar a reconstituição de territórios negros em espaços que antes só foram ocupados por brancos, como a escola. Fugir ao destino poderá ser assumir uma luta contra a opressão de pessoas humilhadas pelo racismo, fugir ao destino pode ser tão somente não seguir a profissão da mãe e irmãs, não ser doméstica; fugir ao destino pode ser negro e sobrevivente.

Assim, como os negros escravizados ou libertos forçaram a ocupação de espaços sociais no passado, também acredito na possibilidade, hoje, de resistência pela ocupação de diversos espaços na sociedade, principalmente daqueles que durante muito tempo não eram vistos como “lugar de negro”: postos de poder, profissões variadas, movimentos sociais, estratos sociais com maior poder aquisitivo, entre outros. Assim como aconteceu com o Professor Cesarino Junior, que superou as adversidades conquistou seu espaço mesmo contra tudo e todos, assim

como eu mesma busquei e ainda busco conquistar meu espaço, vejo que a grande maioria dos estudantes entrevistados conquistaram seus espaços, rompendo barreiras.

Ocupar os espaços significa não só contestar os estereótipos do negro incapaz, mas romper paulatinamente com o isolamento, com o apartheid social imposto pela branquitude colonialista e patriarcal. Significa dar visibilidade para um setor da população brasileira, que representa mais da metade da população, que, muitas vezes, se constituiu como estrangeira em terras há muitos por eles ocupadas.

Mesmo que muitos professores ainda não se posicionem frontalmente contra o racismo em suas atividades docentes, não vejo isso como retrocesso, mas como demonstração de como as relações raciais ainda são (in)compreendidas nas escolas. E estas ainda estão condicionadas com as suas vivências, associadas às diferentes formas de pensar o racismo no Brasil. Significa ainda a necessidade de ampliação do debate sobre as relações raciais, para que as pessoas tenham oportunidade de refletir melhor sobre nossa realidade social e política. Significa, igualmente, a urgência de efetivação de políticas públicas de formação de professores focadas na questão racial.

BIBLIOGRAFIA

1A. **Ungubani**. Africa's Online Magazine, 2023. Disponível em: <https://www.1africa.tv/ungubani/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ADINKRA SYMBOLS AND MEANING. **Nea onnim**. Adinkrasymbols.org, 2023. Disponível em: <https://www.adinkrasymbols.org/symbols/nea-onnim/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

AMORIM, Andreza Ribeiro. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 20:18). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ANGELOU, Maya. **Poesia Completa**; tradução de Lubi Prates. Bauru, SP: Astral Cultural, 2020.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. *In*: EXILIUM, R. Institucional. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 209, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/14651>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil).

BACELLAR, Carlos de A. P. Fontes documentais uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-80.

BARBORANA, Pedro Luiz. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 48:02). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BARBOSA, Irene Maria F. **Enfrentando Preconceitos: um estudo da escola como estratégia de superação de desigualdades**. Campinas: CMU – UNICAMP, 1997.

_____. **Socialização e relações raciais: um estudo de família negra em Campinas**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO NEWS (Jornal Eletrônico da EMEF Prof. José Bento de Assis). **Biografia do Professor José Bento de Assis**. Blogspot, 20 ago. 2010. Disponível em: <https://jbnews-bentonews.blogspot.com/2010/08/biografia-professor-jose-bento-de-assis.html?m=1>. Acesso em: 15 out. 23.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P., PASSERON, I. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. Disponível em: http://cultoaciencia.net/pag_monografia.htm. Acesso em: 14 fev. 2021.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, Art. 138**. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10617640/artigo-138-da-constituicao-federal-de-16-de-julho-de-1934/legislacao>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 8659, de 05 de abril de 1911**. Approva a lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 3983. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8659-5-abril-1911-517247-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMARGO, Munir Abboud Pompêo de. **Escolas do segundo império: arquitetura escolar e grupo mandatário em Campinas do século XIX**. Campinas, Ofício Terrestres Edições, 2021.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARDONE, M. A.; CESARINO JÚNIOR, A. F. **Professor Cesarino: o anticonformista**. [S.l.: s.n.], 2017 (Monografia, livro).

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo, Planeta, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo da racialidade: a construção do outro como não ser fundamento do ser**. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Coleção Consciência em Debate). (Coordenação de Vera Lúcia Benedito).

CARVALHO, Leticia de P. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 31:07). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CASON, Silvia Regina. **Os lentes catedráticos e professor do Ginásio da Campinas/SP atual EE Culto à Ciência – trajetórias e obras (1896-1942)**. Campinas, 2019. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COUTINHO, Jordan Pacheco. Entrevista [Fevereiro. 2020] Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Vídeo (50:00). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYYm5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. Tradução: Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Símbolos Adinkra**. Dicionariodesimbolos.com, 2023. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>. Acesso em: 15 out. 2023.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Infraconsciente**. Di (Dicionário inFormal), 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/infraconsciente>. Acesso em: 15 out. 2023.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

ERMEL, T. F.; BASTOS, M. H. C. **Ingresso Ao Ginásio: Os Manuais De Preparação Ao Exame De Admissão (1950 - 1970)**. VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Mai-Jun 2012. ISSN 2236-7977. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/2559>. Acesso em: 14 fev. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERGIE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.). **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, Pontes Editores, 2015.

_____. **Racismo no Brasil? É coisa da sua cabeça: histórias de racismo e empoderamento no ambiente familiar, escolar e nas relações sociais**. Ponta Grossa, Editora Estúdio Texto, 2017.

FERREIRA, G.; QUEIROZ, M. **A trajetória da Teoria Crítica da Raça: história, conceitos e reflexões para pensar o Brasil**. Teoria Jurídica Contemporânea, 3(1), 201-229, DOI, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21875/tjc.v3i1.18291>. Acesso em: 15 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 61ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

GOMES, F.; LAURIANO, J.; SCHWARCZ, L. M. **Enciclopédia negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GOMES, Nilma Lino Gomes. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminino Afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. (Organizadoras: Flávia Rios e Márcia Lima).

GONZALEZ, L.; RATTIS, A.; RIOS, F. M. **Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro Edições (Grupo editorial Summus), 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Olhares negros: raça e representatividade**. São Paulo: Elefante, 2019.

JOAQUIM, G. L.; SOUZA, L. M. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 37:32). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYYm5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

JORNAL DA USP. **Precursor do direito do trabalho no Brasil e na USP ganha biografia**. Universidade de São Paulo, 29 mai. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/precursor-do-direito-do-trabalho-no-brasil-e-na-usp-ganha-biografia>. Acesso em: 31 jan. 2021.

KABENGELE, Daniela do Carmo. **A trajetória do “pardo” Antônio Ferreira Cesarino (1808-1892) e o trânsito das mercês**. Campinas, 2012. Tese de Doutorado, defendida junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**. Jan./Fev./Mar./Abr., 2002, n. 19, p. 20-28.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. **A História Nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

MAIA, Júlia Lavagnini. Entrevista [Fevereiro. 2020] Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Vídeo (28:05). Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYYm5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

MEU DICIONÁRIO. **Anticonformista**. Meudicionario.org, 2021. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/anticonformista>. Acesso em: 31 jan. 2021.

MUNANGA, Kabenguele. As facetas de um racismo silenciado. In: SHWARCZ, Lilian Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (org.) **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 213-229.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e identidades).

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidade)

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **A Cor da Escola: imagens da Primeira República**. Cuiabá: EdUFMT, Ed. Entrelinhas, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. **Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A Cor do Inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo, Perspectiva, 2021.

NUNES, Larissa Soares; PAULA, Luciane de; BERTOLASSI, Thiago e FARIA NETO, Antônio. **A análise da narrativa como instrumento para Pesquisas qualitativas**. Revista Ciências Exatas; v. 23, n. 1, ano 2017, p. 9 -17.

OLIVEIRA, Isabela Ferreira de. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 26:51). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYYm5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PAULA, Carlos. **Francisco. Monografia histórica do colégio culto à ciência (1946)**. Fonte: http://www.cultoaciencia.net/pag_monografia.htm. Acesso em 18 mar. 2021.

PENSADOR. **Provérbio africano**. Pensador.com, 2023. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/proverbio_africano/. Acesso em: 15 out. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimentos e Ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004, p. 221 a 236.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. *In*: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

PREFEITURA DA CIDADE DE CAMPINAS. **Plano Diretor 2006**. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/planodiretor2006/pdfinal/cap1.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.

PREFEITURA DE MARÍLIA. **Histórico**. Turismo de Marília, 2023. Disponível em: <https://turismo.marilia.sp.gov.br/-historico/#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20da%20coloniza%C3%A7%C3%A3o%20do,in%C3%ADcio%20%C3%A0%20ocupa%C3%A7%C3%A3o%20da%20%C3%A1rea>. Acesso em: 15 out. 2023.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"**. Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. Tradução. São Paulo: Vértice, 1988. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1798>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROCHA, Simone. A educação como projeto de melhoramento racial: uma análise do art. 138 da Constituição de 1934. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 61-73, jan./abr., 2018.

RODRIGUES, Bárbara Santana. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 38:06).

RODRIGUES, Gabriela de Araújo. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 30:55).

SANTOS, Ana Paula Félix dos. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 29:30). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2020). **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. *In*: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004, p. 37 a 58.

SGARBOSA, Livia. **O Colégio São Benedito e a escolarização da população negra em Campinas-SP no início do século XX**. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2018.

SILVA, Gêssica Teutônio da. Entrevista [Fevereiro. 2020] Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Vídeo (1:02:47). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, Lulia Queiroz. **Caderno do educador(a): história**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010. (Programa Escola Ativa)

SILVA, Mayara Cristine Salgado. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 37:49). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, Nayara Giovana. Entrevista [Fevereiro. 2020] Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Vídeo (36:09). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, Thiago Monteiro de Souza Zeferino da. Entrevista [Janeiro. 2020]. Entrevistadora: Rosângela Cristina Gonçalves. Campinas, 2020. Mp4 (Duração: 27:54). Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/10a1pMIufdaBPRDTbLKYym5BtDYnACEeD>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SYMBOLIKON. **Nkonsonkonson**. Symbolikon.com, 2023. Disponível em: <https://symbolikon.com/downloads/nkonsonkonson-adinkra/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

VIEIRA, Kauê. Dreadlocks: **Estilo, Negritude e História reunidos em um penteado milenar**. Portal Geledés, 3 ago. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dreadlocks-estilo-negritude-e-historia-reunidos-em-um-penteado-milenar/>. Acesso em 19 jun. 2023.

WIKI DIVERSIDADES. **Identidade de gênero**. Fandom, 11 dez. 2023. Disponível em: https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Identidade_de_g%C3%AAnero. Acesso em: 11 dez. 2023.

WIKIPÉDIA. **André João Antonil**. Wikimedia, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Jo%C3%A3o_Antonil#cite_note-Delta2-5. Acesso em: 15 out. 2023.

WIKIPÉDIA. **Marília**. Wikimedia, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mar%C3%ADlia#Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 15 out. 2023.

ANEXOS

Imagem 34 - Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 4º ano (entre eles, Antônio Ferreira Cesarino Junior)

GYMNASIO DO ESTADO EM CAMPINAS											
4º ANNO											
NOMES	PORTUGUEZ	FRANCEZ	Inglês	Algebra	Latin	Grego	ALGEBRA	GEOM. TRIGON.	Hist. Univer.	DESENHO	Observações
Alda de Sousa Pereira	8,15	7,75	8,50	9,0	7,43	5,10	7,80	8,1	10		
Blenda Linnea Enge	8,15	7,75	7,18	7,97	4,63	8,8	5,24	5,02	7	9	
Josephina Rovere	9,0	8,87	7,21	7,65	4,12	2,1	6,20	4,19	8,3	9	
Maria Esther Soares Bicudo	4,06	5,97	5,87	7	2,13	5,4	5,72	4,51	5,5	7	
Zuleika Oliveira	8,0	8,36	7,97	6,82	2,6	7,9	5,70	4,68	5,6	10	
Alvaro Marcilio	4,75	5,21	5,74	3,77	4	5,7	1,1	5	5	10	
Antonio Ferreira Cesarino Junior	7,5	7,21	7,54	7,11	7	8,8	7,12	7,21	8,6	10	
Clemente Vieira de Alvarenga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Eliminado. 17-8-1921
Decio de Aguiar Sousa	6,8	6,88	6,57	6,35	4,89	9	2,77	2,19	6,3	10	
José Ferraz do Amaral	5,5	5,47	5,43	4,19	2,5	5,4	5,10	4,29	6,5	9	
Mario Ferraz Brochado	7,75	6,94	7,70	8,87	6,22	7,4	7,08	7,70	8	9	
Odilon de Araujo Grellet	8,5	7,62	7,12	8,84	5,82	6,7	7,74	7,70	8	10	
Oswaldo Ribeiro Franco	7,62	6,77	7,12	8,36	5,82	5,3	7,11	7,90	8	9	
Omar de Assis	8,0	6,77	7,63	8,75	8	8,2	6,77	7,15	8,5	9	
Paschoalino Nucci	4,50	4,7	5,39	4,33	3,87	4,7	2,17	4,86	6	9	x 4
Pedro Antonio Pierro	4,94	4,32	4,95	8,01	3,62	4,6	6,10	6,29	6,1	10	
Sildo Pereira da Silva	6,5	6,87	7,50	6,04	4,25	5,8	6,21	5,37	7,8	9	

Matriculados	17
Aprovados	15
Aprovados em 1 materia	0
Eliminado	1
	<hr/>
	17

Fonte: Livro de registros mantido no Memorial da EE Culto à Ciência (1922)

Imagem 35 - Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 5º ano (entre eles, Antônio Ferreira Cesarino Junior)

GYMNASIO DO ESTADO EM CAMPINAS										
5º ANNO										
NOMES	Literatura	INOLEZ	Alemão	LATIM	Grego	MECH. ASTRON.	Phys. e Chim.	Hist. Natural	HIST. UNIVER.	OBSERVAÇÕES
Alda de Sousa Pereira	8.08	8.68	8.92	4.5	6.41	6.92	5.41	6.74	7.75	
Blenda Linnea Enge	7	7.53	8.81	5.9	6.20	4.78	3.73	5.33	7.75	
Josephina Rovere	6.78	6.77	7.59	3.7	6.77	7.51	4.11	8	8.15	
Maria Esther Soares Bicudo										Eliminada
Zuleika Oliveira	5.5	5.71	6.28	4.6	6.6	7.08	4.21	4.83	6.25	
Jandyra Marques de Oliveira	4	4.71	4.84	R	5	5.36	4.31	3.08	-	
Maria José Coelho	4.35	4.33	4.77	3.57	4.5	4.98	3.57	5.23	-	
Antonio Ferreira Cesarino Junior	9.33	8.78	8.55	5.8	7.3	9.88	8.3	8	8	
Alvaro Marcilio	4.5	5.37	5	3.77	5	5	4.08	4.13	5.8	
Decio Aguiar Sousa	5.33	6.71	7.24	4.8	7.33	7.98	6.05	5.66	6.4	
José Ferraz do Amaral	5	5.33	5	5.4	5	5.63	4.18	5.65	-	
Mario Ferraz Brochado	5.83	7.99	8.63	6.35	7.41	7.72	5.88	6	8	
Odilon Araujo Grellet	6.4	8.00	7.35	6.6	8.05	7.76	5.01	5.23	7.75	
Oswaldo Ribeiro Franco	6.6	8.73	9.26	8.34	7.5	7.76	7.35	8	8.4	
Omar de Assis	9.08	9.15	9.05	7.08	7.08	7.80	3.53	7.19	8.75	
Paschoalino Nucci	3.16	-	3.88	-	4.95	-	1	0.85	-	Não pagou taxa
Pedro Antonio Pierro	2.13	3.73	4.51	4.37	5.08	6.42	3.67	4.33	5.3	
Sildo Pereira da Silva	5	4.88	6.07	4.21	4.78	6.45	5.3	4.26	6.8	
Maria dos Anjos Freitas										Eliminada

5º anno .

Matriculados - 19.

Aprovados 14
 Reprovados em 1 materia 1
 Reprovados não pagou taxa 2
 Eliminados 2
 Total - 19

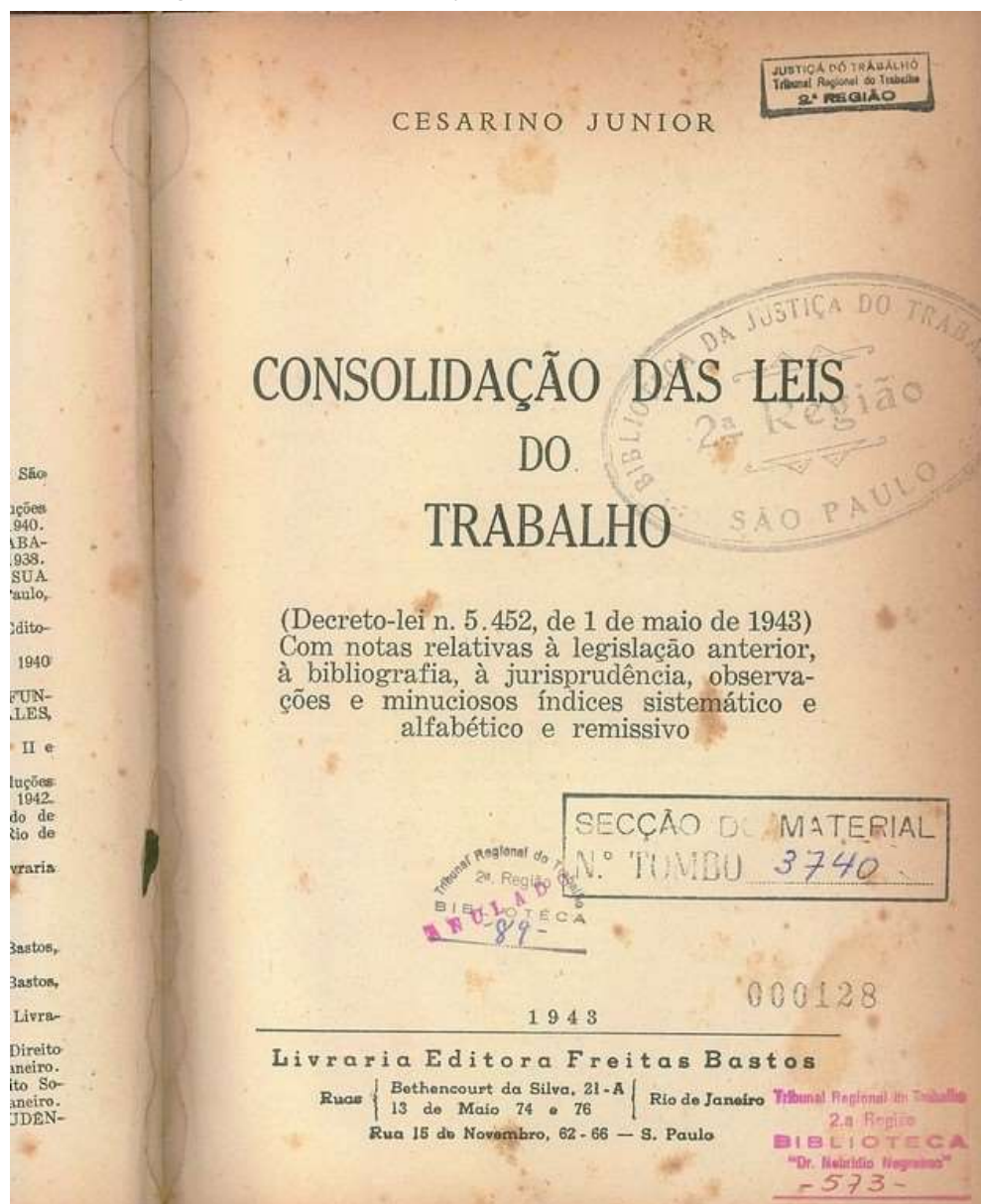
Fonte: Livro de registros mantido no Memorial da EE Culto à Ciência (1923)

Imagem 36 - Ata de aproveitamento dos alunos matriculados no Gymnasio, 6º ano
(entre eles, Antônio Ferreira Cesarino Junior)

NOMES	6º ANNO							Observações
	LITTERAT	ALLEMÃO	GREGO	FRF. CHIM.	HIST. NATUR.	HIST. BRASIL	PSYCHOLOG.	
Alda de Sousa Pereira	7,7	6,96	6,25	5,14	8,14	6,05	8,2	
Blenda Linnea Enge	6,8	8,13	7,7	5,38	7,66	7,25	5,77	
Maria José Coelho	3,58	3,60	5,2	3,57	3,57	4,75	3,52	
Josephina Rivere	6,5	5,25	6,2	4,25	6,77	7,85	5,77	
Zuleika Oliveira	5,75	4,36	7,7	4,58	6,50	7,5	6,5	
Antonio Ferreira Cesarino Junior	8,83	7,55	6,5	6,62	7,47	7,75	7,8	
Alvaro Marcilio	2	2	2	4,12	5,11	5,5	5,37	
Decio de Aguiar Spõsa	6,7	7,72	6,1	6,58	7,89	6,2	4,67	
José Ferraz do Amaral	2	2	2	5,1	5,88	6,5	5,41	
Mario Ferraz Brochado	7,3	7,09	8,07	9,07	7,53	8,25	7,2	
Omar de Assis	8,42	7,86	9,05	8,26	7,32	8,75	9,79	
Oswaldo Ribeiro Franco	8,66	8,10	9,05	9,54	9,05	9,1	9,11	
Sildo Pereira da Silva	6,1	4,41	4,1	6,50	7,16	6,25	5,2	
Pedro Antonio Pierro	5,5	4,35	5,35	4,91	5,28	6,95	5,3	

Fonte: Livro de registros mantido no Memorial da EE Culto à Ciência (1924)

Imagem 37 - Livro Publicado pelo Prof. Antônio Ferreira Cesarino Junior



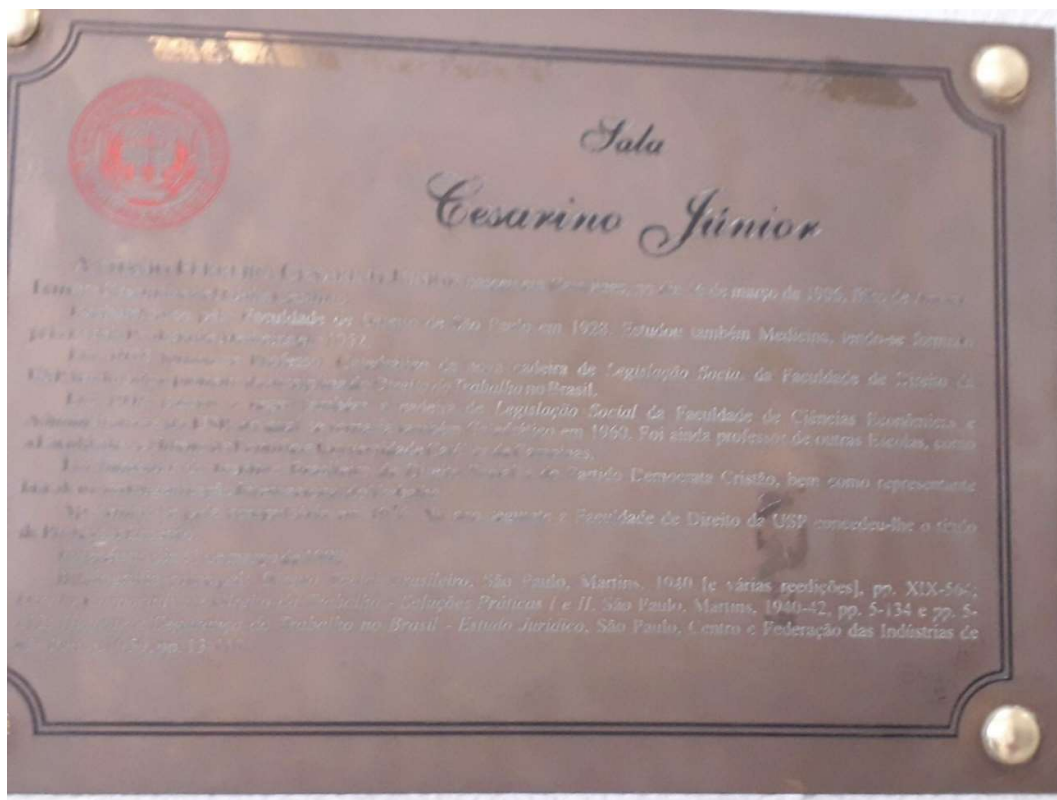
Fonte: Acervo pessoal (2020)

Imagem 384 - Na Faculdade de Direito- USP, fotografando a sala em homenagem ao Prof. Antônio Ferreira Cesarino Junior



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Imagem 39 - Placa em homenagem ao Prof. Antônio Ferreira Cesarino Junior
na Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo)



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Imagem 40 - Artigo 138 da Constituição Federal de 16 de julho de 1934

Constituição Federal de 16 de Julho de 1934

Nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte

Art 138 - Incumbe à União, aos Estados e aos Municípios, nos termos das leis respectivas:

- a) assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar;
- b) estimular a educação eugênica;**
- c) amparar a maternidade e a infância;
- d) socorrer as famílias de prole numerosa;
- e) proteger a juventude contra toda exploração, bem como contra o abandono físico, moral e intelectual;
- f) adotar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir a moralidade e a morbidade infantis; e de higiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis;
- g) cuidar da higiene mental e incentivar a luta contra os venenos sociais.

Fonte: Brasil (1934)